FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

TERÇA-FEIRA, 16 DE AGOSTO DE 1966

ANO 46.º — NÚMERO 15 684

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363
TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ

Começou o envio de tropas filipinas para combater no Vietnam do Sul

MANILA, 16 — (A. N. I.) — Uma centena de soldados filipinos — a guarda avançada de um contingente de dois mil homens — partiu hoje, de avião, de Manila para o Vietnam do Sul.

Espera-se que o contingente de tropas filipinas no Vietnam do Sul esteja completo em meados de Setembro.

As tropas filipinas vão juntar-se ás forças dos Estados Unidos, da Austrália e da Coreia do Sul que já lutam ao lado dos sul-vietnamianos contra os comunistas.

O grupo de soldados filipinos que hoje seguiu de avião para Saigão é chefiado pelo major Fidel Ramos, filho do ministro dos Negócios Estrangeiros das Filipinas, Narciso Ramos.

PROPOSTA PARA A CHAMADA DE RESERVISTAS AMERICANOS

WASHINGTON, 16 — (A. N. I.) — Ao Senado dos Estados Unidos foi proposta a concessão de poderes ao presidente Johnson para chamar ás fileiras certas classes de reservistas, sem necessidade de uma declaração oficial do estado de emergência nacional.

Segundo a proposta apresentada pelo senador Ricard B. Russell, presidente da comissão senatorial das forças armadas, as classes de reservistas que se mantêm aptas para o serviço, embora não tenham tido outra actividade além de treinos, devem poder ser chamadas a servir, pelo período normal de 18 meses.

Presentemente, o presidente tem autoridade para chamar os reservistas, até ao numero de um milhão de homens, mas só depois de ter sido proclamado o estado de emergência nacional.

Segundo a proposta do senador Russell, os reservistas que viessem a ser chamados teriam seis meses de treino antes de servirem, durante 18 meses, o que equivaleria a um serviço activo de dois anos, portanto equivalente ao dos mancebos recrutados pela primeira vez.

COMENTÁRIO INTERNACIONAL
de CARLOS FERRÃO

O TRABALHISMO INGLÊS

Tinham já um passado de lutas e apostolado os partidos socialistas da Europa continental quando o trabalismo inglês fez a sua aparição como força organizada na política do seu país. As cooperativas deram-lhe viabilidade, militantes e pioneiros. Estes recrutavam-se no proletariado que não escondia a sua instintiva desconfiança por doutrinários e intelectuais. Nada havia de comum entre esse movimento, sem ideologia nem chama, e os que do outro lado da Mancha reivindicavam a mesma etiqueta. Os nomes ilustres que, de Jaurès a Bebel, seduziram as massas e as mobilizaram para conseguir a realização dos seus objectivos na Alemanha Imperial, na França republicana, na Itália monárquica, não tinham émulos nem pares no socialismo britânico. Este era insular, como a própira nação. Durante muito tempo as organizações sindicais de um tipo inconfundível, as «trade unions», constituiram a sua base de recrutamento, recrutando-se os dirigentes na burocracia sindical, rudimentar e sem voos de imaginação nem arroubos de oratória.

Só mais tarde o ingresso nas suas fileiras de um numero limitado de professores e universitários permitiu ao trabalhismo alimentar aspirações eleitorais. Nada no seu programa ou na sua acção transcendia as reivindicações dessa força condenada a apelar para a greve e a sofrer o desemprego quando elevava a voz e pretendia fazer-se ouvir. O germanofilismo absurdo de alguns dos seus chefes, seduzidos pelo prestigio da social-democracia alemã e convencidos de que esta evitaria a guerra de 1914, comprometeu o trabalhismo na fase em que este evoluiu do puro trade-unionismo para tentar voos mais largos e erguer o edifício da sua futura grandeza.

O triplo crime em Londres

(Ler na pág. 18)

A Síria decidiu adoptar uma estratégia ofensiva contra Israel

— segundo a Rádio de Damasco

TEL AVIV, 16. — (F. P.). — O conselho de ministros israelita reuniu-se, hoje, em sessão extraordinária, sob a presidência de Levi Eshkol, para discutir as disposições a tomar em consequência dos violentos incidentes de ontem, na região do Lago Tiberíades, e das declarações dos informadores oficiais sírios.

Os observadores políticos israelitas dão grande atenção ao comentário da Rádio de Damasco, dizendo que a Síria decidiu passar de uma estratégia defensiva a uma estratégia ofensiva, relativamente a Israel.

Por outro lado, os esforços para safar a vedeta da Polícia Marítima que encalhou, ontem, perto das posições sírias, continuaram pela noite adiante, mas não deram resultado. Prosseguiram esta manhã, na presença dos observadores da O. N. U. Entretanto, os sírios teriam principiado a abrir trincheiras em frente do local onde um dos seus «Migs» caiu ontem, no Lago Tiberíades, ao que parece para intimidar os israelitas que tentassem recuperar o aparelho.

VERSÃO SÍRIA DO INCIDENTE

DAMASCO, 16. — (F. P. e R.). — O ministro da Defesa sírio, general Hafez Assad, apresentou, em conselho dos ministros, o balanço do incidente de ontem, pela madrugada, entre as forças israelitas e sírias, no Lago Tiberíades. Afirmou que «onze vedetas armadas israelitas foram destruídas e contaram-se de 50 a 100 mortos, entre os tripulantes daquelas unidades».

A declaração foi reproduzida, esta manhã, pela Rádio de Damasco e os jornais «Al Baas» e «Al Soura». O ministro acrescentou: «A Aviação síria cumpriu inteiramente a missão que lhe estava confiada, e os aviões inimigos, que apareceram na região, não tardaram a fugir».

Em notícia proveniente de Tel Aviv, os israelitas tinham informado terem abatido dois caças «Migs» sírios, e um porta-voz militar israelita disse que a batalha se iniciara quando um barco de patrulha israelita encalhou perto de uma aldeia síria e ficou sob fogo. Os israelitas responderam ao ataque. O porta-voz disse que as baixas israelitas tinham sido de cinco feridos.

A caminho de uma guerra sino-americana?

Artigo de HENRI PIERRE

(Serviço combinado «Le Monde» — «Diário de Lisboa»)

Depois de analisada a atitude da China por Robert Guillain, e apreciado o estado de espírito dos norte-americanos por Claude Julien, Henri Pierre expõe, para terminar esta série, os receios e as razões da União Soviética.

IV — Os receios e as razões do Kremlin

O prosseguimento da *escalada* americana ao Vietnam preocupa sinceramente os russos, que verificam, com grande inquietação, não terem as suas advertências constantes impedido os Estados Unidos de se empenhar cada vez mais na guerra. Desde o começo das operações militares, mais precisamente a seguir aos primeiros bombardeamentos aéreos a Hanoi, os soviéticos não perderam uma só ocasião de advertir Washington contra aquilo que designam por um «erro de apreciação» á chamada passividade russa. Não se travaram conversações, oficiais ou privadas, em que, com vista ao interlocutor ocidental, não se insistisse no ca-

(Continua na 12.ª página)

32 PÁGINAS HOJE

JUVENIL
QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO
VIDA CIENTÍFICA
GUIA TURÍSTICO

VISADO PELA CENSURA

Nota do dia

ENVELHECER E REJUVENESCER

A teoria deste cientista britânico que pretende existir em volta da Terra um universo invisível no qual o tempo, em vez de andar para diante, andaria para trás (o que viria satisfazer o desejo expresso na conhecida canção), se não tiver outras consequências, tem pelo menos o mérito de criar algumas ilusões àqueles que ainda sonham com o elixir de longa vida e teimam em sobreviver à sua própria morte civil. E' certo que, mesmo antes de o dr. Stannard pôr diante das pessoas idosas a risonha perspectiva do regresso à idade da pré-dentição, já a experiência da vida nos tinha demonstrado que somos crianças duas vezes e que a velhice se aproxima com frequência da meninice. Pela teoria do sábio britânico, os mortais do universo paralelo ao nosso nasceriam já com os cabelos brancos e a dentição completa, o que também acontece no planeta em que habitamos, onde há menino que vem ao mundo já com o apetite de Gargântua e o seu lugar assegurado num conselho de administração. O cientista inglês antevê a possibilidade da transferência da matéria de um universo para o outro, o que permitiria estabelecer um ciclo de vida perpétua, isto é, os habitantes idosos transferidos do nosso universo para o outro regressariam à primeira infância, o que equivaleria a vender a alma ao Diabo, enquanto aqueles que tivessem o mau gosto de meter o nariz no nosso planeta seriam automàticamente relegados a uma velhice mais ou menos digna, quando não a uma senilidade incómoda. A insatisfação humana pode levar, com efeito, o nosso semelhante a cometer os maiores disparates. E não seria pequeno aquele que nos levasse a recomeçar a vida com os erros e as ilusões da mocidade. O dr. Fausto já tentou a experiência do cientista inglês e não lhe deu grande resultado. Que o digam as Margaridas, que foram as vítimas inocentes dessa primeira tentativa de rejuvenescimento por processos químicos, numa época em que não se tinham descoberto ainda as virtudes miraculosas das glândulas de macaco.

Vinte e quatro vítimas na queda de um avião

VIENA, 16 — (R.) — O jornal diário independente «Kurier», desta cidade, informou hoje de que tinham morrido, pelo menos, 24 passageiros na queda de um avião de carreira romeno «Ilyushin 14», a qual se despenhara há cinco dias.

O avião, pertencente á companhia do Estado romeno de linhas aéreas Tarom, despenhou-se devido a uma trovoada.

A PROPÓSITO DO PROJECTO DO NOVO CÓDIGO CIVIL — 39

O debate sobre a situação da família ilegítima

Pede-nos o nosso prezado colaborador sr. dr. Vasco da Gama Fernandes que publiquemos a carta cujo texto reproduzimos a seguir e em que comenta as considerações que publicámos no dia

(Continua na página seguinte)

• • • • TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP • • • •

De ontem para hoje

A ESTRADA DA BATALHA

A estrada que de Lisboa vai ao Porto tem agora rectificado o troço que passa perto do Mosteiro de Santa Maria da Vitória. O monumento vê-se de frente para a estrada, mas em plano inferior a esta e exposto á poeirada que não deixará de o afectar. Não seria possível, mostrando-o bem a todos quantos passam na principal rodovia portuguesa, protegê-lo e dar-lhe um enquadramento apropriado? É sabido que monumento em descampado perde grandeza. Necessária seria talvez uma moldura arbórea conveniente. Esse troço de estrada foi inaugurado anteontem. Completavam 581 anos sobre o dia em que ali se jogaram os destinos de Portugal. Ontem, ao fim da tarde, esteve lá o sr. Presidente do Conselho. O visitante foi saudado pelo presidente da Câmara Municipal da Batalha e por outras autoridades distritais e concelhias.

MUTILADA

Foi na estação de Carcavelos, ontem á tarde. Não se sabe bem como foi, mas a verdade é que D. Zulmira da Conceição Santos, de 21 anos, moradora na Rua Dr. Gama Barros, ficou sob o comboio. Este rolou e quando ficou livre a via estava a jovem com ambas as pernas decepadas. Foi levada ao Hospital de Cascais e, depois, para o de S. José onde ficou internada.

MAUS FÍGADOS

Não são grande coisa os fígados do cigano José Martinho, acidentalmente a viver em Vale da Senhora da Póvoa. Ontem, pegou num pequenito de 4 anos José Leal de Figueiredo, ao colo e nos braços o foi levando. O pequeno esperneava e debatia-se, mas os braços do seu carrasco apertavam como tenazes. Levou-o até um poço e atirou-o á água e para a água ficou a olhar alarvemente e a sorrir... Presenciou o facto a sr.ª Maria de Jesus Cheicho, que gritou por socorro e estendeu uma vara ao miúdo, que de outra forma teria sido vítima dos maus instintos do cigano José Martinho.

LEVADOS NA ÁGUA

«Porque não espalhar piscinas e escolas de natação por esse País fora? Não é só a saude que a água lustral dá ás gentes, a alegria esfuziante que traz á miudagem e á mocidade, a satisfação e repouso que traz aos adultos. Não é apenas isso. Quantas e quantas vidas se perdem durante o ano, sobretudo, no tempo calmoso, em que apetece a água do rio ou do mar, por não saberem nadar os que se afoitam aos rios e ás praias! Os jornais vêm cheios todos os dias de mortes por afogamento. Ainda ontem, na praia de Faro se ficou para sempre o jovem Bernardino Nunes do Nascimento, de 14 anos. Fora para lá ás 10 horas, em companhia de um amigo o Mário Mendes Rodrigues, de 15 anos. Era aprendiz de serralheiro o Bernardino. Sentou-se numa camara-de-ar, esta voltou-se e ele foi á água. O companheiro gritou, gritou, acorreram populares, mas até alta noite não foi restituido pelas águas o corpo do Bernardino Nunes do Nascimento. Em Santa Cruz do Douro, perto de Baião, caiu ao rio Douro o sr. Manuel de Carvalho Lima, de 27 anos, operário da construção civil, morador no lugar do Abelhal. Não voltou ainda a aparecer. No lugar do Pinheiro do Murtal, junto a Vila Nova de Ourém, a sr.ª Maria José Noivo, de 68 anos, tirava água de um poço. Em dada altura a picota partiu-se e atingiu-a, atirando-a ao fundo da cisterna. Quando deram pelo desastre, já a vida se lhe fora á sr.ª Maria José Noivo.

ESTRADAS DE TRISTEZA

Na auto-estrada, um automóvel colheu esta madrugada o sr. António dos Santos, de 45 anos, e outro homem cuja identidade se desconhece e que chegou ao Hospital de S. José já morto, enquanto o sr. Santos lá ficou internado com graves contusões. Na estrada Venda Nova-Amadora, no local conhecido por Quinta do Estádio, foi atropelado também de morte o pintor de automóveis sr. Carlos Alberto Barradas Moreira, morador no Bairro da Boavista. No Hospital de S. José só pôde ser verificado o óbito.

O cantor de «Orfeu Negro» está a actuar no Casino Estoril

A voz quente e inconfundível de Agostinho dos Santos — o intérprete de «Tristeza não tem fim» do filme «Orfeu Negro» — entusiasmou ontem a numerosa assistência que foi ouvi-lo ao Casino Estoril. Foi um êxito a sua actuação — que a foto documenta — e ele vai repetir-se, certamente, hoje e amanhã, á noite, pois Agostinho dos Santos dará mais dois espectáculos no Casino Estoril.

A PROPÓSITO DO PROJECTO DO NOVO CÓDIGO CIVIL

(Continuação da página anterior)

11 de Julho, da autoria do sr. prof. dr. Fernando Pires de Lima.

«1 — É a segunda vez que o prof. dr. Pires de Lima se ocupa do humilde advogado que subscreve esta resposta. Da primeira, a propósito duma minuta publicada na «Revista da Ordem dos Advogados», que mereceu, na «Revista de Legislação e Jurisprudência», algumas linhas humorísticas ao mestre coimbrão, e agora mercê do depoimento sobre a situação da família ilegítima que o «Diário de Lisboa» inseriu no seu numero de 11 do corrente.

Regozijei-me, em princípio, pela decisão do prof. Pires de Lima, abandonando a torre inexpugnável da «Revista de Legislação e Jurisprudência» e descendo até ao vespertino de larga projecção, mas reconheço que foi de pouca dura o regozijo, porque na sua resposta em apreço me promete voltar ao assunto nas colunas da Revista, de que é director.

Para aí não vou, sr. professor... E não vou porque, além de não acreditar no consentimento para uma defesa ampla nas colunas «eleitas» da revista da Lusa Atenas, o problema se situa, como sempre o situei. A discussão dum projecto do Código Civil não pode acantonar-se nem no círculo estreito das revistas da especialidade, nem nos «clubs» do tipo da Livaria Coimbra Editora e do Instituto Jurídico, nem ás Salas mais arejadas da Ordem dos Advogados, nem ao profissionalismo dos cultores do Direito ou dos simples práticos dos Tribunais. É problema da *rua* e a *rua* aqui, como aliás em qualquer situação, é a voz esclarecida, e tantas vezes conseguida, do Homem e da Mulher, letrados ou não, universitários ou simples autodidactas, para quem o Código se destina e que, regulador como é da maioria das relações sociais, fatalmente interessa á vida, á fazenda e á honra dos outros mortais.

Destarte nada de revistas domésticas, por mais ilustres que sejam alguns dos seus colaboradores.

A *coisa* é connosco, com todos: com o prof. Pires de Lima, comigo, desvalido advogado que sua as estopinhas para ganhar o pão de cada dia, para o engenheiro e para o médico, para o escritor e para o gramático, para o economista e para o sociólogo, para o chefe de oficina e para o agricultor, para o operário e para o estudante. Deslocar o centro das atenções para a monotonia da revista é trair uma das mais mais altas missões dos que têm o dever de prestar contas.

2 — E como para o público me dirijo, a ele devo, para já, uma outra explicação.

Um Código Civil é, pela sua natureza especial, o diploma mais susceptível de interpretações, de controvérsias, de colóquios — estas fórmulas civilizadas que permitiram as críticas vivas, e por vezes violentas, do projecto de Seabra, sem que o Ilustre jurisconsulto se endeusasse, e que do mesmo modo vulneraram (segundo expressão do meu querido Amigo e Colega Carlos Mourisca) o projecto brasileiro de Clovis Bevilacqua, com as suas 1757 emendas, propostas por uma Comissão do Senado presidida por Rui Barbosa.

Ninguém nesse tempo pensou que um diploma de tão larga gestação pudesse ser discutido em quatro meses; por outro lado o livre debate dos problemas nacionais concederia ao projecto a dignidade exemplar e merecida e até o poder legislativo sobre ele se pronunciaria.

Basta ler o que se escreveu então; basta, depois, debruçarmo-nos sobre os jurisconsultos portugueses que se ocuparam da matéria, e com eles os profanos válidos e, finalmente, compulsar os Comentários de Dias Ferreira, de notável austeridade, as lições de José Tavares e de Guilherme Moreira, entre outros, e até o exaustivo, a despeito de, por vezes, contraditório, «Tratado» de Cunha Gonçalves, para se avaliar das dificuldades no entendimento dos textos, apesar da clareza majoritária, das dúvidas gramaticais e lógicas. E com os jurisconsultos e profanos as montanhas jurisprudenciais e doutrinais das revistas, dos pareceres, das minutas, — algumas vezes parindo ratinhos precoces, outras emitindo opiniões de excepcional autenticidade.

Em muitos casos pode-se afirmar, sem receio de desmentido, que os preceitos se alteraram na sua substância e intenção, de tal forma que mal se recorda já a originalidade nascente!

Se tudo isto foi possível, e ainda o é, num Código envelhecido na sua juventude sobranceira, o que não sucederá com o Projecto em discussão?...

Daí o nosso protesto na primeira entrevista concedida ao jornal «República», de 20 de Junho, e onde se critica, veementemente, o silêncio da gestação e se propunha uma larga disseminação dos preceitos para uma, também, larga intervenção nacional.

Compreende-se, assim, que nem todas as interpretações se ajustam. Vamos mais longe: que a leitura do Projecto em «sprint» permite erros na interpretação, pela brevidade imposta e pelo condicionalismo temporal em que o fenómeno se processa, à beira das férias judiciais.

Felizmente para nós não nos incluimos na lista dos «intocáveis», dos obstinados e dos empedernidos.

Temos a consciência das nossas possibilidades, da carência das nossas dilimitações: homem como outro qualquer podemos errar, mas não teimamos. Podemos *aguentar*, sim, mas não nos conformamos.

É, pois, com convicção, até prova em contrário, que asseveramos que desta vez temos razão, o que, por si só, siginifica, que os reparos do prof. Pires de Lima, na sua carta de 16 do corrente, nem nos convenceram, nem filham as suas raízes em qualquer omissão ou desacerto da nossa parte.

E diremos porquê.

3 — Pretende o prof. dr. Pires de Lima haver no meu depoimento uma inexactidão quanto á redacção do n.º 2 do art.º 1863 do Projecto, na medida em que considerava a virgindade e a menoridade de 18 anos, aplicado a todos os casos.

Não é assim. Claro que ainda tinha no meu espírito a disposição do art.º 1883 do ante-Projecto, em que no seu n.º 2, não sei se redigido, directa ou indirectamente, pelo prof. Pires de Lima, se exigiam aquelas duas condições para a relevancia da sedução; e do mesmo modo ainda não me havia esquecido do absurdo da alínea e) do art.º 1880 do mesmo ante-Projecto, em que, também, se exigia a comprovação das promessas de casamento por carta ou outro escrito do sedutor.

A verdade, porém, é que no depoimento não confundi as duas situações, pois me limitei a protestar, duma forma geral, contra a *notoriedade* para o segundo caso e contra aquelas duas condições para o primeiro e daí as sugestões para uma futura reforma no sentido de a sedução ser possível «em qualquer idade da ofendida, virgem ou não, com abuso de autoridade ou de confiança, considerando-se como tais um namoro sério e publicamente reconhecido, coincidindo a época do nascimento com a época da sedução».

Admito, no entanto, que não fosse, suficientemente, claro neste ponto, mas uma mediana boa fé supriria qualquer defeito de redacção. Estava, no entanto, á espera dum ataque frontal do prof. Pires de Lima á *essência* das minhas razões e não á forma do arrazoado.

Entendeu o prof. Pires de Lima que era mais cómodo interpretar a seu modo o que escrevi do que suscitar uma duvida que eu, prontamente, esclareceria.

Persisto na opinião de que a *notoriedade* vai permitir uma aluvião jurisprudencial e que o problema das seduzidas até aos 18 anos e mesmo depois, as transformará em «coisas possuíveis», á mercê dos «muçulmanos» portugueses que, ainda, se dediquem a coleccionar favoritas, desprezadas pela lei e postergadas com ofensa da Moral e do Direito.

O que mais me agradaria era a controvérsia frontal. Tentarei fazê-lo quando o prof. Pires de Lima, como promete, proferir as suas lições na «Revista de Legislação e Jurisprudência». Espero que da parte de Sua Excelência se envidarão todos os esforços para que não suceda aquilo que sucedeu no nosso primeiro encontro ou desencontro.

O outro ponto seria eu entender que, para a investigação oficiosa, se tornava necessário, na petição inicial, indicar as condições de admissibilidade.

No ante-Projecto (arts. 1863 e segs.) determinava-se que ao Ministério Publico incumbia (artigo 1865) a remessa para o Tribunal competente, a fim da acção ser proposta desde que se concluisse pela viabilidade da mesma acção, isto no caso de oposição do pretenso pai.

No Projecto em apreço diz-se, na verdade, que, nesta hipótese, a acção não está sujeita ao condicionalismo do art.º 1860.

Pareceu-nos que o entendimento destes ultimos preceitos não podia, em qualquer caso, excluir a alegação de *factos*, a despeito da restrição que está, incongruentemente, deslocada.

Nem se pode compreender de outro modo: O Tribunal de Menores não deve limitar-se a escrever um *ofício*, dizendo, simplesmente, que a mãe está *certa* e que o pretenso pai é *aquele*. Terá jue, dentro das regras elementares da prova processual, alegar:

a) ou que o filho, mesmo no ventre, foi reputado e tratado como tal pelo pretenso pai e reputado pelo publico.

b) ou que existe carta ou escrito do pai em que se declare, inequívocamente, a paternidade;

c) ou que houve convivência notória da mãe e do pretenso pai no período legal da concepção;

d) ou que tenha havido violência exercida pelo pretenso pai contra a mãe no mesmo período;

f) ou, finalmente, que tenha havido sedução da mãe no período legal da concepção.

Se a petição não contiver factos conducentes a provar a paternidade será ela rejeitada «in limine», por carência de lei aplicável.

Daí o poder assegurar-se que a viabilidade das acções deste tipo depende da prova de alguns dos casos, isoladamente ou em conjunto estatuídos no art.º 1860.

Aguardarei, e comigo os juizes que hão-de julgar pleitos desta natureza, que o prof. Pires de Lima nos ensine como se podem propor acções sem fundamento legal.

E é tudo o que, por agora, se me oferece dizer sobre a carta do responsável directo ou indirecto da situação jurídica a criar para os desventurados filhos ilegítimos nesta terra em que os «pais ilegítimos» são colocados na posição de triunfantes e vencedores, á margem da Humanidade portuguesa e da Humanidade de qualquer país que se preze de ser civilizado. — *Vasco da Gama Fernandes.*

LINHAS AÉREAS

A P. A. A. quer estabelecer uma carreira com Moscovo

A P. A. A. solicitou á Administração da Aeronáutica Civil dos Estados Unidos para considerar, com urgência, no estudo das novas rotas transpacíficas, as carreiras para Moscovo.

X FESTIVAL DE SINTRA

HOJE, 21.30 horas
Teatro Carlos Manuel — Sintra
Orquestra Sinfónica da E. N.
Direcção de Silva Pereira
Solista: ALDO CICCOLINI
Obras de Paul Dukas, Rachmaninoff e Ravel

AMANHÃ, 21.30 horas
Palácio Nacional de Queluz
Recital: ALDO CICCOLINI
Obras de Alban Berg, Schubert e Mussorgsky

Ora, diga-nos...

— Já gozou as suas férias?

● *O sr. Luís da Silva, sapateiro, não tem férias no sentido normal da expressão. Sim, descansa: á sua maneira. Mas férias, daquelas de ir aboborar para uma praia, não senhor. E explica-nos porquê:*

— Trabalho por conta própria todo o ano. O meu ofício é pouco compensador. Se tivesse posses ia até Valença do Minho, que é a terra do meu pai, e ficava por lá uns tempos. Um pulinho a Tuy, do outro lado da fronteira... Mas assim não pode ser. Consolo-me com umas tardes entre malta amiga, quando calha haver feriado. Os domingos também são jeitosos. Enfim, coisas de quem precisa de fazer pela vida.

● *Um empregado bancário, o sr. Isaías Rodrigues Seixas, confidenciou-nos seguidamente:*

— Já gozei, sim senhor. Tive vinte dias de férias em Abril-Maio. Para onde fui? Para parte nenhuma, fiquei em Lisboa. Gostava de ir ao Algarve, mas dir-me-á como? Sou eu, minha mulher e quatro filhos. Ir ao Algarve, mesmo sem cair em luxos, não está ao alcance de uma família numerosa.

● *Por ultimo disse-nos o sr. António Cardoso, servente da construção civil:*

— Nunca tive férias. Não acredita? Olhe que estou a falar verdade. As minhas férias têm sido quando fico de cama com alguma doença passageira, e são os domingos, em que se descansa mas não se ganha. Quanto ao mais, não posso parar... Preferência por algum sítio bonito para férias, pergunta o senhor? Francamente, não sei. Foi problema que nunca pus a mim próprio.

O Regimento de Cavalaria 4 comemora depois de amanhã o «Dia da Unidade»

SANTA MARGARIDA, 16 — O Regimento de Cavalaria 4, aquartelado em Santa Margarida, comemora depois de amanhã o «Dia da Unidade», com diversas cerimónias, a que assistem o vice-chefe do Estado-Maior do Exército, general Sá Viana Rebelo, em nome do ministro do Exército, e outras individualidades militares, entre as quais os srs. generais Amaro Romão e Ribeiro de Carvalho, respectivamente, comandante da 3.ª Região Militar e director da Arma de Cavalaria.

O programa, a cumprir depois das 15 horas, compreende uma cerimónia evocativa do combate da Mongua, com formatura geral do Regimento, alocução relativa á data comemorativa, inauguração de uma placa evocativa do R. C. 4, condecoração de pessoal do Regimento galardoado durante o último ano (1965-1966) e desfile e continência, na Aevnida Central, perante as altas entidades presentes; inauguração de placas nas paradas de Carros de Combate, dando a estas os nomes de «GDCC» e «GC/RC8»; e festival desportivo militar, com apresentação de uma classe de ginástica educativa (alferes Lucas e aspirante Fernandes), apresentação de uma classe de ginástica de aplicação militar (alferes Sousa Pinto e aspirante Monção), demonstração pelo pessoal técnico de manutenção (tenente N. Gaspar), apresentação de uma acção de combate por um Pel. CC (reforçado), (direcção do capitão Reis de Carvalho e comando do aspirante Oliveira) e evoluções pela fanfarra.

Despedida de tropas que vão para o Ultramar

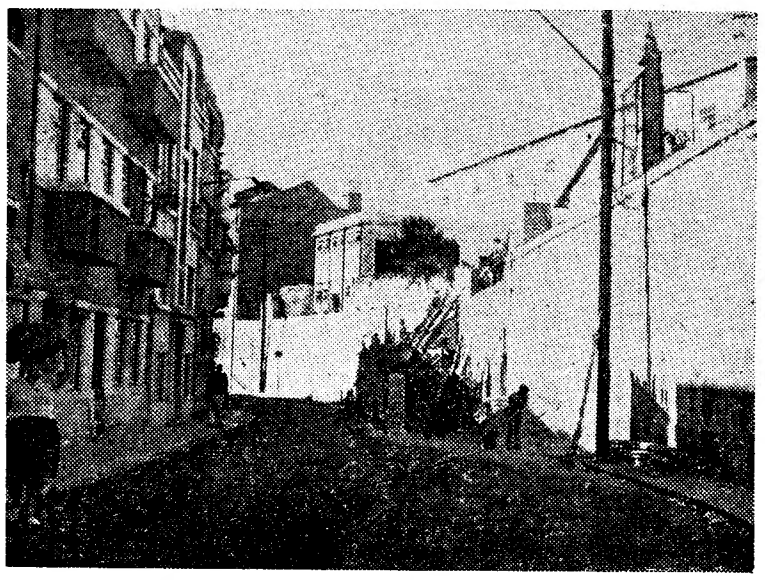
No Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa, em Queluz, efectua-se depois de amanhã, ás 15 e 30, uma festa de despedida a pessoal daquela unidade que vai embarcar para o ultramar. A cerimónia consta de formatura geral, entrega dos guiões ás companhias expedicionárias e espectáculo de variedades. No final será servido um beberete.

NÃO MORREU A RAPARIGA ATROPELADA entre Setúbal e Águas de Moura

Está viva, ao contrário do que se noticiou, a jovem Beatriz de Oliveira Lázaro, residente em Gambia (Setubal) que na madrugada de ontem foi colhida por um automóvel, quando se apeava de uma camioneta, entre Setubal e Águas de Moura. A sinistrada continua no hospital, mas o seu estado de saude, felizmente, é satisfatório.

Mercês honoríficas

Foram agraciados: com o grau de grande oficial da Ordem Militar de Cristo os srs. dr. António Carlos Proença de Figueiredo e eng.º Manuel Coelho Mendes da Rocha; e com o grande-oficialato da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada o dr. João Alexandre Ferreira de Almeida.



Na Penha de França, ao cimo da Calçada do Poço dos Mouros, as obras de reconstrução do muro do antigo quartel (que abateu há tempos) engoliram metade da rua. Os trabalhos não foram sinalizados, e o mesmo sucede com a alteração do trânsito, agora a contas com este estrangulamento num trajecto entre duas curvas. Prudência, senhor automobilista — esqueceram-se de si!

BEBA

Pinga Real

vinho puro sem rival

VIÚVA DE ANTÓNIO LUÍS DA SILVA, LDA.
Rua da Cascalheira, 7 — Telef. 63 82 61 — LISBOA

Diario de Lisboa

COIMBRA

FINDARAM AS AULAS

E COMEÇAM AMANHÃ OS EXAMES DO CURSO DE FÉRIAS DA FACULDADE DE LETRAS

Terminaram hoje as aulas do XLII Curso de Férias da Faculdade de Letras com as lições pelos srs. prof. dr. Valter de Medeiros, sobre «Língua Portuguesa»; dr. Aníbal de Castro, «Curso Geral de Literatura Portuguesa»; prof. dr. Salvador Dias Arnaut, «Presença dos Portugueses em África», e dr.ª D. Ofélia Milheiro Caldas, «Leituras Comentadas-II».

Amanhã, ás 10 horas, começam as provas escritas dos três cursos: Português Elementar — Ditado e Redacção, Português Complementar — Ditado e Redacção, Análise Mormológica, Sintática e Estilística, e Português Superior — Exposição de um ou mais assuntos de Filologia Portuguesa ou de Literatura Portuguesa versados nas aulas do Curso de Férias (Os candidatos deviam ter mencionado no requerimento de exame a sua opção por Filologia ou Literatura). As provas escritas têm a duração de duas horas.

Depois de amanhã, também ás 10 horas, começam as provas orais para os três cursos. Para o Curso Elementar — Português: leitura, gramática, conversação. Fonética: análise fonética, vocabular e elocucional de um pequeno texto. Português Complementar — Português: Interpretação de um texto literário. Comentário gramatical; Literatura: a) — Interpretação histórico-literária de um texto; b) — Leitura comentada de um texto literário. Português Superior — Filologia: Comentário filológico de um texto em português arcaico e interrogatório sobre as matérias dadas nas aulas do Curso de Férias. Literatura: Leitura e comentário de um trecho literário. Interrogatório sobre os principais autores e matérias da Literatura portuguesa, em especial sobre assuntos versados nas aulas de Literatura Portuguesa do Curso de Férias. História: Factos da História de Portugal Europeu e Ultramarino. A duração de cada uma destas provas é de 15 minutos.

TAUROMAQUIA

Em Cascais

Com touros do sr. conde de Caral, bravos e com poder, foram aplaudidos os cavaleiros Manuel Conde, ovacionado e com volta á arena quando a sós; José Lupi, ovacionado; Alfredo Conde, ovacionado e com triunfal volta á arena. Clemente Espadanal, em substituição de José Nuncio, foi aplaudido. Pegaram com valentia e deram voltas á arena os forcados-amadores de Évora e do Montijo.

Fernando Santos corta orelhas

ZURITA, 15 — Fernando Santos cortou duas orelhas e rabo no seu primeiro e foi ovacionado com volta á arena no outro. José Luís Segura cortou orelha no seu primeiro e foi aplaudido no ultimo. — (E.)

Em Sá da Bandeira

De Angola regressaram hoje, por via aérea, o cavaleiro José Maldonado Cortes e os matadores José Trincheira e José Simões, que em Sá da Bandeira, na tradicional tourada das Festas da Senhora do Monte, lidaram touros do sr. José Alves, de Benguela.

José Maldonado Cortes foi ovacionado, deu volta á arena e chamado ao centro. José Trincheira foi aplaudido no seu primeiro e ovacionado no ultimo, em que bandarilhou com José Simões. Este retribuiu o convite para bandarilhar e foi ovacionado com a capa e mais com a muleta, terminando com toques das hastes, dando volta á arena e sendo chamado ao centro. A praça encheu-se e o espectáculo agradou plenamente.

O Teatro do Ateneu de Coimbra em Viana do Castelo

O Teatro do Ateneu de Coimbra, sob a orientação do sr. dr. Mário Braga Temido, vai, depois de amanhã, a Viana do Castelo, tomar parte nas Festas da Senhora da Agonia, apresentando-se no Teatro Sá de Miranda.

Na primeira parte, de homenagem a Gil Vicente, serão representados trechos de autos, tais como o «Vaqueiro», «Fidalgo», (Lavrador», «Moça», «Frei Passo» e «Mofina Mendes»; e, na segunda, a farsa de Mestre Pathelim, de autor francês do século XVI, desconhecido.

Festejos tradicionais

De 21 a 27 do corrente e de 4 a 7 de Setembro, decorrem na Academia as tradicionais festas de Nossa Senhora da Luz, que costumam ser muito concorridas.

O programa, incluindo a parte religiosa, foi elaborado, com todos os cuidados, pela respectiva comissão, da qual fazem parte os srs. Vítor de Oliveira Pratas, juiz; Fernando Pratas Leite, Serafim Pereira Ramos, Joaquim de Albuquerque, Valença, José de Albuquerque Valença e José Dias Gomes. Haverá números de grande interesse. A imponente procissão sairá no dia 4 de Setembro; e haverá, todos os dias, além do mais arraiais, com quermesses, «ranchos» folclóricos, organizados por uma comissão de raparigas e rapazes, constituido por Maria do Rosário Pratas Leite, Maria Alice de Carvalho Loureiro, Hermínia Madeira, Rosa Ferreira Simões, Albertina Henriques Serras, António Soares Marques, José Marques e Mário Craveiro.

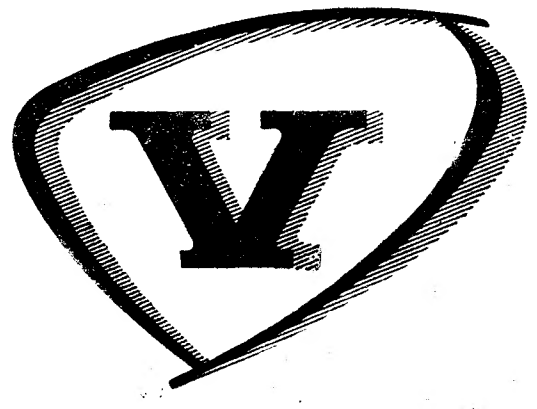
Espectáculos para hoje

CINEMAS

TIVOLI — Às 21 e 30: «Os quatro filhos de Katie Elder» (12 anos).
ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Às 21 e 45: «O mais selvagem entre mil» (17 anos».

Farmácias de serviço

Donato — Rua Ferreira Borges (Tel. 22603).
Cruz Viegas — Rua do Brasil (Tel. 22961).
Cruz & Costa — Rua Doutor António de Vasconcelos (Tel. 22715).
Rainha Santa — Rua da Figueira da Foz (Tel. 24737).



VALADARES

SÍMBOLO DA MAIS ALTA QUALIDADE EM CERÂMICA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

TEATRO VILLARET

Um êxito de gargalhada

Prossegue a representação, no moderno e confortável Teatro Villaret, da farsa onde o riso não se disfarça: «Quando é que tu casas com a minha mulher?», espectáculo de gargalhada recomendado pelo Comité Internacional do Riso. Em cena estão, além de Raul Solnado, alegres comediantes, como Maria Paula, Cortês, Nicholson Glória de Matos, Maria Laurent e Ângela Ribeiro. «Quando é que tu casas com a minha mulher?», que Francisco Nicholson encenou, está em cena todas as noites, em duas sessões, ás 21 e ás 23 horas, destinando-se a um publico que deseja rir e que sabe rir com gosto. No Teatro Villaret, há bilhetes desde 15$00 e ar refrigerado.

VARIEDADES

Uma comédia popular

Está em ultimos dias, no cartaz do Variedades, para subir á cena no Teatro Sá da Bandeira do Porto, a comédia popular espanhola, de Angel Lozano, em tradução de Henrique Santana, «A Cidade não é para mim», numa interpretação notável de Ribeirinho, com Maria José, Yola, Manuela Maria, Catarina Avelar, Guida Maria, Com Carlos Duarte, Rui Mendes, António Montez, Carlos Cabral e o popular actor cómico Emílio Correia.

CAPITÓLIO

Uma peça discutida

Vai subir á cena, esta semana, no Capitólio, a comédia «A mulher do roupão», de Ted Willis, em tradução de R. Lobato Faria e com encenação de Manuel Santos Carvalho. O elenco desta discutida peça, compreende Laura Alves, numa nova fase da sua carreira, o prestigioso actor Rui de Carvalho e Alina Vaz, Manuela de Freitas, Rolando Alves e os jovens estreantes Leonor Poeira e Vasco Morgado Jr.º. «A mulher do roupão», o novo espectáculo de Vasco Morgado, constituirá, por certo, um dos grandes acontecimentos teatrais da temporada.

MONUMENTAL

O próximo espectáculo

Alguns dos nossos melhores cenógrafos trabalham, dia e noite, em grande azáfama, para que o grande espectáculo «Esta Lisboa que eu amo», constitua, como se espera, o sensacional espectáculo da temporada. Sob a direcção de Pinto de Campos, trabalham Mário Garcia, João Teodoro, Manuel da Cunha e Silva, Marcelo da Cunha e Silva, Hernani Lopes, Manuel Príncipe, José Maria Marques, Botelho, Moniz Pereira e muitos jovens, que dia a dia, verão os seus nomes aparecer em publico. A campanha de publicidade está a cargo de Estudios Jorge de Carvalho, estando já montado um cartaz, no próprio Teatro Manumental, de grandes dimensões.

ROMA

Um filme desvairado

Depois de uma época, que se pode considerar excepcional, o cinema Roma proporciona, agora, uma curta temporada de reposições de filmes em 70 mm, a preços normais. A série, que abriu auspiciosamente com «Sombras Brancas», continua neste momento com o impagável filme de Stanley Kramer, «O Mundo Maluco», cartaz onde a «loucura», a crítica desvairada, a situação impossível e o ritmo alucinante são «vedetas», para infinito gozo do publico. Graças a uma impecável trucagem, a uma fotografia de primeira ordem e á colaboração ignorada de uma série de «duplos» exímios na «arte» de enfrentarem a morte, Kramer conseguiu assombrar o mundo cinematográfico, dando-lhe o mais imprevisto e desvairado dos filmes. Um fabuloso elenco — grande parte dele constituído pelos chamados «actores secundários» —, com Spencer Tracy como primeira figura, viveu com magistral euforia esta trepidante corrida á caça do dinheiro, mola real de todas as vidas e de tôdas as atitudes... «O Mundo Maluco», que resulta em duas horas e meia de ininterruptas gargalhadas, torna-se portanto, num novo êxito, a acrescentar

(Continua na 6.ª página)

Na época própria
um espectáculo 100% feliz!

AMANHÃ no IMPÉRIO

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES!
NO VARIEDADES
T 326037
A NOITE, às 21.45 h.
MAIORES DE 12 ANOS
RIBEIRINHO
no protagonista da comédia
A CIDADE NÃO É PARA MIM
UMA PEÇA CHEIA DE GRAÇA, ESPÍRITO E COMICIDADE
Um espectáculo de VASCO MORGADO

16.ª SEMANA DE ÊXITO
No elenco: MARIA JOSÉ ● YOLA ● MANUELA MARIA ● CATARINA AVELAR ● GUIDA MARIA com CARLOS DUARTE ● RUI MENDES ● ANTÓNIO MONTEZ ● CARLOS CABRAL ● VIC. GALFO e ainda EMÍLIO CORREIA
DIA 1 SETEMBRO
no Porto — Teatro Sá da Bandeira

Sean Connery perdeu a cabeça!...

E o caso não era para menos! Meteram-no num filme onde não falta acção às "carradas" e... beldades como

Joanne Woodward

e

Jean Seberg

... Por algum motivo ele é

UMA PRODUÇÃO JEROME HELLMAN

O malandro encantador (A FINE MADNESS)

com PATRICK O'NEAL · COLLEEN DEWHURST CLIVE REVILL · WERNER PETERS · JOHN FIEDLER KAY MEDFORD · JACKIE COOGAN · ZOHRA LAMPERT · SORRELL BOOKE e SUE ANE LANGDON · Música de John Addison
Um FILME DO CAMPINO ASTORIA FILMES Real. de IRVIN KERSHNER Argumento: ELLIOTT BAKER Produção: JEROME HELLMAN
TECHNICOLOR® UM FILME WARNER BROS.
Maiores de 17 anos
HOJE, ÀS 21.30 ESTREIA NO MONUMENTAL

Maiores de 6 anos

PRAÇA DE TOUROS DE CORUCHE

EXTRAORDINÁRIA CORRIDA DE TOUROS
DIA 17 DE AGOSTO, pelas 17.30 horas
DIA DEDICADO AO CAMPINO DO SORRAIA
8 Toiros do Ex.mo Sr. Dr. António Silva de Coruche
CAVALEIROS
JOSÉ LUPI
LUÍS MIGUEL DA VEIGA
MATADORES
JOSÉ SIMÕES
AMADEU DOS ANJOS
Forcados Amadores do Montijo Capitaneados por Jacinto Carvalheira
Sombra desde 80$00 — Sol desde 30$00

NO ESTORIL
III FEIRA DO ARTESANATO PORTUGUÊS
(No Pinhal, junto ao Ténis)
ARTIGOS DE ARTESANATO DE TODAS AS PROVÍNCIAS METROPOLITANAS E ULTRAMARINAS
RESTAURANTE D'AVÓ
HOJE: 6
RABO DE BOI, SOPA SECA, CARIL DE FRANGO À MODA DE GOA, BIFES D'AVÓ E OUTROS PRATOS
DOCES VARIADOS
Marcam-se mesas pelo telefone 26 33 77

AGUARDENTE VELHA Nicpoort a prova esta na prova

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

NÃO HÁ PROBLEMAS, MEUS SENHORES —

O futebol, mesmo no defeso continua na berlinda. Justificada, portanto, a presença em «Momento Desportivo» do presidente da Federação Portuguesa de Futebol. Notícias sensacionais: modificação na organica que rege o desporto-rei. Assim, o rei vai ter nova carta constitucional...

Inovações? Uma comissão disciplinar e um supremo conselho desportivo para onde transitarão os recursos. E como não podemos ignorar o facto de estarmos numa fase de futebol profissional, e não amador, impõe-se a actualização no Regulamento de provas. E' preciso que estas terminem a tempo de permitir aos clubes a realização de encontros que lhes permitam arranjar aqui e ali dinheiro de que tanto precisam.

Do futebol, «Momento Desportivo» derivou para o ciclismo. Entrevistado, o director da Volta a Portugal. Problemas, na Volta? Não. Bem... «Há sempre problemas com a Imprensa»... «Não é oportuno facilitar em excesso»... **«As voltas** quando são improvisadas, desportivamente tiram-se melhores resultados»... «Porquê, a dança da camisola amarela? O Benfica está com uma equipa numéricamente superior»... «Quanto á equipa do Sporting... rapazes novos... eu até lhes chamava «os cavalinhos» do Sporting... há saturação, talvez... Ali há qualquer coisa»... «A volta tem corrido bem... Sem grandes problemas»...

Se tudo corre bem, para quê a presença ali do director da Volta?

Afelicidade não tem história. Não há problemas, os resultados desportivos são bons e a Volta era indispensável. «Momento Desportivo» acaba sorridente, quase eufórico. Mas... como dizem os compadres brasileiros: essa história de não haver problemas é verdadinha mesmo, hem?

OS LADRÕES SÃO JOVENS — Roubaram o «Diamante de Regência» que está no Louvre. «Santo», o da auréola a «néon» vai recuperá-lo. E há depois a astronomia «que tem hoje inumeros adeptos» e que não sei quê os persas... e os romanos...

Não, não. Não dou colo. Recuso-me a repetir aqui as baboseiras, as debilidades mentais de uma série que — ai de nós! — dizem contar com muitos apreciadores.

Em vez disso, parece-me de maior utilidade transcrever a parte mais significativa da entrevista concedida a «Selecção Policial» pelo sr. major Fernandes Graça, com base no aumento crescente dos roubos de automóveis.

«Varatojo — *A que se deve este aumento no numero de viaturas furtadas, nos ultimos tempos?*

Major Graça — *Na minha modesta maneira de ver, esse aumento deve-se, fundamentalmente, ao facto de ter havido um grande número de dias de bom tempo, de se ter entrado nas férias escolares, de muitos trabalhadores utilizarem este tempo bom para terem também as suas férias, de todos eles possuirem, por vezes, carta e não possuirem carro, e, portanto, utilizarem os carros que encontram na rua, para se deslocarem para as suas férias. Também é de atribuir ao facto de uma grande parte de indivíduos já organizados ou constituídos em pandilha, se utilizarem abusivamente desses carros para se irem dedicar ao furto genérico noutros pontos do País. Utilizam, por vezes, um carro para a ida e outro carro para o regresso. Há outro caso também que eu reputo de primordial importancia. É o facto de se estar aí a oferecer alvissaras elevadas através das companhias de seguros ou do proprietário que assim alimenta um grupo de ladrões de automóveis exactamente só para que possam vir a receber essas alvissaras.*

Varatojo — *E nessa percentagem de furtos, há uma parte maior de jovens ou gatunos experimentados?*

Major Graça — *Felizmente posso garantir que há uma percentagem bastante limitada de gatunos experimentados. A grande percentagem é de jovens. Gatunos experimentados, tanto quanto eu posso avaliar, estão numa pequena minoria».*

ACABARAM-SE OS BALÕES — É dramático ser conservador... de museu, particularmente do Museu de Cinema. Cada espectador quer uma coisa, pensam que, estás a ouvir, ó Melo? Como se pudéssemos ter tudo quanto desejávamos, ó Melo! Neste museu não se podem dar unicamente obras-primas. Acontece até que mesmo o que não é obra-prima já escasseia quanto mais. A tal ponto que não sei o que vai ser o dia de amanhã. O mais certo é este museu se ver obrigado a fechar as portas, tem lá alguma graça estar a repetir os filmes que já damos ao longo de três anos...

Tem razão António Lopes Ribeiro. É dramático. Não há filmes. Não havendo filmes não pode haver «Museu de Cinema». Encerrado para obras.

Com estas turvas perspectivas se encerrou ontem o «Museu», depois de duas fitas de Max Linder que também se despediu dos telespectadores portugueses. Um Max de 1914 envolvido numa história carnavalesca bem contada, um Max de 1915 que reage contra a participação da mulher no trabalho social, o lugar dela é na casa a mudar as fraldas do bebé, ora essa. Max mete a mulher na ordem, vejam como a felicidade brilha naquela casa... Claro que para desempenhar o papel da mulher casada que é doutora, houve que pôr a trabalhar uma mulher, talvez casada, que era actriz e que, portanto, já trabalhava fora do lar, onde ela devia estar, para etc., etc., etc.

1915 já vai longe? Talvez não tanto como pareça, se atendermos á forma como ainda hoje, em certos meios, se encara a posição da mulher burguesa na sociedade.

Claro que este Max Linder não me fez rir nem migalha. Nem ao menos uma fresta por onde entrasse o sol. Questão pessoal, certo, certo. António Lopes Ribeiro diz que ele é tão engraçado...

Quanto ao «Museu de Cinema», sosseguem. Não morrerá... porque, bem vistas as coisas, vivo já ele não está há muito tempo. «Charlot» ainda trouxe uns balões de oxigénio — e estes acabaram-se. — M. C.

HOJE PODE VER...

● **Às 21 e 40: 7.ª Arte**

«A sombra do homem sombra» é o título do filme que hoje será exibido na rubrica 7.ª Arte, apresentada por Fernando Garcia. São seus intérpretes Myrna Loy e William Powell, que aparece na pele de «Nich Charles», figura de detective que o tornou famoso há alguns anos.

NOTÍCIAS DOS ★★★ ESTÚDIOS

■ **Anuncia-se que Raf Vallone dirigirá e interpretará, provàvelmente, o filme «La Califfa», extraído do romance homónimo de Bevilacqua. O actor acabou agora de girar um filme em Espanha e não tem compromissos imediatos.**

■ **Gene Kelly foi convidado por uma companhia de Hollywood para dirigir um filme-comédia intitulado «O Guia do Homem Casado». Será o quinto filme dirigido pelo popular actor-bailarino.**

■ **Está prevista para três semanas a rodagem em Tóquio, sob a direcção de Rudolph Pfleghart, do filme italo-alemão «Belami 66», com Antonella Lualdi, Peter Alexander e Renato Salvatori. A equipa regressa depois**

(Continua na página seguinte)

AS ESCRAVAS AINDA EXISTEM

AS ESCRAVAS AINDA EXISTEM

PELA PRIMEIRA VEZ NA HISTÓRIA DAS SALAS CINEMATOGRÁFICAS PORTUGUESAS!...

estúdio 444

SELECCIONOU PARA A SUA INAUGURAÇÃO UM FILME-POLÉMICO QUE ATINGE AGORA A

17.ª SEMANA DE EXIBIÇÃO!

Exc. TALMA FILMES — Adultos

AS ESCRAVAS AINDA EXISTEM

AS ESCRAVAS AINDA EXISTEM

A DOPERFILME APRESENTA

HOJE, ÀS 21,45

Um prémio Pulitzer da literatura num excepcional filme de mestre HOWARD HAWKS!

AVIS

MAIORES 12 ANOS

KIRK DOUGLAS • DEWEY MARTIN • ELIZABETH THREATT

CEU ABERTO

MAIS UM GRANDE E EMPOLGANTE ESPECTÁCULO INTEGRADO NA FAMOSA

TEMPORADA SUSPENSE!

Grandes artistas reunidos na maior aventura de todos os tempos!

5ª FEIRA
SÃO JORGE
PROGRAMA DE LUXO
APRESENTA NO
FESTIVAL 007
RANK FILMES

O INDESTRUTÍVEL
JAMES BOND
em
007
ORDEM PARA MATAR
FROM RUSSIA WITH LOVE
CÓPIA NOVA
JAMES BOND
É. O ALVO!
HARRY SALTZMAN e ALBERT R. BROCCOLI apresentam de IAN FLEMING'
SEAN CONNERY em JAMES BOND
DANIELA BIANCHI
TECHNICOLOR
EON PRODUCTIONS LTD
UNITED ARTISTS
ADULTOS

DIVERSÕES

(Continuação da 4.ª página)

aos que tão orgulhosamente o cinema Roma já tem registado nesta temporada de Verão.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Monumental

Título em português — «O malandro encantador».
Título original — «A fine madness».
Produção — Norte-americana.
Realização — Irvin Kershner.
Intérpretes — Sean Connery, Joanne Woodward e Jean Seberg.
Género — Aventura.
Distribuição — Astória Filmes.
Processo — Normal, a cores.
Classificação — 17 anos.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

(Continuação da página anterior

a Viena, onde foram já rodadas algumas cenas.

■ Erno Crise vai levar para o cinema a figura lendária do revolucionário «Mendek», uma espécie de herói popular, que viveu na Bélgica por volta de 1870. O filme, produzido por uma empresa cinematográfica belga, tentará integrar-se no género de «Fanfan la Tulipe» e será rodado nos locais onde viveu aquela personagem de vida dupla: o pacato burguês «Moneuse», e o irrequieto revolucionário «Mendek».

■ A cantora libanesa Sabá será a principal intérprete do filme tunisiano «El Fajr». A direcção está confiada ao jovem Omar Klifi, que vai na sua segunda experiência cinematográfica.

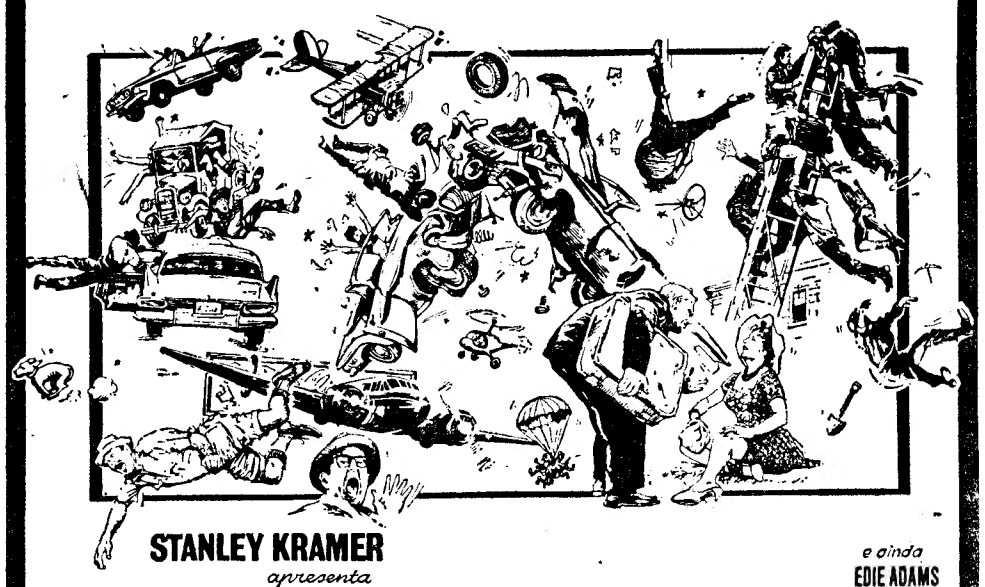
■ A actriz Britt Eklund e seu marido, Peter Sellers, são os protagonistas do filme «O Bobo» o segundo que fazem em comum, depois de se terem casado, em Fevereiro de 1964. As filmagens principiam em Setembro, na Espanha.

■ Paolo Stoppa foi contratado pelo produtor Saltzman para interpretar o segundo filme realizado por Costa Gravos, autor de «Carruagem-Cama Para Assassinos». O novo filme de Costa Gravos é também policial e terá por título «Um Homem a Mais». Ao lado de Stoppa trabalharão Gerard Blain e Bernard Blier.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

AS ENCHENTES CONTINUAM
O CARTAZ DE ÊXITO MAIS RETUMBANTE DE CADA NOITE É
A FEIRA POPULAR de LISBOA
(A favor da Colónia Balnear Infantil de «O SÉCULO»)
O PARQUE DE ENTRECAMPOS É O PASSATEMPO
— IDEAL QUE SATISFAZ TODA A GENTE —
★
A DISTRIBUIÇÃO DE VALIOSOS PRÉMIOS CONTINUA
A VOLTA VISTA DÀ FEIRA
VOTOS PARA A ETAPA: ESTREMOZ-BEJA
UMA LENTE SCOPS PARA TV E DEZ DISCOS
OFERTA DA FIRMA EXCLUSIVOS ELÉCTRICOS, LDA.
★
HOJE - SORTEIO DOS PRÉMIOS DA ETAPA LISBOA-ESTREMOZ
— ABERTURA ÀS 19 HORAS —

MUNDIAL
ADULTOS
APRESENTA ESTA NOITE
SEM PIEDADE
REALIZAÇÃO DE: ALBERTO LATTUADA
ARGUMENTO DE: F. FELLINI
com CARLA DEL POGGIO — GIULIETTA MASINA
e JOHN KITZMILLER
INTEGRADO NO FESTIVAL DE FILMES ITALIANOS DE OUTROS TEMPOS
ATENÇÃO: Cada filme permanecerá em exibição os dias que a empresa julgar necessário de forma a satisfazer a vontade do público

NO ÉCRAN GIGANTE 70 mm
ROMA
2.ª SEMANA
DO MAIOR ÊXITO DE SEMPRE EM GARGALHADAS
AGORA A PREÇOS NORMAIS

STANLEY KRAMER
apresenta
O MUNDO MALUCO
com
SPENCER TRACY
e por ordem alfabética
MILTON BERLE
SID CAESAR
BUDDY HACKETT
ETHEL MERMAN
MICKEY ROONEY
DICK SHAWN
PHIL SILVERS
TERRY-THOMAS
JONATHAN WINTERS
e ainda
EDIE ADAMS
DOROTHY PROVINE
PETER FALK
e
JIMMY DURANTE
Música de ERNEST GOLD
História e argum. de WILLIAM e TANIA ROSE
Prod. e Realiz. de STANLEY KRAMER
Filmado em ULTRA PANAVISION e TECHNICOLOR
Um filme UNITED ARTISTS
HILARIANTE
DO PRINCÍPIO AO FIM!
RANK FILMES
Maiores de 12 anos

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa
DUAS SESSÕES
AS 21 E ÀS 23 HORAS
UM FESTIVAL DE GARGALHADA
COM
RAUL SOLNADO

QUANDO É QUE TU CASAS COM A MINHA MULHER?
MARIA PAULA ● CORTEZ ● GLÓRIA DE MATOS ● NICHOLSON ● MARIA LAURENT ● ANGELA RIBEIRO
Encenação de FRANCISCO NICHOLSON

TEATRO AVENIDA
Subsidiada pelo Fundo Nacional de Teatro
«Equipa» apresenta hoje às 22 horas
4.ª SEMANA (Adultos)
«um príncipe do meu bairro»
5.ª-feira — 2.ª Matinée às 18.15

n. 3 de uma série

O peão tem sempre prioridade?

O peão julga que sim.

Mas não é verdade. Não é isso que diz o Código da Estrada.

Verdadeiro ou falso, o certo é que mais de 400 peões morreram atropelados no ano passado.

Há, no entanto, qualquer coisa que pode evitar esta situação—a sua atitude: Como automobilista, e como peão.

De todos os complexos problemas de trânsito, este dos peões deveria ser o mais fácil de resolver:

Não depende das autoridades.
Não é preciso escrever para os jornais.
Não necessita de revisão do Código da Estrada.
E não custa um tostão!

Tudo quanto é necessário é uma boa dose de consciência e uma dose ainda maior de bom senso.

Se o pára brisas está tão poeirento que lhe dificulta a visão, você pode fàcilmente matar alguém.
Se as lâminas do limpa pára brisas em vez de limparem, sujam, você pode fàcilmente matar alguém.
Se a buzina não toca ou se os travões fazem guinar o carro, você pode fàcilmente matar alguém.
Se fizer marcha atrás sem atenção; se sair do local de estacionamento sem as devidas precauções, ou se fizer uma curva a «cortar» as bermas, você pode fàcilmente matar alguém.
Se tiver bebido; se seguir a grande velocidade, você pode fàcilmente matar alguém.

E, então, diga o Código o que disser, é você que terá de escutar o julgamento da sua consciência.

Mas se for o Peão o total causador do acidente? Se for dele, única e exclusivamente, a culpa?

Não há nada legislado contra a inconsciência, nem contra a ignorância, ou contra a leviandade.

Há quem goste de passear pelas ruas e de caminhar pelas estradas de noite e com roupas escuras, de costas para o sentido do tráfego.

Há a senhora que atravessa a rua, com a cabeça bem enfiada dentro do guarda-chuva, sem se preocupar com o trânsito, para defender o penteado ou o chapéu novo.

Há sempre a criança que brinca na rua e o ciclista sem luz na bicicleta.

Há quem prefira perder a vida a perder o autocarro.

Como automobilista é sua responsabilidade proteger estas pessoas contra elas próprias. Como peão é sua responsabilidade não imitar estas pessoas nos seus erros.

Na Mobil dedicamo-nos ao negócio de gasolina e óleos. Vendemos-lhe os nossos produtos quando é automobilista, mas queremos lembrar-lhe que, precisamente na qualidade de automobilista, é você quem dispõe da força que pode matar.

O peão, esse, é irremediàvelmente vulnerável. E, a fim de o protegermos, a única coisa que mais gostaríamos que usasse no seu carro, ainda antes dos nossos produtos, é o seu Bom Senso.

Mobil

Queremos que você viva.

INTIMIDADES DA AMÉRICA DO NORTE — 3

Como morre o americano

por MICAELA GOES

(Conchita Mendez Dominguez)

Até aqui disse como vive e sente o americano. Direi agora como morre — talvez o que mais me impressionou nos sete anos de permanência na América do Norte.

O americano morre com uma resignação que assombra e faz estremecer. O americano sabe que tem de morrer e afronta a morte com inconcebível tranquilidade. Impressiona a visita a um sanatório americano, onde não se vislumbra uma queixa dos doentes, e onde alguns morrem absolutamente sós.

O porteiro acompanhou-me até ao ascensor e indicou-nos a sala onde estava depositado o cadáver da mãe de uma nossa amiga. Tratava-se de uma refugiada cubana e a família e os compatriotas, velavam a morta, em contraste com o que acontecia nas salas onde se encontravam cadáveres de americanos. Percorri várias destas salas e pasmei do espectáculo inédito de cadáveres maquilhados, mesmo até cadáveres de homens. Todas as salas tinham as portas abertas, mas em nenhuma delas havia quem velasse os mortos.

A amiga que nos acompanhava, e nós, olhámo-nos com espanto. Entre aqueles cadáveres impressionou-nos em especial o de uma senhora que exibia ricas jóias. Nem Helena Rubinstein teria conseguido maquilhá-la melhor, e parecia estar recém-saída do melhor cabeleireiro de Paris. Só lhe faltava o sorriso.

Os americanos querem guardar dos mortos as melhores recordações e que estes passem para o outro mundo com as melhores galas.

— Não há que chorar os mortos — dizia-me um norte-americano que tinha perdido uma filha de vinte e um anos. — Ela passará um Natal mais feliz que nós. Sempre a recordaremos, mas, sabendo-a feliz, a sua ausência será mais suportável.

Este pai era católico e dono de uma grande joalharia. É provável que o bom senhor, no dia seguinte ao da morte daquela filha, atendesse clientes na sua joalharia com ar tão sorridente como nos melhores dias.

«Diário de Lisboa»

O sr. dr. Luís de Almeida, governador civil do distrito da Guarda, enviou-nos um ofício a agradecer o noticiário que o «Diário de Lisboa» publicou a propósito das cerimónias que assinalaram o quinto aniversário da sua posse naquele cargo.

Também o Albergue dos Inválidos do Trabalho e a Casa de Repouso dos Alfaiates de Portugal nos agradeceram o interesse que ao «Diário de Lisboa» têm merecido as suas actividades e, em especial, a forma como acompanhámos os festejos dos seus aniversários.

Em BENAVENTE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na CASA LEITÃO, RUA ÍNDIA PORTUGUESA, 13.

VIDA SOCIAL

PROF. ANTÓNIO DE ALMEIDA

Para representar Portugal no Congresso das Ciências do Pacífico, que se efectua em Tóquio, de 21 do corrente a 2 de Setembro, partiu para o Japão o sr. prof. António de Almeida, secretário perpétuo da Sociedade de Geografia, que ali apresentará três comunicações, sobre antropologia de Timor.

CASAMENTO

Com a assistência de muitas personalidades, componentes da nossa melhor sociedade, destacadas individualidades ligadas ao jornalismo e á literatura e muitos outros convidados, celebrou-se o casamento do sr. dr. Francisco de Simas Alves de Azevedo, professor do ensino liceal e conhecido heraldista, filho do escritor e jornalista dr. Francisco Alves de Azevedo e da sr.ª D. Maria Frederica Ferreira de Simas Alves de Azevedo, com a sr.ª D. Maria Guilhermina Duarte Catarino, filha do sr. Joaquim Catarino e da sr.ª D. Alda Aguiar Duarte Catarino.

Foram padrinhos, por parte do noivo, seus pais, e por parte da noiva a sr.ª D. Maria dos Prazeres Catarino Morgado e o sr. Ladislau Catarino Veludo.

Após o copo-de-água, aos brindes, usaram da palavra o sr. dr. Filgueiras Soares (marquês de Abrantes) e o pai do noivo.

Os noivos, depois da boda, partiram para o estrangeiro.

Uma conferência sobre «Crianças Diminuídas Psico-Somàticamente»

O sr. dr. José Troncho de Melo proferiu, na sede do Grupo «Os Josés», uma conferência subordinada ao tema «Crianças Diminuídas Psico-Somàticamente», que foi presidida pelo sr. prof. José da Cruz Filipe.

Depois de manifestar o seu desejo de contribuir para a solução do grave problema da saúde da criança, o orador apresentou-a como um produto de genética influenciado pelo meio humano e geofísico, portador de um híbrido onde se conjugam os vírus familiares que acompanham o novo ser com os caracteres morfológicos dos pais e ascendentes, ás vezes até ao quarto grau de saúde e doença. Acentuou a necessidade de se tratarem os pais antes da fecundação e a mãe durante a gravidez, e o aleitamento, e depois a criança no nascimento. Acentuou, em seguida, a opinião do seu Mestre, sr. dr. Daniel de Matos, que dizia: «O bom especialista deve ser um bom clínico geral, servindo a Medicina em apostolado».

E, após tratar das perturbações digestivas e a sua relação com os órgãos neo-formadores do sangue ligados à doença, referiu-se á amigdalectónia, o que nunca deixou fazer aos seus doentes — segundo afirmou. Não usando antibióticos nos tratamentos, referiu-se a uma opinião do seu mestre, sr. dr. Lúcio Rocha, sobre o ataque dos microrganismos e disse que a doença deve ser encarada na sua morfologia, biologia, patogenia, genética agentes e vírus causadores congénitos da hibridação dos ascendentes.

Terminou por citar diversos casos de débeis mentais, de diminuídos intelectuais, de doentes atacados de coreia, epilepsia, idotia, mongolóide, pensamentos criminais, paralisia geral infantil, etc., tratados etiológicamente, e deu sugestões sobre a condução da criança, convidando os pais a tratarem precoce e etiológicamente os filhos.

4 RAZÕES PARA, EM VEZ DE NOTAS, TRAZER CONSIGO

cheques de viagem

Trazer notas na carteira é sempre um risco. Dinheiro perdido ou roubado pode ser fonte de grandes dissabores. Mas cheques de viagem na carteira asseguram tranquilidade completa e permanente. Mesmo que lhe desapareçam, nada tem a perder!

Eis quatro boas razões para os adoptar definitivamente:

1 Só o próprio os pode utilizar

Contràriamente às notas, cada cheque de viagem só é válido quando assinado por si. Trata-se, pois, de dinheiro estrictamente pessoal.

2 O número de série protege-o

A numeração dos nossos cheques de viagem é devidamente registada. Se os seus cheques se perderem ou forem roubados, os respectivos números de série habilitam-no a ser prontamente reembolsado na Sede ou qualquer Filial, Agência ou Dependência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

3 Trata-se, verdadeiramente, de "escudos"

Pode gastar cheques de viagem do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa em hoteis, restaurantes, lojas, etc., em toda a parte de Portugal Continental e Insular.

4 Envio de dinheiro com segurança total

Bastam as suas 2 assinaturas e a inscrição, na linha central, do nome da pessoa a quem se pretende que o cheque seja pago ou do nome do Banco onde pretenda levar o cheque a crédito da sua conta

TROQUE NOTAS POR CHEQUES DE VIAGEM SEM QUALQUER DESPESA

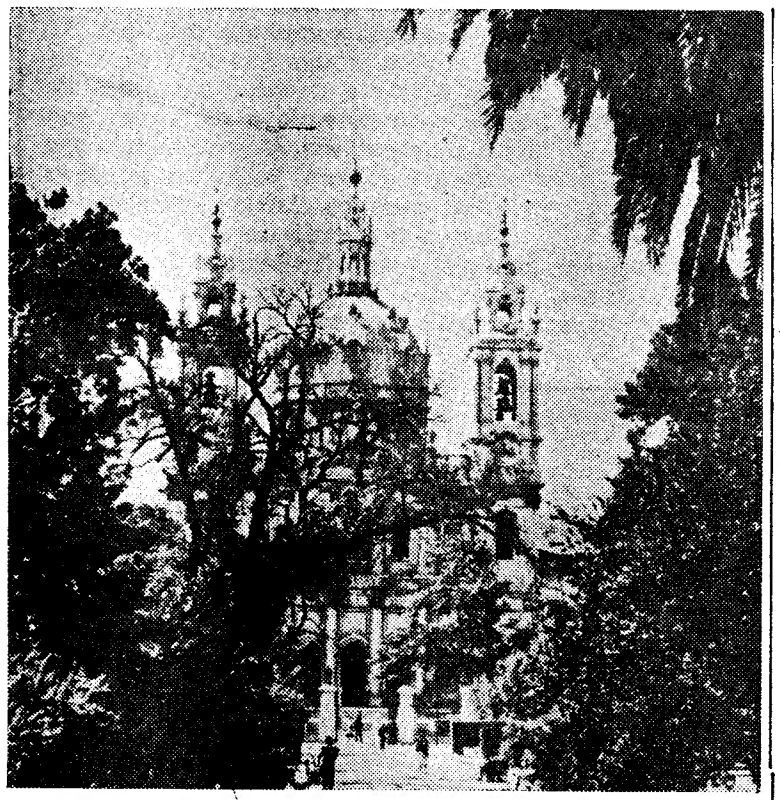
na Sede ou em qualquer Filial, Agência ou Dependência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, nos valores nominais de 100$00, 500$00 ou 1.000$00

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

GUIA TURÍSTICO

PARA NACIONAIS E ESTRANGEIROS



A Basílica da Estrela, de cujo zimbório se admira uma exuberante panoramica da cidade e do estuário

O ZIMBÓRIO DA ESTRELA

MIRADOURO IGNORADO DE LISBOA DEVE SER INDICADO AOS TURISTAS

por VASCO CALLIXTO

Nos dias de hoje, em que o turismo dita cartas em todo o mundo, não devemos desprezar o mínimo pormenor — mesmo que alguns o considerem de somenos importancia — no que respeita á valorização turística da nossa terra, das nossas cidades, das nossas vilas e aldeias. O turismo, como se sabe, é uma fonte de receita inesgotável; o turista, como é sabido também, aprecia sobremaneira encontrar o maior numero de atractivos. Se oferecermos aos nossos visitantes novos motivos de interesse, só teremos portanto a lucrar. E o pequeno ou grande esforço dispendido, não deixará de ser recompensado.

Relativamente á valorização turística de Lisboa, é inegável que muito e muito se tem feito nos ultimos tempos. A cidade dos anos sessenta está muito diferente da cidade dos anos quarenta, quando, finda a guerra, o turismo começou a desenvolver-se em maior escala em toda a parte. Contudo, nunca será de mais criar na capital novos motivos de agrado para o visitante, que tanto aprecia as suas belezas e a sua situação privilegiada.

São extraordinàriamente atraentes, sem duvida, as panoramicas de Lisboa, que se colhem das suas famosas colinas. Mas conhecerá o lisboeta um tão belo como ignorado miradouro, que é, ao mesmo tempo, o digno coroamento de um templo majestoso? Não custará a admitir que a grande maioria da população da capital nunca subiu ao zimbório da Estrela, nem pensou, talvez, que lá possa subir-se. Se o próprio lisboeta não conhece esse ultimo «andar» da sua cidade, não podemos admirar-nos que os turistas o não visitem. Embora se veja de toda a parte, o zimbório não foi ainda descoberto pelo turismo. E é pena, realmente, que assim suceda.

Deve-se a D. Maria I a construção da sumptuosa basílica da Estrela, que se ergueu em cumpri-

(Continua na página seguinte)

Berlim: centro de cultura e atracção internacional

Quando se fala da antiga capital alemã alude-se, quase sempre, à sua situação politica de cidade dividida. A informação actual concentra-se, pelo contrário, e devido aos evidentes problemas de tráfego, no trânsito de Berlim e para Berlim e, acima de tudo, na cidade como centro turistico.

O ressurgimento daquela metrópole tem sido notável, se atentarmos que a produção da sua indústria atinge anualmente 12 biliões de marcos, o que significa que triplicou nos últimos 10 anos. Hoje em dia, a quarta parte do vestuário feminino, metade das lâmpadas eléctricas e a terça parte das instalações de ar condicionado, consumidos no mercado alemão, são de produção berlinense. A subida de exportação está, assim, implícita neste movimento, uma vez que se observa fenómeno idêntico com a indústria ocidental alemã. O plano de construção de Berlim com 280 000 novas residências, apresenta exemplos notáveis, entre eles o interessante e urbanístico bairro Hansa, o átrio dos Congressos, a Filarmónica de Berlim e a Ópera Alemã, a Academia de Arte, a Universidade Livre e a Escola Superior Técnica, assim como o Europa Center.

Com este desenvolvimento crescente, o tráfego de mercadorias e passageiros sofreu, também, um acréscimo. No ano de 1965 desembarcaram em Berlim 15 000 000 de toneladas de mercadorias, sendo 30 por cento transportadas em comboio, 33 por cento pela camionagem e 37 por cento por barco.

Tráfego crescente

Ao atentar-se no tráfego de passageiros, deve começar-se por falar no transporte aéreo. Considerando a situação política de Berlim, pode dizer-se que o índice de 31 por cento de passageiros que preferem o avião é uma cifra bastante notável. De 10,1 milhões de pessoas que, no ano de 1965, transitaram de e para Berlim, 31 por cento utilizaram o avião, 14 por cento o autocarro e 46 por cento o automóvel particular, enquanto apenas 9 por cento se serviu do comboio.

A partir de 1 de Abril do corrente ano, Berlim passou a ser servida pelos modernos jactos «Boeing 727»; e para poder competir com o incremento do movimento aéreo, foram modernizadas as instalações do aeroporto Tempelhof; como o seu alargamento não é possível, devido á sua localização no interior da cidade, encontra-se já em construção o segundo aeroporto de Berlim, em Tegel, podendo em 1970 serem aí recebidos 4 000 000 de visitantes.

Em virtude do trânsito ferroviário não depender só da iniciativa de Berlim, mas assentar também em razões políticas, foi dado maior relevo ao trânsito de autocarro, procedendo-se à construção de uma moderna e gigantesca estação, junto à torre emissora de Berlim.

Centro turístico

Para se compreender melhor o significado de Berlim como centro turístico de primeira grandeza, basta dizer que, em 1965, a cidade apresentou a cifra de cerca de 2 200 000 alojamentos. Como atracção turística, Berlim ocupa hoje o terceiro lugar entre as cidades alemãs. Em fins do corrente ano, a cidade poderá dispor de mais de 13 500 camas em hotéis. Em Berlim nunca falta alojamento!

Para grande parte dos visitantes, Berlim é, acima de tudo, um enorme centro de cultura e tradição: à sua disposição, encontram-se 17 teatros e meia dúzia de «cabarés» famosos; na «saison», todas as semanas, a orquestra da Filarmónica de Berlim faz-se ouvir, muitas vezes sob a direcção do maestro Herbert von Karajan. Em numerosas salas de concerto, entre elas a Escola Superior de Musica, nos estúdios da Rádio e TV ou no Salão de Música do Conservatório, podem os visitantes assistir a interessantes manifestações de solistas e coros.

CAPACIDADE HOTELEIRA ACTUAL: 2200 MIL ALOJAMENTOS.

Que mais poderá a cidade oferecer? Manifestações desportivas no Palácio de Desportos ou no Deutschlandhalle, exposições de arte, feiras e mercados com participação internacional, congressos e muitas outras manifestações de carácter cosmopolita.

A cidade

No que se refere a circuitos pela cidade, os visitantes têm inúmeras possibilidades de conhecer Berlim Ocidental e Oriental: diàriamente, efectuam-se circuitos ao preço de 8 a 12 marcos, partindo da igreja

(Continua na página seguinte)

HAMBURGO

OFERECE FACILIDADES AOS FORASTEIROS

Reveste-se do maior interesse uma inovação lançada em Hamburgo no domínio do turismo: o «fim-de-semana numa grande cidade». Ao chegarem ao antigo burgo hanseático, os visitantes adquirem na Central de Turismo e de Congressos um «Passaporte de «fim-de-semana», que lhes garante toda uma série de vantagens.

Em quarenta bons hotéis oferecem-se aos portadores do passaporte abatimentos de 25 por cento. Nos museus e no Teatro de Operetas os turistas pagam preços especiais. Além disto, têm facilidades de obter bilhetes para a ópera e para os teatros. O «Passaporte de fim-de-semana» contribui, assim, extraordinàriamente, para o progresso do turismo em Hamburgo.

No ano de 1965 contaram-se 859 000 visitantes. O numero de dormidas subiu para 1,6 milhões. Nada menos de 40 por cento dos turistas eram estrangeiros. Figuram entre eles, em primeiro lugar, os suecos, seguidos pelos dinamarqueses e americanos. Aparecem, depois, a Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, a Holanda, Noruega, Finlândia, França, Suíça e Itália.

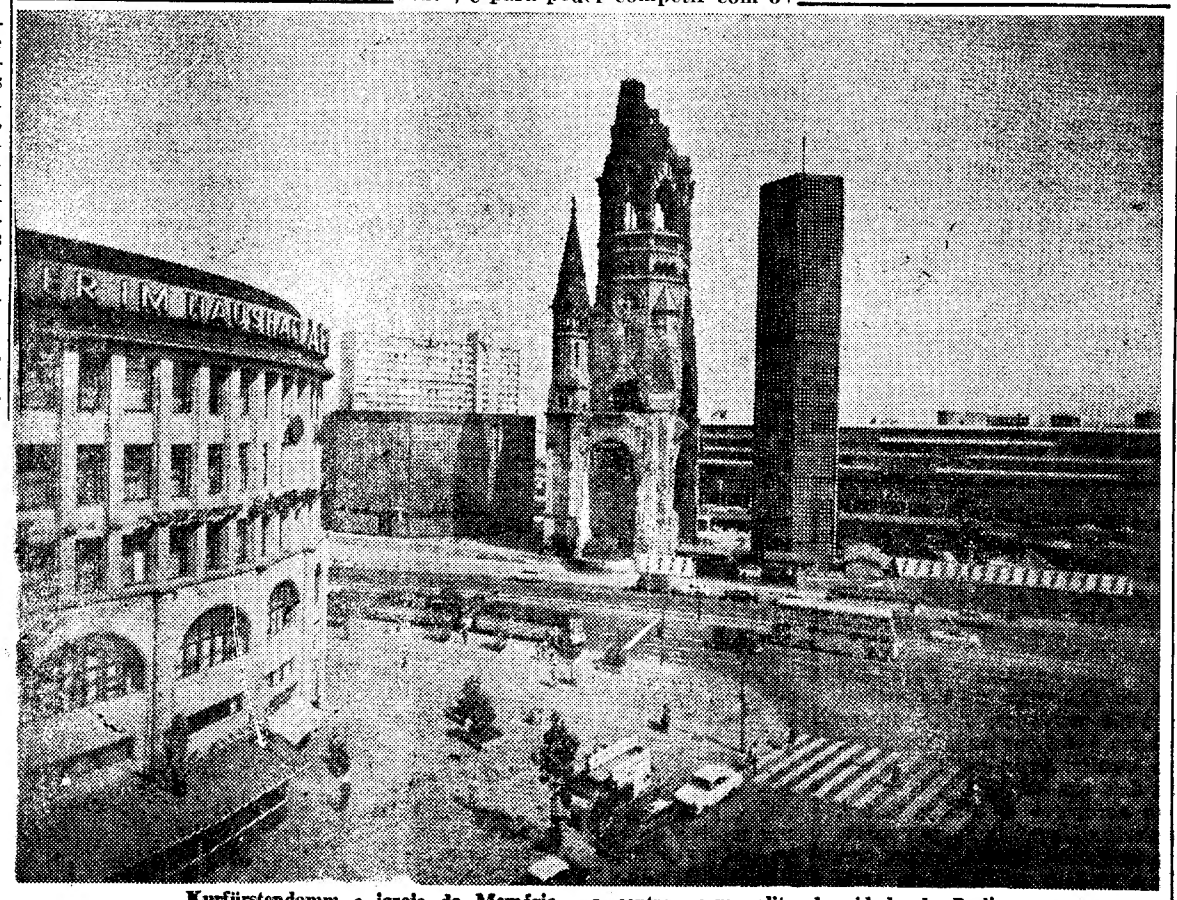
MADRID

— NOME DE TREZE POVOAÇÕES

Desde o famoso castelo de Madrid (Magerit, como lhe chamaram os árabes), passando por Madrid dos Austrias (que foi sede de concelho e da corte), até chegarmos á capital de Espanha, existem espalhados pelo Mundo mais doze aglomerados urbanos com o nome da bela cidade do país vizinho: Estados Unidos, 7 (Nova York, Iowa, Alabama, Nebraska, Novo México, Maine e condado de Kennedy); México, 1 (Departamento de Santa Fé); e, ainda, na Nicarágua, Colômbia, no Chile e na ilha de Mindanao (Filipinas).

Nova linha marítima

Vai ser concretizado o serviço regular marítimo e turístico entre Bilbau (Espanha) e Southampton (Inglaterra), que disporá de um paquete tipo «ferry-boat», de dez mil toneladas de deslocamento e com capacidade para transportar cerca de 750 passageiros e 200 automóveis. A companhia armadora e a empresa sueca «Svenska Lloyd».



Kurfürstendamm e igreja da Memória — o centro cosmopolita da cidade de Berlim

Os visitantes de Berlim têm à sua disposição mais de cinco mil restaurantes

(Continuação da página anterior)

da Memória ou do Kurfürstendamm para ambos os sectores da cidade, ao longo do muro que divide Berlim, com visita a museus, lagos e jardins.

Os visitantes que não desejam conhecer só as curiosidades turísticas de Berlim, mas preferem, também, tomar contacto com os habitantes da cidade, o seu modo de vida e os seus hábitos, podem dirigir-se à Junta Municipal de Turismo de Berlim, que possui o endereço de muitas famílias prontas a convidá-los para uma chávena de café.

Em Berlim existem mais de 5000 restaurantes, desde os elegantes estabelecimentos de carácter internacional até às acolhedoras cervejarias, dos bares até às esplanadas nas grandes avenidas. No centro da cidade, há a possibilidade de se provarem pratos chineses, japoneses, turcos e agora também portugueses e espanhóis, sem desprezar, no entanto, uma especialidade tipicamente berlinense, como o «Havel-Aal mit Gurkensalat» (enguia do rio Havel, com salada de pepino).

Do aeroporto de Frankfort, onde chegam os aviões que ligam a cidade a Lisboa em menos de três horas, o visitante poderá fazer uma viagem de cinquenta minutos até Berlim (ida e volta = 136 marcos). Das 96 ligações aéreas diárias para Berlim, 22 aviões estabelecem a ligação entre Frankfort e a antiga capital alemã. Quem viaja para Berlim, no seu próprio automóvel, atravessa a zona oriental alemã através da auto-estrada, adquirindo para isso um visto de trânsito na passagem interzonal, ao preço de dez marcos (ida e volta). O passaporte válido para a República Federal é também válido para viagens por estrada ou comboio.

Embora o número de visitantes de Portugal para Berlim seja ainda bastante reduzido, a cifra de dormidas subiu, no entanto, de 1964 para 1965 até 16 por cento.

Portos de turismo na Itália

A Riviera italiana disporá largamente de pequenos portos para barcos de recreio, provindos de outras zonas nacionais ou do estrangeiro.

Além dos já existentes, e bastante numerosos nesta zona marítima, serão construídos mais sete portos em Monterosso, Chiavari, Arenzano, Varazze, Finale Ligure, Loano e Bordighera.

Estes ancoradouros poderão acolher uma média anual de duas mil embarcações, o que dará á Riviera o mais animado movimento turístico. O pequeno porto de Génova, que será construído perto de Nervi, terá a vasta capacidade de 240 000 metros quadrados.

Uma «Giralda» em Kansas City

Vai construir-se junto do edifício-sede do Município de Kansas City uma torre igual á famosa «Giralda» de Sevilha. Também será executada uma réplica da fonte que existe no largo em que se situa aquela torre, a fim de se conseguir uma maior semelhança arquitectónica com a referida zona da urbe sevilhana.

Nova praça de touros em Huelva

Foi aprovada a construção da nova praça de touros de Huelva, que terá uma lotação para 14 612 lugares.

Será erguida no recinto da feira, próximo do passeio de Pinzones, dispondo de um parque de estacionamento com a capacidade para oitocentos automóveis.

Pretende-se que as obras estejam terminadas durante o mês de Junho de 1967.

O ZIMBÓRIO DA ESTRELA —MIRADOURO DE LISBOA

(Continuação da página anterior)

mento de um voto feito pela rainha, caso desse á luz um filho varão, o que veio a acontecer a 21 de Junho de 1761, quando nasceu o príncipe D. José. As obras, orientadas por Mateus Vicente de Oliveira, o arquitecto de Queluz, iniciaram-se imediatamente e a solene inauguração do templo teve lugar a 24 de Outubro de 1789. O plano inicial, porém, foi alterado pelo novo mestre Reinaldo Manuel, que o firmou num neo-classicismo.

O zimbório, obra única no género em Portugal, não pesa no conjunto arquitectónico da grande fábrica religiosa onde as duas torres sineiras se apresentam com um perfil discreto e gracioso. O corpo inferior, erguido em pleno terraço das torres, tem a forma octogonal, com janelas, seguindo-se-lhe a cinta contornante, a servir de base á cupula. Esta é igualmente octogonal, rasgada por oito óculos. No cimo, coroando a construção, ergue-se o elegante lanternim com cortina circulatória, rematado por grimpa.

A subida ao zimbório da Estrela não fatiga e surge ao visitante como uma ascensão a todos os títulos curiosa e interessante. Os 229 degraus das escadarias nascem no pavimento inferior da basílica. Os primeiros 112, levam-nos «em caracol» até ao largo terraço das torres sineiras. Nomes, datas, frases com os mais diferentes significados, corações ligados pela seta de Cupido, evocando amores de ontem ou amores de hoje, cobrem as gélidas paredes, passando á nossa volta como entretém e como testemunho de quantos nos precederam na visita. Do terraço, dominando principalmente o frondoso jardim da Estrela, domina-se já um vasto horizonte citadino. Contudo, é lá no alto que a extensão panoramica espera o visitante.

O corpo do zimbório situa-se no extremo sul do terraço. Uma pequena porta, aberta numa das suas faces octogonais, permite-nos ingressar na espessura da cupula, recomeçando a ascensão. Caminha-se depois sobre o transepto, passando-se pela galeria circulatória. A escadaria, estreitíssima, mal deixa o visitante voltar-se, quase o emparedando na apertada passagem que vai vencendo. Ao cabo de mais 107 degraus, atinge-se a base do lanternim, para o qual se sobe por uma íngreme escada de ferro de 10 degraus. Quando se alcança o ultimo, abre-se um pequeno alçapão e atinge-se finalmente o alto do zimbório.

Tudo em redor se divisa desse magnífico miradouro, ponto de vista admirável, dominando a cidade imensa, numa extensão panoramica surpreendente, que impressiona e extasia. Lisboa, o Tejo, a Outra Banda, tudo é maravilhosamente belo, contemplado do alto do zimbório. A grande ponte, enriquecendo agora extraordinàriamente a paisagística da capital e do rio, tem uma feição especial, como não se observa de nenhum outro lado. A silhueta altiva de Cristo-Rei, mesmo em frente daquela varanda «aérea», faz-nos volver os olhos ao céu. Lisboa inteira está arrojada aos pés do visitante e expande-se em todas as direcções a perder de vista.

A basílica da Estrela tem no zimbório a melhor peça do conjunto de todo o templo e a capital tem nesse magnífico remate da vetusta igreja, um dos seus mais belos miradouros. Mas é preciso que os turistas lá vão, para apreciarem o soberbo espectáculo que lá de cima se lhes oferece. Os poucos que até agora lá terão ido, são uma escassíssima minoria, como, aliás, sucede com o próprio lisboeta.

O zimbório da Estrela merece, realmente, a divulgação turística a que muito justamente tem direito. Facultada a entrada do publico apenas aos domingos, durante duas escassas horas e meia, não será assim que poderá atrair os visitantes, que, aliás, desconhecem em absoluto o seu valor como miradouro.

Em Munich, por exemplo, os turistas sobem á cabeça da estátua da «Bavária» — porque os folhetos turísticos da cidade o aconselham — para, ao fim e ao cabo, não fazerem mais do que espreitar por pequenas fendas, que mal deixam ver o vasto campo verde que se estende em frente do monumento. E chega a formar-se «bicha» para esta visita. Não haverá maior interesse em subir ao zimbório da Estrela?

Para que os turistas subam ao zimbório e se deslumbrem com o que de lá vêem, é necessário que seja feita a sua propaganda como miradouro e que as visitas, pelo menos durante o Verão, possam efectuar-se todos os dias, de manhã e de tarde. Há também que incluir nos folhetos turísticos de Lisboa a visita ao zimbório da Estrela, realçando o seu interesse como surpreendente ponto de vista. Se assim se fizer, e se no exterior da basílica, por meio de elucidativos e atraentes cartazes, se convidar o turista passante nas imediações, e até o próprio lisboeta, a subir ao zimbório, a capital contará com mais um motivo de agrado, não só para os que a visitam, como para os seus habitantes. Uns e outros, como convém aos interesses turísticos de Lisboa, deixarão de ignorar o belo miradouro.

VASCO CALLIXTO

MONUMENTOS DE LISBOA

Igreja de Santa Catarina (Paulistas)

A fachada da igreja do antigo convento dos Ermitas de S. Paulo da Serra de Ossa, inspirada certamente na de S. Vicente de Fora, é uma das mais imponentes de Lisboa e anuncia o barroco do frontão contracurvado e em certos pormenores decorativos. Mas o conjunto que a estreiteza do local prejudica, impõe-se pela sua presença clássica incontestável.

Note-se o grande retábulo monumental do altar-mor, obra-prima de talha barroca joanina, do segundo quartel do século XVIII. Peça arquitectural de grande efeito, em que a figura humana atinge importante papel.

A esplanada da estalagem, vendo-se também os terraços dos quartos

Uma estalagem moderna no bairro de Nova Oeiras

O bairro residencial de Nova Oeiras constitui um magnífico conjunto habitacional, que se vai completando com os mais característicos elementos de uma perfeita e agradável urbanização. Nessa verdadeira e acolhedora cidade-jardim surgiu agora mais um desses indispensáveis factores de progresso, que se integra oportunamente no plano geral do bairro, concebido e edificado pela Sociedade Nova Oeiras: uma interessante e moderna unidade hoteleira.

Destinada a atrair os forasteiros, é um estabelecimento que se pode bem considerar de primeira categoria, pelo que lhe foi reconhecida a utilidade turística. Possui doze quartos alcatifados, todos com casa de banho e terraço privativo, e, a par do seu aprazível restaurante-bar, tem anexa uma bonita esplanada, abrigada do vento norte, predominante da Costa do Sol, onde se pode tomar qualquer refeição ou serviço de cafetaria.

Toda a decoração é muito agradável e harmoniosa. Concebida inicialmente sob projecto do arquitecto Henrique de Figueiredo, já falecido, foi posteriormente modificada e concluída pelo decorador José Espinho. O mobiliário simples e elegante foi fornecido pela Casa Olaio. E' de salientar ainda uma pintura alegórica do Marquês de Pombal, Conde de Oeiras, executada sob «maquette» de Camara Leme.

O local é muito sossegado e repousante, embora fique próximo da estação de caminho de ferro de Oeiras e entre as estradas marginal e antiga Lisboa-Cascais.

Divulgação do turismo francês

No propósito de facilitar a viagem aos turistas portugueses que, de ano para ano, afluem em maior numero a França, o «Commissariat General au Tourisme Français» editou em português uma brochura intitulada: «A chave da sua viagem a França», que contém variadíssimas informações, nomeadamente: dados geográficos, formalidades para entrar em França, divisas e moeda francesa, alfândega, diferentes meios de transporte a utilizar em França e para lá chegar, as principais regras do código da estrada e sinais de trânsito, hotels e restaurantes de turismo, custo da vida, informações sobre os C. T. T. e espectáculos, clima e direcções uteis.

A representação em Portugal do Comissariado-Geral do Turismo Francês, na Rua Áurea, 234, remeterá exemplares do referido guia a quem o solicitar.

CRESCE O MOVIMENTO TURÍSTICO NAS BALEARES

Durante o ano findo visitaram as ilhas Baleares 1 080 826 turistas, com uma permanência média de 10,3 dias. As respectivas instalações hoteleiras ascendem a 1 284 unidades, dispondo de 67 589 quartos. Deste modo, existe ali um hotel por cada grupo de 345 habitantes! Outro aspecto muito significativo: em 1965 construiu-se um novo nucleo hoteleiro de dois em dois dias...

Por sua vez, o tráfego aéreo no aeroporto de Palma bateu, no mesmo ano, todos os máximos anteriores, registando um movimento de 40 224 aviões e 2 046 196 passageiros. Houve, assim, um aumento de 25 por cento em relação a 1964. A média diária verificada em 1965 naquele aeroporto corresponde a 191 aeronaves e 11 095 passageiros.

O frondoso parque das termas da Curia

Tradições e problemas de Vila Nova de Milfontes

onde é notável o desenvolvimento do turismo e da construção de habitações

Vila Nova de Milfontes, freguesia do concelho de Odemira, distrito de Beja, está rodeada de extensos pinhais, fixos em terrenos arenosos. Fica a perto de 30 quilómetros a sul do Cabo de Sines, a 15 quilómetros ao norte do Cabo de Sardão, na margem direita e na foz do rio Mira, a 20 quilómetros da sede do concelho. Trata-se duma povoação antiquíssima. Escavações feitas há bastantes anos demonstraram ter ali vivido o homem pré-histórico. Nas escavações efectuadas pelo benemérito dr. Abel da Silva Ribeiro, foram encontrados machados e instrumentos de pedra polida, de cobre e bronze, hoje incorporados no Museu Arqueológico de Lisboa.

Também foi encontrada, nessa ocasião, parte duma piroga, construída, segundo se supõe, do tronco dum carvalho, cavado por meio de fogo e de golpes de machado de pedra. Este primeiro espécime arqueológico encontrou-se enterrado no lodo, a 4 metros de profundidade.

A vila é anterior ao domínio dos romanos

Por aqui se conclui que Vila Nova de Milfontes é já anterior ao domínio dos romanos na Península e também não há duvida que foi habitada pelos cartagineses porque, num promontóriozinho ao norte da entrada da barra, se encontraram diferentes utensílios utilizados por eles, como louças, anzóis, pregos de cobre e alicerces dos tanques em que faziam a salga do peixe.

Da ocupação de Milfontes pelos celtas, fenícios e gregos não são raras as provas que o atestam. Foram também abundantes as provas de os romanos ali terem habitado, como sepulturas, moedas e diversos utensílios. A vila foi um dos primeiros concelhos de Portugal, dando-lhe D. Afonso III a primazia, quando expulsou os mouros de todo o Alentejo e começou a cuidar da administração do reino.

Ataques formidáveis a Milfontes

Milfontes foi tomada aos mouros pelo bispo de Lisboa, D. Soeiro, com a ajuda de cavaleiros de certa cruzada. Nessa época, o concelho compunha-se desta vila e da do Cercal. Mas o concelho foi extinto por decreto de 24 de Outubro de 1855, passando por isso Milfontes para o de Odemira.

A vila de Milfontes suportou repetidos e violentos ataques e assaltos de piratas, por estar junto á costa. No princípio do reinado de D. João II, os mouros assaltaram, saquearam e incendiaram a vila, deixando-a quase deserta. Para a defenderem e ampararem, D. João II concedeu a 50 homiziados o privilégio de viverem livremente em Milfontes e seu termo, com a condição de ajudarem a rebater as investidas dos mouros, pois quase todos os seus habitantes haviam abandonado a povoação, procurando domicílio mais seguro longe da costa.

No fim do domínio castelhano, três barcos argelinos, acobertados pelos rochedos da praia sul, ousaram, sem serem vistos, ancorar, já de noite, detrás da Pedra da Atalaia. De ali seguiu, ardilosamente, um deles, em direcção ao canal, a 2 quilómetros da vila, ficando os outros ocultos na Atalaia. Ao romper da manhã, desembarcaram os mouros que haviam ido para o canal, onde destruiram e saquearam um casal próximo. As restantes duas embarcações, que se juntaram depois á primeira, levaram consigo muitos dos habitantes da vila, que não puderam fugir, entre eles o prior daquela paróquia, aprisionado quando procurava retirar da igreja o Santíssimo Sacramento e salvá-lo da profanação, e que mais tarde foi resgatado por D. João IV.

Construção de um castelo para defesa de Milfontes

Aquele soberano, condoído por tantos desgostos porque os habitantes de Milfontes estavam passando, mandou construir um castelo para defesa da vila, guarnecido com 6 peças de artilharia e duas companhias de soldados. Obrigou, além disso, os habitantes da vila e do seu termo a apresentarem-se ao governador, logo que ouvissem o sinal de rebate do sino do castelo. O castelo tem uma ponte lavrada, fossas, barbacã, paiol, capela, acomodações para a guarnição, etc. Este castelo foi vendido a um particular. O jardim público, que lhe dá serventia á beira-mar, e de onde se disfruta uma vista admirável, tem gravada numa pedra colocada no parapeito do muro, a seguinte inscrição: *Monumento Nacional.* Este castelo constitui actualmente ponto de visita obrigatória, designadamente de ingleses e franceses que passam em Milfontes as suas férias.

As belezas de Milfontes

Milfontes, apesar das belezas com que a natureza a fadou, continua a ser, por assim dizer, uma freguesia

(Continua na 16.ª página)

A SOC. COM. ANTÓNIO BARATA & FILHOS, LDA.

COMEMOROU, ONTEM, NAS SUAS INSTALAÇÕES DE RIO MAIOR A VENDA DO 200.º CILINDRO *KEMNA*

O sr. Luís Barata pronunciando o seu discurso

Com a presença dos srs. Karl Schmidt, presidente do conselho de administração, e Bruno Brecht, administrador da fábrica HATRA; Erwin Brueckel, administrador da fábrica Magirus-Deutz; e Wolfgang Heid, administrador da fábrica Linnhof, que se deslocaram, propositadamente, ao nosso País, realizou-se, ontem, em Rio Maior, nas instalações industriais da Soc. Com. António Barata & Filhos, Lda. a festa comemorativa da venda em Portugal do 200.º cilindro KEMNA, para a construção de estradas, por aquela firma, de que fazem parte do conselho de administração os srs. António Lopes Barata, Adriano Lopes Barata e Luís Lopes Barata.

A festa teve início ás 12 horas, com a exposição e a demonstração de máquinas para construção de estradas e a visita ás instalações industriais e á linha de montagem de camiões, após o que se seguiu um almoço que reuniu para cima de 300 convidados, clientes e amigos, findo o qual foram oferecidos, como brindes comemorativos da venda do 200.º cilindro KEMNA, aos possuidores das referidas máquinas, isqueiros, caixas de casquinha para cigarros, e carteiras de pele, tendo a Shell colaborado com a oferta de gambiarras aos motoristas.

Durante o almoço, a que presidiu o sr. António Lopes Barata, presidente do conselho de administração da Soc. Com. António Barata & Filhos, Lda., que tinha, á direita, os srs. Karl Schmidt, Karl Eisele, Wolfgang Heid, António Leitão de Oliveira, e drs. José da Silva Moreira e João Mesquita de Sá, e, á esquerda, os srs. eng.º Fernando Pessoa, vice-presidente do Banco de Angola, Erwin Brueckel, Kurt Voltz, Emídio Beirão Pires da Cruz Joaquim Dias Sousa Ribeiro e António Veiga, usaram da palavra, entre outros, os srs. Karl Eisele, eng.º Manuel Valente, dr. João Franco Mesquita e Luís Lopes Barata, gerente daquela sociedade, que historiou os dez anos da actividade desenvolvida pela firma, no que se refere á venda dos cilindros KEMNA, agradecendo a presença de todos, e terminando por afirmar, que nunca se hão-de desviar do caminho honesto que sempre têm trilhado, para o que muito contribuiram, sem dúvida, os clientes e os amigos ali reunidos.

O caso do menor

atingido por uma descarga eléctrica

Continua internado, na sala de observações do Hospital de São José, o menor André da Graça Gomes, de 7 anos, que, ontem, na Venda Nova, onde reside com os pais, Vítor Manuel Gomes, serralheiro-mecanico, e Maria da Graça Palma Gomes, e uma irmã, na Rua do Outeiro, 14-1.º, dto., foi atingido por uma descarga eléctrica, quando apanhava figos na árvore de um vizinho.

Valeu ao pobre rapaz o pronto e dedicado auxílio dos srs. enfermeiro André e bombeiros Cunha e Sousa, da Associação de Voluntários da Amadora, que o reanimaram por exercícios respiratórios e administração de oxigénio.

O primeiro-subchefe Perninhas, comandante do posto da Polícia de Segurança Publica da Amadora, deteve, para averiguações, o dono da figueira, o carpinteiro Manuel Alves Cravo, que declarou ter ligado á corrente uma rede colocada sobre uma barraca no quintal da sua residência, para evitar que lhe roubassem os figos, mas que nunca julgou que o facto pudesse ter consequências graves.

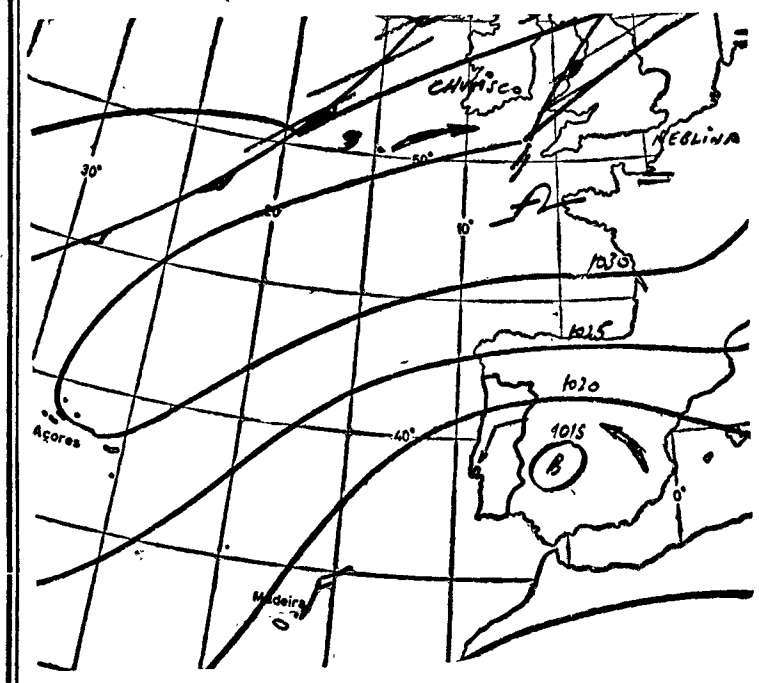
O referido carpinteiro foi hoje remetido, com o respectivo auto de declarações, á Polícia Judiciária.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 36°,5; mínima: Montalegre, 10°,2.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje)

A — Anticiclone (alta pressão)
B — Depressão (baixas pressões)
—— — isóbaras (mb)

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 17 DE AGOSTO — Tempo quente e seco sobre o território do continente, provocado por uma massa de ar continental transportado na circulação da depressão de origem térmica.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu limpo, vento fraco ou moderado e subida de temperatura.

MARES

PREIA-MAR: Dia 16 — Às 4 e 07 (4 m); 16 e 28 (4,3 m). **Dia 17** — Às 4 e 39 (4,1 m); 16 e 57 (4,4 m). **Dia 18** — Às 5 e 22 (4,2 m); 17 e 42 (4,4 m).

BAIXA-MAR: Dia 16 — Às 9 e 48 (0,9 m); 22 e 18 (0,7 m). **Dia 17** — Às 10 e 13 (0,7 m); 22 e 47 (0,6 m). **Dia 18** — Às 10 e 58 (0,7 m); 23 e 35 (0,6 m).

FASES DA LUA

SOL	AMANHÃ	Hoje	Dia 23	Dia 31	Dia 8
	Nascer ás 6 e 51				
	Ocaso ás 20 e 29				

A reunião de hoje

do Rotary Clube de Lisboa

Sob a presidência do dr. Antero Ramos Taborda, reuniu-se hoje, no Hotel Tivoli, o Rotary Clube de Lisboa.

Prestada homenagem á bandeira nacional, o director do protocolo, eng.º Severo Cunha, fez a apresentação dos convidados e dos numerosos rotários visitantes, tanto nacionais como estrangeiros, a todos saudando, após o que se deu início á cerimónia da troca de galhardetes do clube de Lisboa com os dos clubes dos rotários visitantes.

O secretário, dr. Carlos Elias da Costa, deu conta do expediente e lembrou, mais uma vez, a reunião do Comité Franco-Português, em Royan, e a conveniência do clube se fazer representar condignamente.

O presidente saudou todos os convidados e os rotários presentes, congratulando-se pela forma como estava decorrendo a reunião, hoje dedicada á amizade e companheirismo, aliás exuberantemente demonstrados, e pôs em relevo a inauguração da Ponte Salazar, a mais grandiosa obra pública inaugurada em Portugal, que muito virá contribuir para o desenvolvimento económico da margem sul do Tejo e propondo uma saudação muito especial e muito amiga ao eng.º Canto Moniz, ilustre director do Gabinete da Ponte Sobre o Tejo, a quem o clube ficou devendo uma inesquecível palestra sobre a ponte.

Seguidamente, o presidente lembrou a passagem, no dia 14 de Agosto, de mais um aniversário da batalha de Aljubarrota, comemorado como o dia da gloriosa Infantaria Portuguesa.

FAP

Fábrica de Automóveis Portugueses, S. A. R. L.

Por se encontrarem encerrados, até ao próximo dia 21 e por motivo de férias, os nossos escritórios da Sede, qualquer assunto de urgência, relativo á FAP, pode ser tratado na Av. da Liberdade, 262, 3.º, Esq. — Telef. 52756 — Lisboa.

Em ALCANENA, o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se por intermédio do SR. MANUEL DOS SANTOS COELHO JÚNIOR, Rua José Alves Anastácio 2

A CAMINHO DE UMA GUERRA SINO-AMERICANA?

(Continuação da 1.ª página)

rácter sério dos compromissos da União Soviética, acerca da ajuda que o Governo se propõe dar ao Vietnam em luta. E, sucessivamente a sr.ª Gandhi, Wilson e Thant apenas puderam reafirmar a recusa de Moscovo em tomar qualquer iniciativa no campo diplomático. Uma decisão desta natureza, aliás, miplicaria uma duvida sobre a determinação e a capacidade do Vietnam em sustentar vitoriosamente a luta contra o inimigo americano. Pelo contrário, o tom não cessou de endurecer no decurso das ultimas semanas, e a referência ao envio de voluntários, solenemente registada na declaração de Bucarest, dos países membros do Pacto de Varsóvia, tornou-se actualmente uma cláusula de estilo em todos os discursos e declarações oficiais feitos em Moscovo.

O desafio que representa a actividade dos bombardeiros americanos, na verdade, acabou por convencer os soviéticos de que Washington especula constantemente sobre as dimensões do conflito no interior do campo socialista, e recusa tomar a sério as advertências do Kremlin. Assim, os dirigentes soviéticos interrogam-se sobre se os acontecimentos não acabarão por escapar ao seu «contrôle». Até agora, procuraram evitar as declarações escaldantes e demasiado precisas, a fim de não se encontrarem na mesma situação em que Khruchtchev se colocou aquando da crise de Cuba. As reservas do actual Governo russo continuam a ser apresentadas em termos bastante generosos, para que seja possível recuar com honra. Mas a *escalada* verbal por mais controlada que seja, prossegue enquanto os órgãos do Poder organizam uma verdadeira mobilização moral da opinião publica. Certamente que as imagens e as descrições dos bombardeamentos americanos, das destruições em terra, dos vexames infligidos aos vietnamianos indignam o cidadão russo da classe média. Não se poderá dizer, no entanto, que o problema vietnamiano seja para ele tão «visceral» ou tão preocupante como o temor do militarisma, alemão. De qualquer modo conseguiu-se alertar a opinião publica, e esta campanha foi levada a cabo com tanto dinamismo que o Governo deverá de ter em conta, sem sombra de duvida, o estado de espírito que ajudou a criar. Este recurso á opinião publica constitui uma lamina de dois gumes. Assim, a declaração solene do Soviete Supremo, que encarregou o Governo de reforçar a ajuda ao Vietnam, é uma forma hábil de, sem se comprometer, o Kremlin convidar Washington a não aumentar a sua actividade bélica naquele país. Os dirigentes soviéticos vêem, no entanto, diminuir o seu campo de manobra. Em que medida o prosseguimento dos bombardeamentos americanos não obrigará o Governo da União Soviética a passar das palavras aos actos?

● Evitar o conflito

O objectivo — chave essencial da política soviética—não encontra maneira de evitar o «showdown, o conflito directo com Washington em que — segundo pensam — os chineses pretendem lançá-los. Em todas as advertências russas dirigidas aos americanos, encontra-se indirectamente mas claramente expresso o conselho de não intentar nada que possa fazer aproximar esta lamentável eventualidade. Assim, quando por duas vezes em menos de um mês o Governo soviético protestou contra a actividade aérea americana sobre as águas territoriais vietnamianas, mostrou claramente a sua inquietação em relação ao facto de uma bomba lançada nos seus navios ancorados em Haiphong fazer perigar a paz mundial.

A prudência russa vislumbra-se, também, na distinção feita pelos dirigentes quando falam do pessoal político americano. Gromyko, no seu discurso do vigésimo terceiro congresso, evocara, apoiando-se numa citação de Lenine, os elementos *lucidos* do campo adversário. «*A União Soviética* — afirmou — *não deve perder a paciência e irritar-se perante a atitude das potências ocidentais responsáveis pela tensão; deve, sim, continuar a tentar resolver os problemas com os elementos do sector burguês que compreendem a necessidade de semear as relações internacionais*».

Mais recentemente, Kossyguine afirmou que os elementos moderados do Governo americano encontrariam, sempre, ouvidos compreensivos em Moscovo. Em resumo, finge-se, acreditar que a coexistência pacífica e as relações soviético-americanas não são revistas sómente por culpa de uma facção da administração de Washington.

Apesar da preocupação constante da arranjar saídas, as iniciativas americanas levam o Governo soviético á parede, enquanto as violências verbais de Pequim, denunciando o conluio Washington-Moscovo, o obriga a um endurecimento. Evidentemente que, no interior do campo socialista, a guerra do Vietnam permitiu aos soviéticos cimentar a sua oposição á China, acusada de se descartar das suas obrigações para com um país irmão. Mas, do mesmo modo, os russos podem intervir mais dificilmente no sentido da moderação junto do Governo vietnamiano. E não será exagero falar-se de um verdadeiro «alinhamento» do Kremlin pela política de Hanoi, cujas condições a abertura de uma negociação são actualmente inteira e totalmente sustentadas pelos dirigentes moscovitas. Houve tempo em que, embora não o declarassem, os soviéticos duvidavam da validade do expediente de fazer da retirada dos americanos o ponto de partida para qualquer negociação. Actualmente, porém, os famosos «quatro pontos» de Hanoi são aprovadas inteiramente.

E' evidente que o Governo soviético, mercê dos fornecimentos de armas, assistência económica e envio de técnicos, está senhor dos meios de influenciar um Estado que até agora apoiara a China na sua discussão com Moscovo, aquando da viagem de Kossyguine a Hanoi, em Fevereiro do ano passado. Mas, ao mesmo tempo, esta assistência criou-lhe novas obrigações, que são muito amplas. A responsabilidade adquirida obriga a sustentar até ao fim uma nação irmã que se encontra a braços com graves dificuldades. Receia-se em Moscovo que a conjunção dos ataques militares norte-americanos e a ofensiva verbal dos chineses conduza, justamente, áquilo que se procura evitar: um conflito directo com os Estados Unidos.

E' difícil de prever a atitude que o Governo soviético adoptaria no caso de se verificar uma guerra entre a América e a China. Nenhuma declaração oficial fixou a posição do Kremlin nesta hipótese, ainda que na Imprensa comentários autorizados tenham sempre sublinhado o facto de a União Soviética não poder ficar indiferente perante a extensão das operações militares americanas nos territórios do Vietnam do Norte ou da China meridional. Mas os russos iriam além de uma declaração de princípio de solidariedade em relação a um país que foi sempre considerado como fazendo parte do campo socialista? E' concebível uma reconciliação sobre a unidade de acção?

No seu discurso do vigésimo terceiro congresso, Brejnev sugeriu novamente um «cume» sino-soviético. «*Em qualquer altura* — afirmou — *estamos prontos a unir-nos aos chineses, para resolver as nossas dificuldades*». Mas, sabendo de antemão que eles recusariam esta proposta, Brejnev pouco arriscava em mostrar-se generoso para com os seus detractores chineses, que retomaram com ardor a sua campanha de invectivas. Kossyguine reafirmou, também, diante do Soviete Supremo, que o seu Governo envidaria todos os esforços para «*restabelecer as relações amigáveis e a unidade com a China Popular*». Mas por fim, e rompendo pela primeira vez as trevas nessa polémica, Kossyguine atacou directamente e com uma violência desusada os dirigentes chineses, nomeadamente designados, culpados de «*caluniar a União Soviética, de deformar a sua atitude*...» E, passando ao contra-ataque, o chefe do Governo russo declarou, com uma autoridade reforçada pela sua reeleição, que os ataques dos dirigentes de Pequim e da Imprensa chinesa «*estavam a prestar, apenas, um grande serviço aos imperialistas americanos*». Em matéria de conluio, falemos antes daquele que se possa estabelecer entre Washington e Pequim. Neste clima em que os adversários respondem a um golpe com outro, um Canossa chinês parece muito problemático.

Aceitarão os dirigentes soviéticos correr o risco de enfraquecer os conceitos da revolução, protelar a concretização das promessas de melhoria de nível de vida feitas ao povo, que aspira a um maior bem-estar e cujo apetite, no que diz respeito a bens de consumo, cresce constantemente? Kossyguine respondeu parcialmente a estas perguntas, ao declarar há alguns dias: «*A U. R. S. S. reforçará constantemente as suas defesas. Ao mesmo tempo, dará prova de moderação e sangue-frio e não se deixará arrastar pelas provocações daqueles que gostariam de tirar partido da tensão internacional e da guerra...*» Esta tomada de posição faz lembrar o que dizia Estaline em 10 de Março de 1939: «*Seremos prudentes e não permitiremos que os provocadores da guerra, habituados a que os outros se sacrifiquem em seu lugar, levem o nosso país a participar em conflitos...*»

● A coexistência pacífica e os seus limites

Os actuais governantes soviéticos, e nomeadamente Kossyguine, jogam o seu futuro numa política económica que visa a satisfazer as aspirações de uma população ávida de artigos de consumo em maior quantidade e de melhor qualidade, bem como de serviços mais eficientes... E, não estando a economia soviética apta a fornecer ao mesmo tempo «manteiga e canhões», é evidente que a execução do vasto programa de reformas, introduzido na industria e na agricultura, repousa na conservação da paz, numa redução da tensão internacional. A coexistência pacífica com os países capitalistas continua a ser, portanto, uma das bases principais da política externa soviética, e, perante o Soviete Supremo, Kossyguine apresentou-a como «*uma necessidade objectiva nas relações entre países que têm sistemas políticos diferentes...*»

Ao opor-se ás teses chinesas, a Russia afirma que a melhoria das condições de existência dos seus povos reforça o seu poder, e, portanto, consolida a paz e proporciona uma contribuição positiva á luta travada em conjunto pelo movimento comunista internacional. Mas, em todas as declarações oficiais, a fidelidade expressa em relação ao princípio da coexistência pacífica contém uma reserva bastante importante: a U. R. S. S. não está disposta a pagar qualquer preço por essa coexistência, e muito menos a obtê-la em troca do abandono de uma nação irmã, vítima de agressão.

O outro pilar fundamental da política soviética é o apoio dado a todos os movimentos revolucionários, que lutem pela emancipação política e económica do seu país. Aparentemente, o Governo soviético tem algumas dificuldades em conciliar estas intenções contraditórias, mas, estando consumada a competição com Pequim para a direcção ideológica e política do movimento internacional, não se pode mostrar menos firme que os chineses, em palavras e em actos.

A U. R. S. S., aliás, não saberia como furtar-se ás suas responsabilidades de *leader* do campo socialista. Se a China fosse atacada, não poderia de modo algum adoptar uma atitude passiva sem se arriscar a sofrer uma diminuição de prestígio. Tem, teóricamente, tal como acontece com o Vietnam, de prestar assistência a uma nação irmã em dificuldades, e convém assinalar que, apesar da violência da controvérsia, a China continua a figurar, nas declarações oficiais, entre os países do campo socialista. Mas será lícito perguntar até onde estão prontos os soviéticos a ir no cumprimento do seu dever de solidariedade para com um país irmão, vítima de agressão. E' evidente que os russos preferiam não ter de escolher, e perseverar no caminho difícil de manter um diálogo, de desenvolver as relações comerciais com o Ocidente, ao mesmo tempo que assumiam as suas responsabilidades no seio do movimento internacional. E é esta a razão por que a escolha inexorável, a que os obrigam americanos e chineses, os enche de inquietação.

HENRI PIERRE

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

JUNTA NACIONAL dos Produtos Pecuários

Foi requisitado para desempenhar o cargo de vice-presidente da Junta Nacional dos Produtos Pecuários o dr. Mário de Oliveira, inspector do quadro do pessoal permanente da Comissão de Coordenação Económica.

Dizem os leitores...

Serviços dos C. T. T.

Enviou-nos o sr. Augusto Pires uma carta da qual reproduzimos o essencial para conhecimento das entidades competentes:

«As estações dos C. T. T., incluindo a da Praça Luís de Camões, abrem ás 8 horas, ou seja que começa áquela hora a sua actividade. E os que ali vão, ao abrir o serviço com o tempo contado para as suas ocupações, necessitam de ser atendidos imediatamente. Sucede, contudo, que, muitas vezes, quando abre aquela estação ainda a limpeza está a ser feita, precisamente na parte funcional e em contacto com o publico. E é um tempo valioso que se perde, enquanto decorrem limpezas e conversas. Estamos certos de que as determinações das entidades respectivas dos C. T. T. são no sentido de se fazerem tais limpezas sem qualquer prejuízo para o serviço publico — e, também, para que o pessoal seja solícito e atencioso».

Anomalias na aplicação do imposto de transacções

Recebemos do sr. Joaquim Saraiva, do Porto, a seguinte carta que remetemos á atenção imediata das entidades competentes:

«*Sr. director* — Tenho apreciado as considerações de alguns leitores do «Diário de Lisboa» sobre anomalias que se têm verificado no lançamento do Imposto de Transacções, todas bem apresentadas e dentro da razão. Há, contudo, um caso que eu não compreendo, e gostava que alguém o elucidasse, embora não seja um artigo de primeira necessidade. É o seguinte:

«Aqui, no Porto, a pastelaria vendia, antes do imposto, os pastéis a 1$20. Por que motivo de 1 do corrente em diante estes mesmos pastéis passaram para 1$50. O imposto sobre 1$20 é, em número redondo, de $10; mas mesmo este deve recair sobre o custo do produtor e não sobre o que vendia o retalhista. Mas eu já faço a conta sobre o que o retalhista vendia, para melhor se ajuizar da anomalia.

«Por que motivo se verifica este aumento? Haverá alguma portaria a permitir que se proceda assim, ou é um abuso a coberto do imposto? Que responda quem pode!»

O problema dos hospitais e estabelecimentos de assistência

Escreve-nos o sr. Alfredo Augusto dos Santos a carta que a seguir publicamos para conhecimento imediato das entidades respectivas:

«*Sr. director* — Leitor do «Diário de Lisboa», venho pedir a publicação *(Dizem os Leitores)* do seguinte:

«Sou caixeiro-viajante de acessórios farmacêuticos há 20 anos. Desde o dia 1 de Agosto, em que começou o vigorar o Imposto de Transacções, diz o respectivo decreto que ficam isentos do imposto: adesivos, algodão, bandas adesivas, compressas, cintos umbilicais, D. D. T., cintas, ou sejam pensos rápidos, fundas medicinais, gaze, ligaduras, meias medicinais. Sendo assim, como diz o decreto, pergunto eu, para poder informar os hospitais, casas de saúde, clínicas e farmácias: se estão sujeitos ao imposto todos estes estabelecimentos, especialmente os hospitais, que gastam agrafes, agulhas, seringas, argálias, sondas, almofadas de ar, arrastadeiras, urinóis, aventais, jogos conubas, cápsulas *cat-guts*, cordão umbilical, luvas cirúrgicas, termómetros, material cirúrgico (sejam bisturis, estiletes, lâminas para bisturis, pinças de dissecção, *pearn*, *Kocker*, pôr e tirar agrafes, etc., sondas caneladas, tesouras, etc., seringas de borracha, *racords*, sedas de sutura, sondas de enteroclise, sondas *Faucher*, tubo de *Drenes*, etc. Se têm de pagar o imposto, então 30 por cento dos hospitais, por esse País fora, vêem-se aflitos para pagar os recibos, e ainda aplicar mais os 7 por cento nos artigos indicados. Acho que não está bem, até porque os acessórios de farmácia são artigos de tanta necessidade como o pão que nós comemos. Que os 7 por cento quanto aos acessórios farmacêuticos, acho que a lei não previu bem isto. Nos hospitais, nas farmácias, nas clínicas, nas casas de saúde, nos asilos, todos dizem que não está bem. Não poderá ser modificado o decreto sobre tais artigos, que a todos se afigura dever ficar isentos?»

O trânsito em Portimão

A propósito do trânsito em Portimão, o sr. Martinho Mergulhão escreve-nos o seguinte:

«O aumento turístico desta cidade, bem como o aumento populacional, obriga os automóveis a estacionar nas ruas, nos largos e nos parques, que são poucos e na maioria pequenos para se lhes chamar parques de estacionamento. A cidade, de ruas estreitas, está por vezes «entupida» e continua sem ter quem oriente o trânsito e quem fiscalize a desordem na arrumação das viaturas que se estendem por todas as ruas.

A falta de policiamento origina o caos que se verifica no trânsito e cada um estaciona onde e como quer, acontecendo, na Rua da Hortinha e noutras mais, com carros e camionetas de um e do outro lado, não ficar espaço para se fazer por ali o trânsito. Estão mesmo entupidas, que é o termo. E as motorizadas? É uma verdadeira anarquia. Quase todas de silencioso sem «miolo», parecem verdadeiros furacões que passam, aturdindo com a infernal barulheira aqueles que precisam de trabalhar ou de dormir. Sim, porque os possuidores de tais engenhos até de noite fazem alarme com as suas maquinetas em corridas sonoras e perigosas, sem o menor respeito pelas vidas dos seus semelhantes.

O movimento da cidade exige maior policiamento e estranha-se muito que se continue com um tão reduzido número de guardas, que são insuficientes para a regularização do trânsito. Continuar-se-á assim? Há já necessidade de alguns sinaleiros e de um policiamento de harmonia com as exigências do trânsito para bem da população e dos que nos visitam, e para bem do turismo».

NECROLOGIA

SUFRÁGIOS

Dr. Pedro Batalha Reis

Nas igrejas de São Pedro, na Ericeira, e da Encarnação, em Lisboa, celebraram-se, esta manhã, missas de sufrágio, por alma do sr. dr. Pedro Batalha Reis, cujo falecimento, na capital, no dia 9, não foi, então, noticiado por sua determinação.

Numismata distinto, foi o organizador e primeiro conservador do Museu Numismático Português; e, perito de altos méritos e reconhecida autoridade, muitas vezes os tribunais lhe confiaram a avaliação de importantes espólios numismáticos. Representante de Portugal em congressos e reuniões internacionais da especialidade, a sua palavra autorizada e as suas opiniões estruturadas e esclarecedoras suscitavam sempre interesse e eram acatadas com respeito, o que, distinguindo o ilustre numismata, revertia, também, em prestígio do País.

Formado, após um curso brilhante, pela Faculdade de Letras de Lisboa, o dr. Pedro Batalha Reis dedicou-se a constantes e profundos estudos de numismática; e são de grande valor os seus trabalhos, dos quais citamos: «Moabitinos Portugueses», «Moedas de Toro», «Os Museus Numismáticos em Portugal», «História da Casa da Moeda de Lisboa», além de muitos outros que constituem valiosos e clarificadores elementos de estudo.

Natural de Lisboa, o sr. dr. Pedro Batalha Reis, tinha 60 anos, era irmão das senhoras D. Maria Batalha Reis e D. Susana Batalha Reis e dos srs. Edmundo Batalha Reis e dr. António Batalha Reis, a quem apresentamos sentidas condolências.

Utilidade turística

Foi declarada de utilidade turística a Estalagem de Santa Cruz que o sr. José Hipólito levou a efeito na praia de Santa Cruz, «desde que o proprietário se obrigue a um esforço de melhoria do partido decorativo, sob a orientação dos serviços técnicos do Comissariado do Turismo».

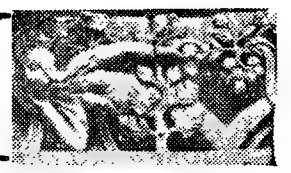
Marinha de Guerra

O capitão-de-mar-e-guerra Alberto Magro Lopes foi nomeado para exercer o cargo de chefe do Estado-Maior do Comando Naval do Continente.

— O capitão-de-fragata engenheiro construtor naval Carlos Ribeiro Caldeira Saraiva foi promovido ao posto de capitão-de-mar-e-guerra da mesma classe.

Profusão de lindas e garridas flores — as melhores boas-vindas que o Mercado de Chão do Loureiro dá, logo á entrada, ás suas frequentadoras

DIÁRIO DE EVA



AO CORRER DO TEMPO...

É um nadinha romântico, quase piegas, isto de uma Eva do século XX escrever um diário. Coravia de vergonha se as minhas amigas — e os meus amigos — soubessem. Que troça! Isso estava bem para as nossas avós, que não tinham muito em que pensar. Anotavam receitas de cozinha á mistura com alguns comentários sobre os acontecimentos quotidianos. (Hoje vi na recepção da senhora Brites de Almeida um rapaz gentilíssimo com uma linda flor na lapela. Que luvas impecáveis! E a bengala! Parece que é sobrinho do conde das Rosas Bravas.. Sorriu para mim e disse-me que eu era muito galante. Que atrevido! Mas é muito simpático.).

Nada. Hoje já não se escrevem diários desses. A verdade é que com mini-saia ou sem ela, com biquini ou fato de banho até ao pescoço, mas de pernas ao léu, continuamos a ser românticas, femininas, púdicas apesar de tudo, mas segundo outros moldes, outra mentalidade.

Somos superficiais e conscientes. Com sentido de responsabilidade e... Bem, continuamos a ser mulheres — simplesmente.

Talvez não seja descabido um diário. Talvez nele possa expressar aquilo que, apesar de toda a minha desenvoltura, não consigo dizer em voz alta. Talvez nele encontre a realidade do meu ser. Isto de conviver com os outros é dispersarmo-nos, é sermos aquilo que eles querem que sejamos e não o que somos na realidade.

E o que sou eu? Quem sou eu? Que pergunta angustiosa. O barulho arrancado ás guitarras eléctricas, ás baterias, amortecem essa pergunta, todas as questões que dentro e fora de nós se erguem e ás quais não sabemos responder com lógica. A lógica da matemática que aprendemos, nós, a juventude feminina e masculina, e que não equaciona os nossos problemas. A algebra estará certa? Não se subverteram os valores? Dois e dois são ainda quatro?

EVA

Postal de férias

«Meus amigos: *O tempo seco continua.*

Dizem que em algumas regiões do País não chove desde Abril. E mesmo assim, se pode chamar-se chuva ao lacrimejar arrependido que nem chegou a molhar a fímbria da saia da Terra...

Faltará a água durante parte do dia. Vieram avisar. Não há em casa nenhuma vazilha que fique por encher...

Afirma o «jornal da praia» que os males não ficarão por aqui. Compreende-se que a descontracção desejável para as férias sofra assim um rude golpe...

«Férias? Deixa-me rir...» — *dizia uma senhora ontem, na praça, perante a carestia da vida.*

De qualquer modo, a praia enche-se. Especialmente de malta nova. Lá está a mãe em casa para se ralar...».

PEQUENO ROMANCE

M. L. é talvez um tanto gorda. Digamos: um pouco forte. Mas isso não é razão, com mil demónios! A todo o momento estamos a assistir a paixões mortais por mulheres gordas. Já não falo das matronas romanas que reinavam sobre uma multidão de homens — sem exagero. Já não falo das mulheres de Rubens, tão despertadoras dos sentidos, apesar das formas alentadas, dos refegos da carne — doirada, é certo, mas refegos, de toda a maneira.

Já não falo da Madame de Pompadour e outras que tais que iam á mesa dos reis — nédias, bem alimentadas, possantes, capazes de abarcarem todo o abraço de um homem, por muito grandes que fossem os seus braços...

Falo das mulheres do nosso tempo. Havendo, ao que se diz, muito menos homens do que mulheres, a verdade é que mulher nenhuma ficou solteira. Como isso acontece, ignoro. Não percebo de aritmética. Pelo menos da aritmética do amor — que é diferente da outra propriamente dita...

Nenhuma, estou a mentir. A M. L. arrisca-se a não conhecer as alegrias e os tormentos do Amor. Não. Por ser um bocadinho... forte, não será. Olho para ela, ponho-me a pensar no mistério. É que até fala bem! Carrega um pouco nos rr mas que importancia terá isso! Faz-se entender em francês e em inglês. E está bem empregada, calculem! Um bamburrio para qualquer homem.

Mas não. Ela própria o diz: «Nunca me dirigiram um piropo, uma graça...» Sorri ao dizer isto. Aquele sorriso triste, como uma candeia em noite de velório.

Ontem, a propósito da carestia da vida, afirmava-me que não ganha tão bem que se permita comprar os livros que lhe apeteçam.

— E veja lá — acrescenta— que não gasto dinheiro com vestidos. Há dez anos que uso os vestidos que me deixou a minha mãe. A unica despesa é modificá-los.

Sim, sim. É isso. Começo a perceber. Mas..., começo a perceber o quê? Os homens são muito ignorantes em certas matérias? Talvez não tanto como parece. O meu instinto começa a perceber. Exprimir é que ele não sabe. As vezes, o instinto é sábio. Um sábio tonto.

MANHÃ NA PRAÇA

RONDA SEMANAL DOS MERCADOS DE LISBOA

AS VARIANTES DE COTAÇÃO NO MERCADO...

A GRANDE PREOCUPAÇÃO DE EVA

Nasceu ontem o «Diário de Eva», mas já assumiu importancia relevante nas colunas do nosso jornal. A si começa a atrair tudo o que de mais perto pode interessar á mulher: até esta «Manhã na Praça», que regista a variação de preços nos mercados e que, ao nível da dona de casa, é de tanta importancia como as subidas e descidas da Bolsa para os «jogadores» especializados.

A «Dona de Casa» está entusiasmada por a sua secção ficar integrada no «Diário de Eva». Há algo mais diário do que a compra dos produtos para cozinhar as refeições? E' mais do que diária essa preocupação, é de todas as horas! Congratula-se, também, a «dona de casa» por a sua local mudar para as terças-feiras. As segundas eram uma tristeza, com os mercados ás moscas. Praça, praça, só ás terças, quintas e sábados! A hortaliça é fresquinha, a fruta foi acabada de comprar no mercado abastecedor, o peixe está constantemente a chegar da traineira. A fartura dá um ar festivo ao ambiente... e embaratece um bocadinho os produtos, não é assim!

AGRADÁVEIS BOAS-VINDAS!

Hoje fomos ao Mercado do Chão do Loureiro. Fomos recebida com a mais agradável recepção. A da entrada profusamente florida. Como não ficar bem disposta se á nossa volta flores e mais flores de rico colorido e doce fragancia nos envolvem, nos fazem lembrar que a natureza é bela e que, por vezes, a sua contemplação nos pode compensar das amarguras pessoais!

As vendedeiras põem-se com toda a boa vontade á nossa disposição.

— Quer saber preços? Pois aí os tem de enfiada:

A duzia dos cravos, a 25$00; das dálias, de 10$00 a 20$00; de gladíolos, de 40$00 e 50$00; o molho das sempre-vivas, a 50$00; da gipsofila, de 10$00 a 12$50; e das césias, a 15$00.

PEIXE AINDA A CHEGAR

As bancadas registavam já grande quantidade de peixe, mas a todo o momento entravam novos cabazes. Tomámos nota dos preços marcados — e todo o peixe tinha o preço marcado. O peixe-espada estava a 8$90; o chicharro, a 5$50; os rabos de pescada, bem molesinhos, por sinal, a 12$00; a pescada grande, de Sesimbra, de 38$00 a 42$00; os linguados, desde 20$00, pequenino, a 40$; as lulas, de 28$00 a 30$00; as eirozes, a 27$00; a sarda, a 7$90; o carapau, também a 7$90; o polvo, a 10$00; o berbigão, a 2$50 e a ameijoa, a 23$00. Quanto á lagosta, santola e lagostins, brilhavam pela ausência!

No meio da nossa ronda pelas bancadas do peixe, detivemo-nos em duas que tinham um distico a dá-las por encerradas. Motivo: suspensão temporária por dois dias, com interdição das locatárias entrarem no Mercado por virtude de utilizarem jornais no lugar!

Portanto, boas amigas, já sabem: não deixem as vendedeiras de peixe embrulhar-lho em jornal. Este é para ler, mas a tinta de impressão em contacto com os alimentos não faz grande bem á saude.

Vamos ao resto dos preços do peixe: o cachucho vendia-se, a 6$70; a pescada de rabo na boca, a 12$00; a marmota, a 20$00; a sardinha, a 8$90; e a conquilha, que chegou já vinhamos a sair, a 7$00.

NEM COM ELEVADOR A CONCORRÊNCIA AUMENTA

Subimos de elevador: o luxo do Mercado do Chão do Loureiro que nem por isso é dos mais concorridos. Fica bastante fora de mão, não haja duvida.

Vimos alfaces a 1$00 e 1$50, cada pé, mas bastante pequenas, duas, 1$50; os nabos estavam, a 1$00 e 1$50, por unidade; a lombarda, a 2$50; o pepino, a 2$00; o molho das nabiças a 6$00; o dos grelos, a 7$00; a couve portuguesa, de 1$00 a 3$00 cada; os molhos dos agriões e dos espinafres, respectivamente, 1$00 e 4$00. O quilo das cenouras estava a 4$00, muito bonita: o do tomate, 2$50 e 3$00; e o dos pimentos, 5$00.

PÊRAS PARA VÁRIOS PREÇOS

Passámos pelos lugares da fruta. Bastante. Mais em conta. Parece começar a prevalecer um nadinha de bom-senso. Bonitas uvas vendiam-se a 5$00; bananas, de vários tamanhos, mas não das de Africa, de 5$00 a 8$00; as pêras, desde 6$50 a 7$00, 9$00 e 13$00 — as ultimas muito grandes. Pêssegos lindos, a que não resistimos comprar, a 10$00; havia-os também a 8$00; feias maçãs a 5$00 e luzidias — tinham-lhes puxado o lustro, a 7$00; os figos a 4$00; as rainhas cláudias, a 13$00; ananás, a 23$00; e laranjas pequenas, a 22$00, o quilo.

CRIAÇÃO TODA MORTA

Pode ser que não tivéssemos visto bem, mas a criação que estava á venda no Chão do Loureiro era toda morta e arranjada. Ainda perguntámos a uma vendedeira. Respondeu-nos:

— Só vendo criação do aviário, mas de vez em quando aparece alguma viva!

Os frangos do aviário, limpos, eram a 28$00. Borrachos mortos, a 9$00; galinha partida, saloia, a 31$00.

Fomos á procura de quem por vezes tivesse criação viva. Encontrámos, mas de momento só tinham coelhos, mas deram-nos o preço deles já depois de mortos e limpos: 35$00. O frango vivo, quando têm, vendem-no a 20$00, e morto, 23$00.

DONA DE CASA

Em Férias

LEIA O

Diario de Lisbôa

«O JORNAL QUE FORMA E INFORMA O PÚBLICO»

ACEITAM-SE ASSINATURAS

PARA UM MINIMO DE OITO DIAS

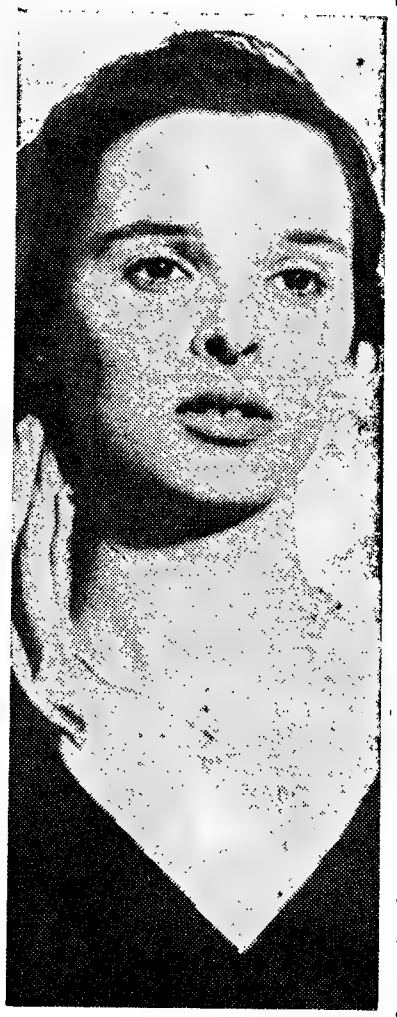
(NÃO SE ENVIAM RECIBOS A COBRANÇA)

LUCIA BOSÉ

VOLTA AO CINEMA

MADRID, 16 — (A. N. L.) — Vai regressar ao cinema Lucia Bosé, agora com 32 anos — declarou ao «Pueblo» o realizador espanhol Jaime Prades.

A sua decisão de voltar — acrescentou — já fora tomada há muito



LUCIA BOSÉ

tempo e estuda uma oferta de Pierpaolo Pasolini para desempenhar um papel em determinada película.

A actriz italiana abandonou as filmagens quando casou com o «espada» espanhol Luís Miguel Dominguin.

PARA CONSERVAR A JUVENTUDE

Uma mulher que se desinteressa do que se pasas em seu redor, envelhece prematuramente. Viver num mundo restrito é abdicar da juventude de espírito, é deixar sem função células que agitadas pelo pensamento, pela acção, iriam revitalizar a pele, a silhueta, a própria alma.

As mulheres que trabalham fora do lar conservam por mais tempo a juventude de espírito do que aquelas que circunscrevem a sua acção ao lar, e os seus interesses ás intrigas das vizinhas. As que participam da vida do marido, dos filhos, dos acontecimentos do mundo nos seus múltiplos aspectos estão a pugnar pela conservação da sua juventude.

— X.

Um mercado verdadeiramente português

não pode entender princípios discriminatórios

— afirmou-se numa reunião na Corporação da Indústria destinada a debater problemas de exportação e integração

A direcção da Corporação da Indústria reuniu-se com os vice-presidentes das diversas secções e conselhos, para apreciar, entre outros assuntos, a acção empreendida pela Corporação quanto ao Código do Imposto de Transacções e escutar uma importante comunicação do presidente da direcção, sr. dr. Augusto de Sá Viana Rebelo, sobre a exportação e a integração dos mercados portugueses.

Quanto ao Código do Imposto de Transacções, o presidente expôs, durante largo tempo, a posição que a Corporação iria assumir, tendo obtido o assentimento do Conselho para o prosseguimento dos estudos já em curso nos serviços. Passando à comunicação sobre a exportação e a integração dos mercados portugueses, versando o primeiro aspecto, começou por afirmar:

«O problema da exportação, que é para o mercado de produção metropolitana uma questão de primacial importância, assenta em certas coordenadas, que importa planificar até para que se esclareça, de vez, as razões da sua aparente inoperância e possa enunciar uma fórmula de solução satisfatória.

Algumas dessas coordenadas são de fundo, comuns a todos os mercados de produção, mas outras constituem elementos de mais intensa predominância, em mercados de produção mais preocupados com os níveis de parque industrial e, consequentemente, com a procura de um grau de industrialização, que permita um tanto quanto possível equilíbrio com mercados de produção concorrenciais, e, por motivos vários, com um grau de preparação para a penetração dos mercados de consumo, mais adiantado.

Concretizando, refiro-me, por um lado a um nível de produção — em qualidade e quantidade —, que permita a presença, sem soluções de continuidade, nem falhas de compromisso comprometedoras de um abastecimento regular nos mercados de consumo do exterior, e, por outro, a um sistema de organização comercial e industrial regularizado, que assegure essa mecânica de abastecimento, a par de uma racional e adequada mecânica de produção.

Situação extremamente embaraçante e dramática

Na base da inoperância, ou do pouco êxito, de uma exportação em termos regulares — que pressupõe a existência de uma máquina em funcionamento pendular com o destino de produção para o exterior —, está a dimensão pouco adequada das nossas unidades fabris para essa produção (sem correr os riscos de um abandono do mercado de consumo interno, que constitui lògicamente o fundo de escoamento das produções) ou, como outra face do mesmo espelho, a falta de sentido associativo dos nossos industriais que conduz à quase impossibilidade de agrupamento para atingir esse fim, que é a constituição com um grupo de unidades independentes, de uma unidade única para efeitos de exportação.

Não é que as dimensões existentes — entenda-se em nível de média empresa — não sejam as suficientes para possibilitar uma luta concorrencial em mercados de consumo que largamente ultrapassem o nosso, mas a presença permanente dessas unidades em tais mercados exige, para além de uma planificação prospectiva para que não estamos preparados, um sacrifício inevitável de posições internas, que, numa sociedade como a nossa, não habituada a uma visão de negócios além fronteiras, e, ainda, vivendo as consequências de um isolamento económica centenário, dificilmente se poderá pedir.

E verifica-se esta situação extremamente embaraçante e dramática: as contingências da nossa economia e da nossa política conduziram-nos a um mercado de consumo pelo menos oito vezes maior que o mercado de consumo nacional de há dez anos; processámos uma reconversão industrial que possibilita uma concorrência nesse mercado; mas uma motivação de ordem vária impossibilita-nos de efectuar a cobertura desses mercados em termos de planificação comercial, para a estarmos a processar, inadequadamente, por intervenções isoladas, inconsequentes, desprestigiantes e finalmente destroçadoras desses mesmos mercados para o nosso mercado de produção».

Plano de acção

Prosseguindo na sua exposição e depois de esboçar um equacionamento dos problemas, o sr. dr. Sá Viana Rebelo declarou, mais adiante:

«Nestes termos há que preparar um mercado de produção *parcial* que, *aglutinado* consiga, *em todo*, abastecer o novo mercado de consumo; organizar um serviço de «contrôle» de qualidade; organizar

(Continua na 17.ª página)

O próximo Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros

Como noticiámos, vai efectuar-se, de 6 a 13 de Setembro próximo, em Boston e Nova York, o VI Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, o qual está a ser aguardado com muito interesse e grande expectativa, pelo notável escol intelectual daquelas duas grandes metrópoles norte-americanas. À semelhança dos anteriores, o colóquio tende a promover o estudo da formação, desenvolvimento, difusão e manifestações características da civilização luso-brasileira, em todos os lugares onde a sua presença se tem feito sentir.

O ministro da Educação Nacional está a acarinhar muito de perto este importante acontecimento, de que resultará, sem dúvida, um conhecimento mais perfeito da contribuição luso-brasílica para o enriquecimento espiritual da Humanidade. Por esse motivo, o sr. prof. Galvão Teles assinou um despacho em que, depois de considerar que a comissão organizadora, incumbida de preparar a participação portuguesa, se desempenhou da sua tarefa, em termos merecedores de todo o encómio, e que o Conselho Superior do Instituto de Alta Cultura, por deliberação homologada pelo ministro, concede missão oficial fora do País a 31 individualidades para o fim de participarem no Colóquio, decidiu designar uma delegação, com o encargo de adoptar as decisões e providências requeridas por essa mesma participação.

Essa delegação é constituída pelos srs. drs. Armando Cortesão, da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, presidente; Américo da Costa Ramalho, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; André Gonçalves Pereira, da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa; comandante Avelino Teixeira da Mota, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; João Marcal de Almeida, do Ministério dos Negócios Estrangeiros; e José Pinto Peixoto, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

As despesas de viagens e estadia da delegação portuguesa são pagas pelo Instituto de Alta Cultura, Junta de Investigações do Ultramar, Ministério dos Negócios Estrangeiros e Fundação Calouste Gulbenkian. A cargo do Instituto de Alta Cultura ficam também todas as despesas de secretariado, organização, montagem e catálogos da exposição de livros a realizar durante as sessões do Colóquio, e a publicação de um ou mais volumes com os trabalhos dos participantes portugueses.

O guarda da P. V. T., sr. Mário Martins — um dos agentes da operação «Regresso» —, explica ao nosso redactor como se deu o acidente. Em primeiro plano, pode ver-se o carro português

Milhares de veículos

foram orientados pela P. V. T.

no extraordinário movimento de regresso do fim de semana a Lisboa

A Polícia de Viação e Trânsito lançou ontem, como noticiámos, a operação «Regresso», para eficiente «contrôle» de trânsito dos milhares de veículos que chegaram á capital. Com um fim-de-semana prolongado por um feriado, muitos foram os que decidiram aproveitá-lo nas praias ou no campo. Houve, por isso, que prever as naturais dificuldades resultantes d extraordinário movimento no re gresso. Para isso, a P. V. T. mo bilizou vinte brigadas, as quais at

Um guarda da P. V. T. vigia uma das auto-estradas de acesso á ponte sobre o Tejo

A PONTE E O FIM-DE-SEMANA

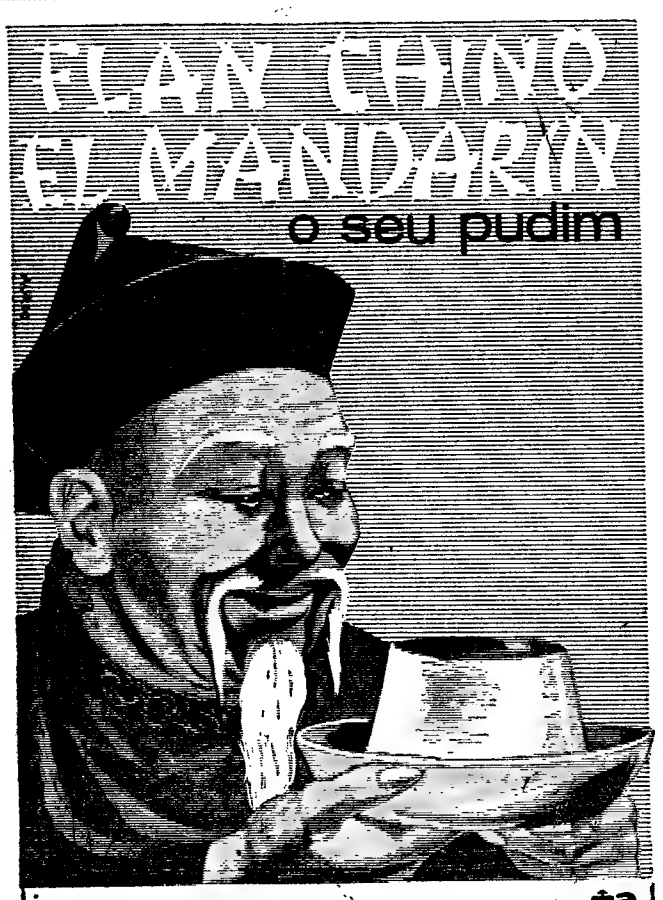
Um dos pontos de entrada em Lisboa que registaram maior afluência de veículos foi, como era de prever, a ponte sobre o Tejo. Ali passaram, nas últimas 24 horas, 20 894 viaturas, das quais 11 581 no sentido Sul-Norte.

tuaram, nomeadamente, nos aces sos á ponte sobre o Tejo e á aut -estrada do Norte, bem como n respectivos locais de portagem, ainda na ponte de Vila Franca d Xira.

● Os que passam a ponte.

Cerca das 20 horas, o trânsit fazia-se normalmente no ponte so bre o Tejo, embora começasse notar-se certa intensidade no sen tido Sul-Norte. Os veículos qu haviam saído, gradualmente, d Lisboa, começavam a voltar e

(Continua na 16ª página)



LEVE...
GOSTOSO...
NATURAL...
PREÇO 1.50
+a

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU.
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257
ZEBÚ

NA SAPATARIA
ZEBÚ
NÃO PAGA LUXO...
PAGA SÓ QUALIDADE
RUA DA ASSUNÇÃO, 53

Deveres dos Patrões e Empregados
Separata da nova Legislação de Trabalho que começará a vigorar em 28 de Setembro de 1966. Preço Esc. 12$50
PAPELARIA EMÍLIO BRAGA
Rua da Madalena, 42 — Rua Alexandre Herculano, 11-C
Av. de Roma, 10-E — Av. Duque Loulé, 49-C

IMPOSTO DE TRANSACÇÃO
SEPARATA JÁ COM A ÚLTIMA ALTERAÇÃO, Esc. 15$00
PAPELARIA EMÍLIO BRAGA
Rua da Madalena, 42 — Rua Alexandre Herculano, 11-C
Av. de Roma, 10-E — Av. Duque Loulé, 49-C

Diário de Lisbôa

N.º 481

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

JUVENIL DE VERÃO DEDICADO À POESIA

SUMÁRIO

MARIA EMÍLIA NEVES	«A cidade»
JORGE D'OLIVEIRA E SOUSA ...	«Fado»
M. GUERRA	«Sem lágrimas...»
L. F. CASTRO MENDES	«Boca»
J. M. PIRES VENTURA	«Poema»
QUINTINO	«Desenho-Poema»
LEONEL FADIGAS	«Outro sabor»
CARLOS GRADE	«Ontem...»
ROGÉRIO VIDIGAL	«Hoje...»
ISABEL SALAVISA LANÇA	«Flor»
JOSÉ MANUEL MOTA	«James Meredith»
ARLINDO MANUEL CALDEIRA	«Poemeto»
M. I. GUERREIRO HENRIQUES...	«Outra dimensão»
ANTÓNIO EDUARDO	«3 Poemas»
ÂNGELO CRISTO	«Humanidade»
SÉRGIO DE SOUSA BENTO	«Poema 10»
M. M FREIRE GRAÇA	«Polaris 66»
FATMA	«Poesia»
MARISA QUINTIA	«Estátua»
J. R. C. DE ALMEIDA NUNES ...	«Roteiro»

A CIDADE

A lama a jorros.
invadiu a cidade.
Os que viam o sol
reflectido no chão
deixaram de saber que havia luz.

A noite do medo
invadiu a cidade.
Brigadas de socorro
chamadas à pressa
morriam impotentes
aumentando a catástrofe.
Perdidos no terror
perdidos em noite de lama
os homens curvaram-se
beijando o chão
vermes esquecidos da vida
afogados em nada.

Alguém se lembrou do sol
os sobreviventes viram-no
viram-no nos seus olhos.

Torrentes de vida
invadiram a cidade.
O dia nasceu
sobre a lama seca
e os homens lado a lado
amaram as flores.

MARIA EMÍLIA NEVES

FADO

Rasgam a noite cantares de pedra medievais. cicatriz
da fatalidade vos une as vozes à beira dos portais.
memória de alaúdes de som primitivo antigo à noite
o teu corpo arde e as veias são guitarras

Noite suspensa travejada de horizontes
espadas de luz velha à mão das vielas. saudade
absurda de pedras brancas. os ciprestes

Silêncio. o tempo vai passar no bronze da sé
as crianças morrem nas ruas abertas
de mistérios. antes da voz
no eco da viola adormecida
Moirama azul arrancada ao corão
e crucificada no calvário destas vielas
choram ásias de deuses mortos só de gerá-las
cantam guitarras vermelhas na noite

Sacerdotiza dos estranhos rituais
medievais
onde o vinho se esgota a cada olhar
e o mar
se une ao teu corpo antigo como estátua
e sangue
onde o meu corpo aberto a estranhas iras
(velho deus das pedras das crianças adormecidas)
se suspende no desenho
desses missais
de rituais
medievais

as guitarras as guitarras

JORGE D'OLIVEIRA E SOUSA

«SEM LÁGRIMAS NOS BOLSOS OU SORRISOS NA LAPELA»

Os nossos pés
mergulharam
até à frescura
das rochas

e as mãos
se perderam
para lá do azul
dos teus olhos

certos
exactos
como não o são os ponteiros
dum relógio
mas o pão, a fome
ou duas velas brancas
sentadas
no peito de qualquer homem

M. GUERRA

★

BOCA

É-me precisa a tua boca
Completar
Do mundo

Estejas ou não dentro
De ti
Sejas ou não o mundo
É-me precisa
Urgente
A tua boca

É-me precisa como um cristal
Como um poema
Nem é o amor que importa
Não é aqui o amor o que importa

É a tua boca
Pele pura
Húmida
Humana

Sim tudo é na boca
E a boca
Nem a voz. Que quando me falas

Tudo é diferente
É talvez a mesma relação
Do rio e da pedra

Compreende

É a boca a fonte
Nem sequer fonte
É a boca necessária
(a tua) Absoluta

LUIS FILIPE DE CASTRO MENDES

POEMA

Uma palavra antiga
mais nada
Eh amiga!
Camarada!

DANIEL FILIPE

Vem, companheira..
Mergulhemos no sol que nos aquece
e alimenta com seu hálito dourado
as flores
e os frutos que colhemos.

Digamos adeus a noite
simplesmente
como quem tira do ombros o pesado fardo dos hábitos adquiridos
e voltemos a ser puros como crianças contemplando
pela primeira vez a imensidão do oceano.

Detrás das montanhas azuladas que se erguem na distância a segurar o céu
Alguém espera por nós
Há trabalho a fazer
Amanhã partiremos.

Mas hoje
vamos ser apenas vivos
sentir pulsar nas veias o zumbido de insectos de uma tarde de Agosto
beber água nos regatos com as mãos em concha
e ver em cada pássaro um irmão alado e musical.

Olharei o teu rosto apetecido
e o teu cabelo onde assoma uma papoula rubra
(Flora feita mulher!)
os teus olhos têm promessas de outros mundos
e lenta, suavemente
farei correr a minha mão pelo teu ombro
numa surpresa de gesto inventado de novo.

Recusemos a morte! Somos vida
como a que brota em todo o universo
e afirma irresistivelmente um sentido unico de evolução.

Amanhã, partiremos
logo que o Sol, num repique de sinos
vitorioso, se arrancar á terra.
É longa a caminhada. Porém
não a tememos.
Levaremos connosco, a jeito de bagagem
o sonho imenso dos que antes de nós foram
e acreditaram, com todo o coração
num futuro melhor. O desespero
enterrámo-lo com alegria e raiva
naquele vale escuro e nevoento
donde partimos.
Sim, porque o desespero fazia murchar as flores
e nós amamos as flores!
Fazia entristecer os homens
e nós amamos os homens!

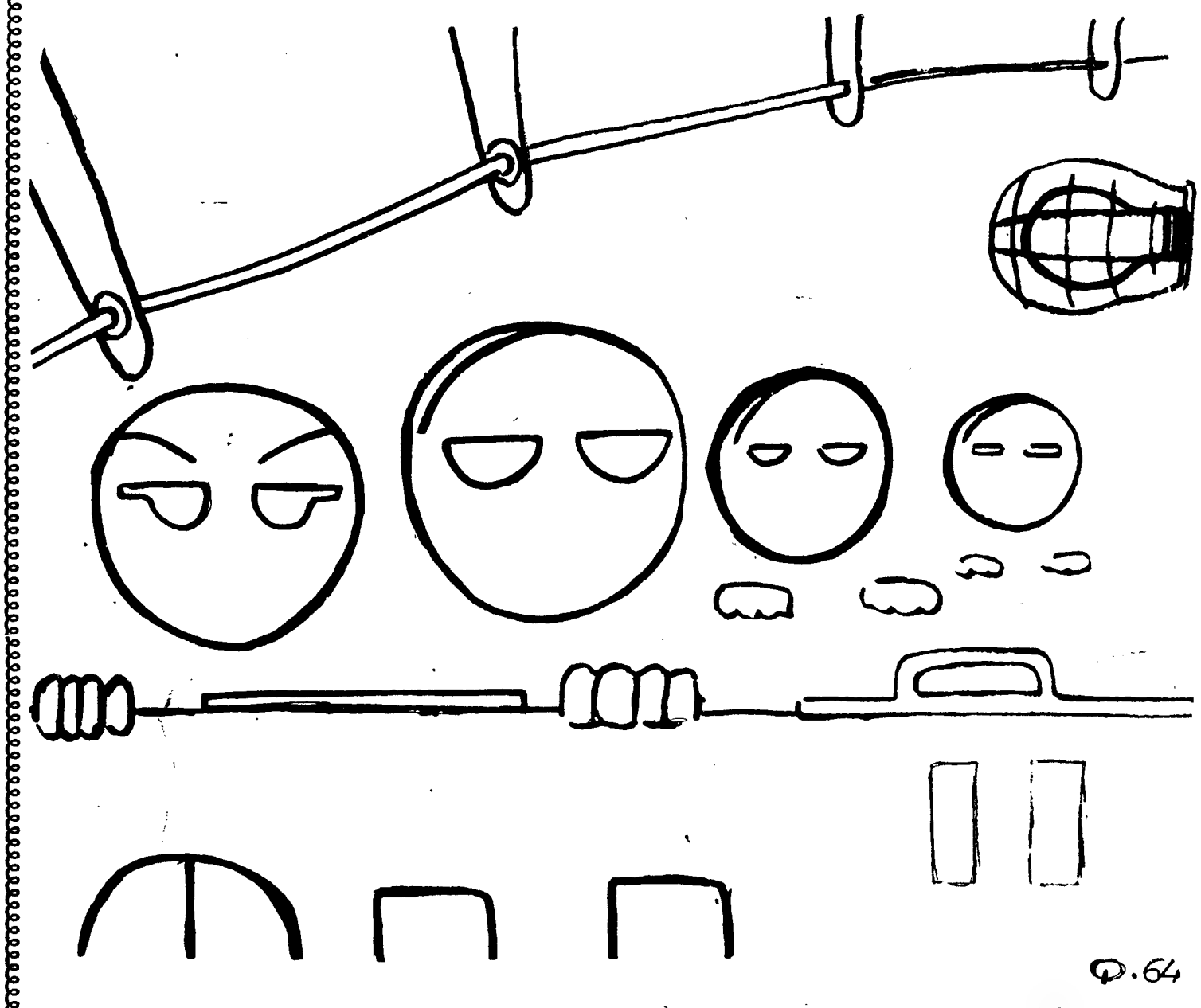
Se nos sentirmos cansados
Cantaremos as canções da nossa infância
e aquelas que os poetas, Homens sempre crianças
compuseram pensando em nós.

Caminnaremos de mãos dadas
uma corola de fogo a indicar-nos o caminho
e teremos a impressão de que o pó da estrada não nos suja as sandálias.
Vem, companheira

JOÃO MIGUEL FIRES VENTURA

CE

DESENHO — POEMA DE QUINTINO



Q.64

POEMA

MARISA QUINTIA

Un tiempo indescriptible
que no cuenta;
un tiempo que sucumbe
en tus brazos de piedra.

¡Primavera, detenida
en tu mirada fria
de ideales fustrados,
que no terminará!

★

ROTEIRO

Seguram-se com os olhos
os riscos dos prédios
com os dedos
o espaço de pedras.
O ar soletra
um receio decorado,
um contacto segredado.
as esquinas
degolando
o arrepio de caras tocadas.
Nas portas
tudo permanece
no gesto puro de recolher.
Como as ruas. Pelas ruas
alongam-se
trocados
os sulcos dos passos
e continua vago
o lugar do acto
oblíquo de saber.

JOÃO RAFAEL CORREIA
DE ALMEIDA NUNES

Aprenda a viajar
nos transportes colectivos

Se você é humano e sensível
mostre-se frio
e que a sua expressão
não lhe revele a alma !

«ONTEM ACABOU UMA SEMANA DURA»

guardei para ontem as minhas lágrimas
a força do trigo que nasce
e as papoilas vermelhas que dão cor ao meu sangue

guardei para ontem domingo
os meus sorrisos a minha coragem
e a paz de beber um copo d'água fria

guardei para ontem as palavras que não se dizem
a fé que não se tem, a certeza que existe
e a conferência falhada

guardei para ontem a mão da criança
que apertei no carro eléctrico
a resposta a uma pergunta difícil
e a realidade de voltar a ser eu

guardei para ontem o olhar
o rio, os barcos, a ponte
as estátuas que não falam, que não têm gestos
e balbuciam história pelos olhos cegos
e pela boca muda
guardei para ontem
o caminhar contigo pelos jardins
o possuir
o amor as coisas e as pessoas

ontem
acabou uma semana dura.

CARLOS GRADE

[illegible]

a vida tem outro sabor
vista por detrás das lentes escuras duns óculos de sol
tudo é verde
exasperadamente verde
o céu as casas o rio
os homens
o amarelo dos carros eléctricos
e o negro intenso dos teus olhos
— e há no ar a sensação de que estamos a assistir imóveis
ao desenrolar de um filme

o ar é verde
e esta harmonia por saturação
enche-nos dum sentimento vago que nem sequer é [angústia
porque há verde onde não deveria haver / lògicamente
porque não podemos pegar na cor
e circunscrevê-la àquilo a que é essencial
às árvores ao rio ao verde intenso da tua camisola

LEONEL FADIGAS

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

Hoje um surto aos meus dias

quedo e só
à curva.
meio-dia
e meia-hora.....

daninhas das ervas carcomidas
as casas
pasmadas orelhas vergastadas
moscas
espreitando
oscilando.

um mundo parado todo nas mãos
dos deuses da tarde.....

um outro mundo
outras mães
outras árvores

quedo e só
um homem
olha-me mais
pelos pais?.....

e pergunta-me
salve-o deus
à curva

ROGÉRIO VIDIGAL

★

Era uma semente muito pequenina
Que eu deitei à terra numa manhã fria
E que germinou.
Era uma haste fina
Verde e preguiçosa
O que veio a dar
A tal sementinha que eu deitei à terra.
E essa mesma haste
Que eu própria regava
E que baloiçava
E que engrossou
Transformou-se em caule
Já de cor castanha
Que não baloiçava
Porque era pesado
E que floresceu numa Primavera
E deu um botão
Que depois abriu.
Era uma flor muito pequenina
Que parecia sorrir:
E quando sorria ficava amarela
E quando chorava ficava encarnada
E quando chovia ficava violeta
E quando a pisavam
Voltava mais forte
Essa estranha flor que não tinha forma
Pois se estava sol ficava redonda
Se estava mau tempo ficava zangada
E se havia vento ficava curvada
E essa estranha flor que não tinha idade
Que lá estava sempre
Desde o tempo em que
Se conversa ao sol
Até ao tempo em que
Deixa de o haver
Parecia feliz...
Era uma flor muito pequenina
Que não tinha forma,
Que não tinha cor,
Que não tinha idade,
Mas era uma flor!

ISABEL SLAVISA LANÇA

JAMES MEREDITH

para o Sul
on to the South
para o Ocidente não
para o Oriente não
não estamos desnorteados mas vamos para o Sul
para as toranjas
para os empórios de algodão
para Hollywood
para o Bosque Sagrado
na paz do Bosque Sagrado
para o Sul
para o pólo
para os casacas pretas
para os pinguins
vamos esmagar os pinguins com icebergs e bolas de neve negra
nós também somos ricos
não temos medo
contra o medo
podem-nos matar
os pinguins pilotam icebergs negros
icebergs petroleiros pinguins banqueiros
pinguins usurários pinguins filmproducers
pinguins exploradores do box negro
ICEBERGS CASSIUS CLAY
os pinguins pilotam
eles são chefes de orquestra
e chefes de tudo
antes de eles erguerem a batuta
cantemos
nós e a Marian Anderson
e o Louis da trompete
e a Ella
e os outros
e nós
vozes claras de bocas negras
sing
on to the South
of the States
quantos somos agora 350
mais
mais mais
mais mais mais
cada vez mais
e as nossas vozes voam
os pinguins não voam
on to the South
of the States

Vamos esfolá-los
no Sul
o sol do sul é muito quente
bronzeia-os
e esfola-os
vamos esfolá-los como eles nos esfolam
vamos depenar os pinguins
a pele dos pinguins é preta
o coração dos pinguins é preto
os pinguins não cantam

James pá vai estudar
estamos em época de exames
colega
feriram-te
boa sorte
vê se não perdes o ano
estuda
mas primeiro
é preciso chegar ao
SOUTH
James Meredith
look at the penguins
made in U. S. A.

JOSÉ MANUEL MOTA

POESIA

«e...
e vou-me embora para muito longe,
como se partir fosse o meu destino.
vou naquele barco que sobe o rio...
(se me dizes que não posso ir choro!)
...vou naquele barco, de calças de caqui
e levo o Robisson Crusoé que ainda não li
e como cerejas-vermelhas-verdes-azuis
e vou fazer capacetes de jornal
e andar todo o dia de sapatos de cabedal...
vou no barco que vai a descer
e levo meninos p'ra fazermos uma estrela
e... vou p'ra longe naquele barco à vela
que sobe a rua, que desce o rio...
e vou fugir num barco de cerejas
vou rir p'ra terra, dançar ao luar
e vou fugir... (se tu me deixares partir)

FATMA

POEMETO

sim
ainda sou capaz
de sorrir todas as manhãs
e cada raio de sol abrir os braços
espero
que no dia da luz toda
não esteja já morto de cansaço.

ARLINDO MANUEL CALDEIRA

OUTRA DIMENSÃO O AMOR

Feri os dedos presos
nas vigas do prédio em construção
mas ofereço um lírio vermelho
aos quadrados insípidos de céu
que vejo da prisão.
Sobem revoadas de música
não sei em que ponto do espaço
não aqui no prédio-esqueleto
traços rígidos quadriculando o céu e o chão onde
[choveu
neste quadrado de terra
ermo até de tédio e de silêncio
nem estou eu
e é meu o lírio que colhi onde não há jardim
e ouço a música que me desdobra e me leva para lá
[de mim
e enche de loucura de alegria e de vertigem
todos os espaços e todos os momentos
dos homens que sabem ter nas mãos feridas
braçados de lírios vermelhos para dar
e apenas um quadrado de terra debaixo dos pés
e outro quadrado de céu onde ninguém chega, para
[olhar.

Aqui ninguém a ouve senão eu
apesar das paredes e das vigas a tapar o céu
e das mãos feridas com lírios vermelhos
sem haver a quem os oferecer
domingo fechado em cimento armado
onde não há sequer memória de operários.

Não há muros
nem há caminhos, o mundo todo é nosso
a paz vem numa lágrima translúcida
pousar suavemente nos meus olhos
a música domina o espaço e o tempo até ao infinito
e transforma-se numa nova dimensão
para os homens que a ouvem como eu
e sabem que têm nas mãos-asas
braçados de lírios vermelhos
haja ou não num prédio em construção
num domingo ermo até de solidão
operários a quem os oferecer.

MARIA INACIA GUERREIRO HENRIQUES

3 POEMAS DE ANTÓNIO EDUARDO

I

não chores

o barco ainda lá vai

nas mãos
tens o cais
de onde podes partir

nos dedos
no peito

nas raízes

promessas palavras
vinho

não chores

matar a sede
e o mar jamais acalma

II

antónio fala comigo

diz-me
que há um cravo
roxo
misturado na manhã

di-lo ainda que
não vejas mais
que facas de encontro
a nada

mil pirilampos
feridos

loucos e silhuetas

retalhadas
nesta noite temporã

III

aí
onde não chegam
beijos

nem braços fortes
cingidos

aí
como se uma linha
desiludida
fosse traçada pelo olhar

nada mais pode acontecer
senão
um atear breve
de uma ideia
vã

todos nós sermos os outros
e cada um a semente
e o arado

amanhã

HUMANIDADE

Sobre as pedras unimos a voz
Sobre os ninhos e sobre a fronte dos amigos
Liberto ao vento e ao fogo
Reabro ao coração à dor e à chuva
Reabro a mão à esperança e ao sol
Ombro a ombro passamos
Crentes do mundo e da dor
Nascidos de todos os berços
Heróis de todos os domingos
Face a face com a verdade
Com a morte e com o sangue
Com o jornal dos olhos
Com o frio da noite

Acima do dia e do calor
Acima da memória e do corpo
Pela paz que queremos
Pelo amor que beijamos
Por um povo por um dia
Por uma luz na solidão
Por um guia no desespero
Pela Lua pelas cores do sorriso
Pela angústia que se torna o eco da nossa infância
E nós só temos um único rosto
Um único olhar a viver
Um único grito a dar

O meu povo é o amor o perdão
E a miséria de todos os homens
E a paz de todas as bandeiras

ÂNGELO CRISTO

POEMA 10

o mal de tudo
foi o verbo ter nascido no princípio

do verbo se fez a carne
e da carne se fizeram os mortos

e dos mortos
a memória das coisas

SÉRGIO DE SOUSA BENTO

POLARIS 66

Proibiram o teu sossego
e calçaram-te luvas azuis
para fingires onda e céu
e um astronauta rondou-te o corpo
certo que eras um novo planeta

Uma alga verde
faz parte do teu gesto
e conduz-te metòdicamente ao bar
onde encontras um copo sempre cheio
de cansaço e lua nova

Proibiram o teu sossego
e chamaram-te humano
para apodrecer na terra

MARIA MANUELA FREIRE GRAÇA

Diario de Lisbôa
Juvenil
DOS JOVENS PARA OS JOVENS

TIPOLOGIA DA FAMÍLIA EM LISBOA — 2

Mais famílias numerosas na zona periférica

e predominância de velhos no centro da cidade

Em Lisboa, o número médio de pessoas por família aumenta do centro da cidade para a periferia — escreve o arquitecto J. Reis Machado no estudo sobre o Plano de Chelas, publicado pelo Gabinete Técnico de Habitação da Câmara Municipal de Lisboa. Os valores extremos encontrados situam-se na freguesia da Madalena (2,3 pessoas por família) e freguesia de S. Francisco Xavier (3,9 pessoas por família). O fenómeno é idêntico ao registado em relação á composição etária: a distribuição da população segundo as idades desenha nítidas zonas concêntricas na cidade — a zona periférica acusa as mais altas percentagens de jovens, enquanto o centro se caracteriza por percentagens mais altas de adultos e velhos. O número de famílias de uma pessoa aumenta da periferia para o centro, relacionando-se com o envelhecimento dos bairros centrais sob o ponto de vista físico e humano.

Assim, enquanto na freguesia dos Mártires as famílias de uma pessoa são 32% do total, constituindo os jovens de menos de 18 anos 13% da população residente e os velhos de mais de 66 anos 17%, na freguesia da Charneca as famílias de uma pessoa são apenas 10% do total e os jovens de menos de 18 anos constituem 36% da população residente, que inclui sómente 4% de velhos de mais de 66 anos.

Pela sobreposição dos dois fenómenos, vê-se, como dizemos, que o número médio de pessoas por família está intimamente ligado á idade e composição dessas famílias, relacionando-se também com a idade e características dos bairros de Lisboa. Salienta-se, por exemplo, que o número médio de pessoas por família na freguesia de S. Francisco Xavier, devido a caracterís-

(Continua na 16.ª página)

Numa propriedade dos arredores de Évora, onde trabalha o sr. Manuel da Graça, nasceu um mogango que atingiu o peso de 61 quilos. O formoso exemplar requereu especiais cuidados, de regas e cavas, por parte do sr. Manuel da Graça que se mostra agora muito ufano do fenomenal mogango que está exposto num estabelecimento de frutas da Rua Candido dos Reis, 29, desta cidade, onde tem causado a admiração dos Eborenses, tanto mais que esta variedade de abóbora não costuma ultrapassar os 10 quilos. Na foto vê-se o mogango a ser transportado por dois homens para o referido estabelecimento

Cinco feridos num desastre perto de Coimbra

CONDEIXA-A-NOVA, 16 — Por volta das 10 horas, deu-se na estrada Lisboa-Porto, entre Cernache e Condeixa-a-Nova, um desastre grave, que causou ferimentos graves em cinco pessoas.

Um automóvel, guiado pelo sr. Alexandre Manuel Patrício, de 32 anos, solteiro, alfaiate, morador na Rua de Alcântara, em Lisboa, por avaria mecanica, foi embater numa árvore, depois de derrapar.

Ficaram feridos, além do condutor, todos os outros ocupantes, os srs. António Patrício, de 28 anos, solteiro, irmão do condutor, Manuel Ferrão, de 41 anos, casado, encerador, morador na Rua Feliciano de Sousa, 132, o filho deste, José Patrício Ferrão, de 6 anos, e, ainda, o estudante Alexandre Manuel Ferreira, de 16 anos, morador na Praça da Ilha do Faial, 13, r/c.

Levados num carro particular, que por ali passava, aos Hospitais da Universidade de Coimbra, receberam, depois, a uma enfermaria, ficando internados.

DETERMINADA A IDADE DE FÓSSEIS EXISTENTES NUM MUSEU AÇORIANO

PONTA DELGADA, 16 — (L.) — O dr. Magnus Fries, professor da Universidade de Upsala, que o ano passado visitou os Açores, em missão de estudo, concluiu que três pedaços de árvores, retirados da caldeira das Sete Cidades, e existentes no Museu Carlos Machado, têm uma existência milenária.

O referido cientista, depois de análises efectuadas no Laboratório de Datações Radioactivas de Estocolmo, apurou que dois desses fragmentos fossilizados datavam de 2485 anos antes de Cristo, e o terceiro do ano 135 da nossa Era.

O cientista sueco está a elaborar uma comunicação circunstanciada acerca deste assunto, que publicará dentro em breve.

LATINA — M/6 Anos

CAMPO PEQUENO

QUINTA-FEIRA

18 DE AGOSTO - ÀS 22 HORAS

CORRIDA COMEMORATIVA DO

75º

ANIVERSÁRIO DA PRAÇA DE TOIROS DO

CAMPO PEQUENO

1891 - 1966

CONCURSO LUSO-ESPANHOL DE GANADARIAS

4 TROFÉUS EM DISPUTA a atribuir por um júri no final da corrida:

GANADEIRO — "Prémio Secretariado Nacional de Informação"

CAVALEIRO — "Prémio Turismo Espanhol"

ESPADA — "Prémio Grupo Tauromáquico Sector I"

FORCADO — "Prémio Radiotelevisão Portuguesa"

8 - ESCOLHIDOS TOIROS - 8

DE MANUEL ASSUNÇÃO COIMBRA ATANÁZIO FERNÁNDEZ * OLIVEIRA (IRMÃOS) * CARLOS NUÑEZ * PINTO BARREIROS * FILIPE BARTOLOMÉ * VINHAS (MÁRIO E MANUEL) * JOAQUIN BUENDIA

CAVALEIROS

MESTRE BAPTISTA * ÁLVARO DOMECQ

ESPADAS

ARMANDO SOARES * AMADEU DOS ANJOS

FORCADOS

AMADORES DA ESCOLA AGRÍCOLA DE ÉVORA

Chefiados por José Pereira Baptista

Bilhetes à venda nos locais do costume (Telefs. 76 15 39, 77 18 19, 3 07 69 e 32 17 12)

PASSEIOS TURÍSTICOS NO BARCO «ESTORIL-SOL»

LISBOA-CASCAIS-LISBOA

DOMINGOS, QUARTAS E SEXTAS-FEIRAS
Partida às 9 e 45 do TERREIRO DO PAÇO
(Pontão dos Cacilheiros)
PREÇO — 60$00

«UMA HORA NO TEJO»

(LISBOA VISTA DO RIO)

TERÇAS, QUINTAS-FEIRAS E SABADOS
10.10-11.20-14.50-16-17.10
DOMINGOS, QUARTAS E SEXTAS-FEIRAS
14.50-16-17.10
Partidas do Terreiro do Paço (Pontão dos Cacilheiros)
PREÇO — 25$00

INFORMAÇÕES NO CASINO ESTORIL — Telef. 26 07 30

Imposto de Transacção

AVISO

Temos já todos os livros para entrega imediata bem, como todos os impressos, para este imposto. Modelos normalizados.

Papelarias Emílio Braga

Rua da Madalena, 42 — Rua Alex. Herculano, 11-C — Av. de Roma, 10-E
Av. Duque Loulé, 49

Tipologia da família em Lisboa

(Continuação da página central)

ticas económico-sociais, é superior aos correspondentes valores do Continente-Ilhas (3,72 pessoas por família em 1960) e da população dos bairros de lata (3,61 pessoas por família, segundo o inquérito de 1960).

● GRANDE NÚMERO DE PESSOAS ISOLADAS

Verifica-se que a população economicamente mais débil da cidade, que é a dos bairros de lata, mostra um perfil geral semelhante ao de toda a população de Lisboa — aliás já se disse que nas áreas urbanas parece ser uma constante o predomínio de famílias de três pessoas. Notam-se, no entanto, duas diferenças sensíveis: enquanto as famílias de 1 e 2 pessoas são em maior número que as famílias numerosas (4 e mais pessoas) na população total da cidade, verifica-se precisamente o inverso nas populações dos bairros de lata. Este facto deve-se sobretudo ao peso das famílias de 1 e 2 pessoas existentes em Lisboa. Sendo a população dos bairros de lata uma população jovem, menor será a percentagem de famílias pequenas: é grande a predominância de casais que vivem com filhos ou outras pessoas; quando aparecem casais ou indivíduos idosos, verifica-se muitas vezes que coabitam com casais mais novos.

A estrutura da maior parte das famílias assenta no casal (76% das famílias no Continente e Ilhas, 69% em Lisboa, no conjunto, e 79% nos bairros de lata). Como se observa, a predominância de casais é quase absoluta nas populações dos bairros de lata, enquanto para a cidade no seu conjunto não chega a atingir 70%. Essa diferença verifica-se ser devida ao grande número de pessoas isoladas existentes em Lisboa (18% no conjunto da cidade, contra 11% no total do Continente e Ilhas e apenas 7% nas populações dos bairros de lata.

● POR CADA MIL CASAIS, PELO MENOS 700 NÃO TÊM CRIADA

Qualquer que seja a zona ou camada da população analisadas, verifica-se que entre casais predominam os que apenas têm um filho. Essa tendência vem progressivamente aumentando. Se a predominância é muito pequena no Continente e Ilhas, é na realidade muito acentuada em Lisboa. Em Lisboa, o número de casais com dois filhos é mesmo actualmente inferior ao número de casais sem filhos.

No entanto, o número de casais com um ou mais filhos é muito superior ao de casais sem filhos. Verifica-se porém em Lisboa uma maior proximidade desses valores. Assim, enquanto no Continente e Ilhas o número de casais com filhos corresponde a mais do triplo do número de casais sem filhos, em Lisboa a relação encontrada não chega a 1:2.

As estatísticas do último censo mostram que os casais existentes, tenham ou não filhos, vivem em geral sem outros parentes — o que significa, segundo as definições adoptadas, que a maioria dos casais não têm criada. Em Lisboa, por cada mil casais, pelo menos 700 não têm criada. Se em vez de casais, o conjunto considerado for o número de famílias, encontra-se uma permilagem idêntica.

Tradições e problemas de Vila Nova de Milfontes

(Continuação da 11.ª página)

de grandes proprietários, embora em reduzido numero. A grande maioria dos seus habitantes são famílias de pescadores. Os que trabalham na agricultura dedicam-se principalmente á cultura do pinheiro e do sobreiro, este em menor numero, relativamente á extensão das terras. No entanto, em tempos antigos, Milfontes era conhecida pelas excelentes produções de trigo, principalmente o tremez, do milho, feijão, arroz e frutos. O mel que produzia, devido ao excelente aroma dos frutos e flores, tinha fama. Também produz excelente hortaliça e tem abundancia de peixe, quer do rio, quer do mar. Mas, como dissemos, os seus habitantes não se dedicam á agricultura: uns emigram e outros andam na faina da pesca e longe de Milfontes.

Não é das águas que brotam da vila que lhe advem o nome de Milfontes. A sua água, que provem dos poços, é considerada, desde tempos idos, com qualidades riquíssimas e medicinais.

Falta uma estação dos Correios condigna com as tradições da vila e a afluência de estrangeiros

Milfontes não possui uma estação dos Correios com um mínimo de condições que satisfaçam aos anseios de estrangeiros e nacionais que ali vão passar as suas férias. É uma única divisão com um PBX, uma secretária, um cofre e um armário de cortinas e uns cacifos, tudo separado dos utentes por um balcão alto. Uma pobre empregada, assoberbada com serviço, vê-se e deseja-se: Tem a seu cargo venda de selos, os vales telegráficos, as cartas registadas, a distribuição da correspondência aos correios, o envio de telegramas pelo telefone, as informações ao publico. E ainda é responsável pelas chamadas telefónicas interurbanas, que demoram habitualmente três e quatro horas (do que ela não tem a menor culpa). Há dias, um estrangeiro teve que fazer daquela estação uma chamada para Beja. Esperou mais duma hora. Enervou-se, meteu-se no seu automóvel e dirigiu-se a Beja. Falou com a pessoa para quem havia pedido a chamada e, quando voltou á estação de Milfontes, ainda a ligação não estava feita.

Assim, é difícil promover o turismo. E' impossível fazer da estação, embora haja uma cabina, uma chamada que não seja ouvida por todas as pessoas que ali se encontram. Grande parte de telefonemas são de casas comerciais e de negócios.

O empedrado das ruas

O empedrado das ruas da vila dá-nos a impressão de que o seu calcetamento data da fundação da vila... As casas, na sua maioria, não têm esgotos. Os seus habitantes atiram as águas para as ruas. Não vale a pena apontar as consequências deste facto. Sabemos que o presidente da Junta de Freguesia tem-se afadigado a solicitar á Camara de Odemira a solução do caso, assim como a construção de um mercado condigno.

Milfontes merece um pouco de atenção de quem de direito, não só em relação ao seu passado histórico, como ao seu desenvolvimento recente, nomeadamente na construção de habitações. E é pena que a camara ainda se não tenha pronunciado em relação á construção de prédios na Avenida Marginal, cujos proprietários aguardaram há tempos a aprovação dos respectivos projectos.

Quando será construído o monumento a Brito Pais?

Quando será construído o monumento ao aviador Brito Pais, natural de Milfontes, que dali levou a efeito, em 7 de Abril de 1924, com Sarmento Beires, um «raid» a Macau? Continua no' jardim publico, em frente ao castelo, uma pedra, colocada após o «raid», a marcar o local onde o monumento devia ser erguido. Esta pedra encontra-se já bastante polida, e todas as pessoas perguntam o que significa a referida pedra, a destoar do chão acimentado do jardim.

Edifícios modernos

Há cerca de dois anos que se está acentuando em Milfontes um progresso em relação á construção de prédios de habitação e na abertura de ruas. Na vila já se encontram bonitas edificações, de linhas dinamicas e modernas, embora ainda em reduzido numero, mas que se salientam da tradicional casinha abarracada, á beira da estrada ou dentro da vila. Entre estes modernos edifícios, temos a antiga Pensão Margarida, que começou com quatro quartos, com luz de vela, sem condições nem comodidades de qualquer espécie, e hoje tem 19 quartos esplêndidos, bem mobilados, e que está sempre cheia. No jardim da vila há um café e restaurante, com esplanada, que constitui uma atracção para os turistas. Sucede, porém, como de resto noutros locais, que muitos estrangeiros e nacionais têm que se retirar de Milfontes por falta de alojamentos.

A escola primária, que está instalada num excelente edifício especialmente construído há poucos anos, dispõe de grande área de terreno circundante e murada. Pena é, porém, que esse terreno, destinado a recreio das crianças, esteja votado a tal abandono, que mais se assemelhe a uma montureira. O efeito é péssimo para os visitantes de Milfontes, e tmabém para quem habita a povoação.

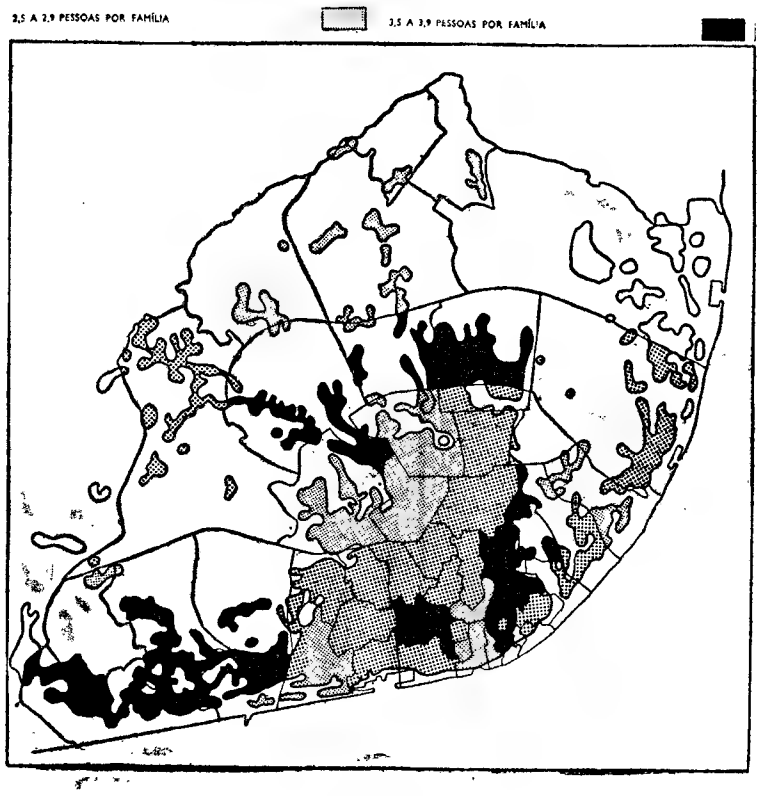
Sem médico nem farmácia

Actualmente, Milfontes não tem um médico permanente, não obstante haver ali uma colónia de férias com 400 crianças e a vila ter uma população de mais de 1500 almas, e algumas centenas de turistas, uns nas pensões e outros alojados em casas particulares. Recentemente, encerrou-se uma farmácia que ali existia, por motivos que não interessa pormenorizar. Assim, não existe nesta vila nem médico, nem farmácia, tendo os seus habitantes que se deslocar ao Cercal, a uma distancia de 15 quilómetros, quando estão doentes. Para o caso chamamos a atenção de quem de direito, na esperança de que serão tomadas as necessárias providências.

DISTRIBUIÇÃO PELA CIDADE DO NÚMERO MÉDIO DE PESSOAS POR FAMÍLIA

2,3 E 2,4 PESSOAS POR FAMÍLIA — 3,0 A 3,4 PESSOAS POR FAMÍLIA

2,5 A 2,9 PESSOAS POR FAMÍLIA — 3,5 A 3,9 PESSOAS POR FAMÍLIA



DENSIDADES HABITACIONAIS GLOBAIS NAS FREGUESIAS DE LISBOA

ATÉ 100 HAB./HA — ENTRE 100 E 200 HAB./HA — ENTRE 200 E 400 HAB./HA — ENTRE 400 E 600 HAB./HA

OPERAÇÃO «REGRESSO»

(Continuação da página central)

massa. Claro que a marcha era lenta, pois todos queriam apreciar o panorama! De um carro de matrícula alemã tiravam-se fotografias.

Chegados ao parque da portagem, notámos a presença de alguns veículos ali imobilizados. Um deles, de matrícula francesa, estava muito danificado. Um guarda da P. V. T., o sr. Mário Martins, explicou-nos o que houvera:

Cerca das 16 horas, na auto-estrada Cova da Piedade - Costa de Caparica, no sítio da Quinta de Vale Morelos, o veículo francês, conduzido pelo seu proprietário, sr. Honoré Léon Auzon, casado, de 68 anos, aposentado camarário, residente em Lourdes, que viaja na companhia da esposa, ao pretender inverter o sentido da marcha, foi apanhado por outro carro, conduzido pelo sr. José Cardoso da Cunha, de 53 anos, casado, gerente comercial, morador na Avenida Rio de Janeiro, 14-3.º, Esq.º. O acidente não teve, felizmente, consequências graves. O condutor francês sofreu, no entanto, contusões no peito, por ter embatido no volante, e o português um ferimento na cabeça. Ambos se recusaram a ir receber tratamento hospitalar. Os veículos tiveram danos de monta.

● Um acidente que pode ser aviso...

Quando um casal atravessava a ponte, numa motoreta, um dos pneus teve um furo; o veículo derrapou e o condutor... quase caiu do tabuleiro da ponte para as águas do Tejo. Felizmente, não houve ferimentos graves e o acidente ficou no «quase». Mas se, por capricho do destino, isso não sucedesse?

A estrutura dos parapeitos exteriores da ponte apresenta, na verdade, largos intervalos por onde passa á vontade o corpo de um homem. Não seria possivel revestir aqueles parapeitos de rede, para protecção dos motociclistas? Certamente que serão tomadas providências.

Por outro lado, o pavimento de grade das faixas centrais é pouco seguro para os veículos de duas rodas, que o deviam evitar, seguindo pelas faixas laterais.

Outro dos carros parados no parque da portagem tivera um furo. O problema dos pneumáticos lisos... E este nem sequer trazia pneu de reserva.

Quem circule pelas auto-estradas de acesso á nova ponte pode ver que por ali circulam carroças e bicicletas. Por outro lado, é permitido inverter o sentido de marcha em qualquer local — e não existem placas que limitem as velocidades. E isto sucederá enquanto não sair a portaria que considere aquelas vias auto-estradas...

● Os cacilheiros continuam em actividade

No intuito de apreciar o movimento do tráfego fluvial, dirigimo-nos a Cacilhas. Total ausência de engarrafamentos. Tudo normalíssimo! Os seis «ferry boats», no entanto, continuam em laboração. Pelo menos, por enquanto. Notava-se, sim, grande afluência de passageiros, talvez devido á diferença de preços entre os barcos e os autocarros que atravessam a ponte.

Voltámos ao parque da portagem por volta das 21 horas. O trânsito fazia-se ordenadamente. Começavam a intensificar-se as comunicações pela rádio entre os automóveis e as motocicletas da P. V. T. Motivo: aproximava-se a comitiva presidencial, vinda de Beja, e havia que cortar o trânsito dentro de sessenta minutos.

Até ás 22 horas não se chegaram a formar «bichas» no parque da portagem. É de assinalar que os homens da P. V. T. não tiveram folgas, demonstrando, assim, espírito de sacrifício.

Às 22 e 15, o trânsito era finalmente cortado e, algum tempo depois, passavam, a grande velocidade, os dois batedores e o carro que precediam a comitiva presidencial. O Chefe do Estado e os membros do Governo que o acompanhavam, após uma breve paragem no parque da portagem, seguiram pela ponte.

Momentos depois, restabelecia-se o movimento. Como é natural, houve, nessa altura, grande afluência de veículos. Um carro utilitário, dos mais pequenos, pagou 25$00. É que rebocava uma «roulotte».

● Grande movimento na auto-estrada do Norte

O trânsito era muito intenso, cerca das 23 horas, na auto-estrada do Norte, no sentido de Lisboa.

Tudo ia decorrendo, no entanto, dentro da normalidade.

PRAIA DE MIRA, LUSO E MEALHADA

Aproveite o sol radioso de Agosto para se deslocar ao magnífico centro turístico da fértil região da Bairrada, visitando Curia, Praia de Mira, Luso e Mealhada, utilizando a excursão que a C. P. promove no domingo, dia 14, áquela região, com uma bela viagem em comboio automotor «Foguete» (ar condicionado), 1.ª classe, circuito turístico por estrada e almoço no Grande Hotel da Curia, pelo preço excepcional de 230$00. Lotação limitada

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia) e na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124-1.º).

DIÁRIO escolar

INFORMAÇÕES COMENTÁRIOS

EXAMES DE DOCIMOLOGIA—3

A HIPERTROFIA DOS EXAMES

Referida mui resumidamente uma experiência docimológica portuguesa, a qual confirma as conclusões de trabalhos da mesma natureza feitos no estrangeiros, será o momento de encarar o assunto dentro de outro angulo.

As deficiencias apontadas serão inevitáveis? Todos os exames terão de estar sujeitos a essas discrepancias?. Dependerá tanto, como vimos nos artigos anteriores, do critério do examinador o resultado da prova? Será possível a conquista de uma maior uniformidade? Eis uma série de questões a que em devido tempo não nos furtaremos a responder. Entretanto, temos que encarar algumas questões prévias.

Em Portugal (e não será só entre nós) verifica-se uma mais nítida preocupação a respeito dos exames do que com o próprio ensino.

Embora se saiba que os exames, por mais bem concebidos e executados que sejam, são, ou deviam ser, um aspecto secundário da actividade escolar, na prática, na generalidade, são uma entidade tiranica que tudo submetem. Eis alguns contra-sensos, e só alguns, provenientes dessa hipertrofia:

a) Na instrução primária submetem-se os alunos da quarta classe a dois, melhor, três tipos de preparação. O programa das admissões ao ensino secundário é, por lei, o mesmo da quarta classe. Contudo, os professores dizem abertamente: «Este aluno é fracote; faz a quarta, mas não está habilitado para a admissão!» Estoutro, menos fraco, estará indicado para a admissão ao ciclo preparatório e não para o liceu; finalmente, aqueloutro passará na admissão ao liceu.

Se o programa é o mesmo, o aluno apto para fazer exame da quarta classe devia necessáriamente ser capaz de fazer a admissão, tanto ás escolas técnicas preparatórias como ao liceu. Não sucede assim; e nós, com o gosto medieval das hierarquias, podemos encontrar numa mesma classe, submetida ao mesmo programa, três tipos de preparação. Resultado: substima-se a preparação da quarta classe, apesar de se saber que, só por si, é totalmente insuficiente para as necessidades do mundo de hoje.

● Professores e exames

Com a argucia própria do portuguesinho, a preparação do professor, em regra, incide sobre o que, bem ou mal, julga que se vai perguntar no exame. Chegam-se a criar chapas, que os alunos digerem ou não; por exemplo, nas redacções, e surgem não raramente redacções 100 % iguais que os meninos tiveram de decorar e mastigar, em muitos desses colégios em que, com prazimento das famílias, interessa mais, em vez de formar individualidades, vender passagens.

O tema da redacção da primeira chamada dos liceus permite que assim suceda, e seria curioso averiguar quais os colégios em que os alunos são submetidos a uma preparação (?) esteriotipada e deformadora e... proceder em conformidade.

(Cumpre-nos acrescentar que a anotação do facto não significa apreciação desfavorável ao tema, válido em si, mas prejudicado por um meio em que os aspectos verdadeiramente formativos se desprezam).

Se a quarta classe fosse o que devia ser (para isso, além do mais, teria de se apreciar o trabalho dos professores, não pelo numero de passagens, mas pelas qualidades reveladas ao exercício da profissão), Para que fazer admissões?

Libertar-se-iam as crianças de 9, 10 e 11 anos dos ardores de um calor tórrido, dos excessos de uma preparação que não raro tem tanto de absorvente como de desvaliosa; e os professores, após um trabalho intenso, extenuados, não teriam de procurar o segundo fôlego, como se diz na cada vez mais corrente gíria futebolística, para levarem a cruz ao calvário. Ficariam prejudicados, materialmente, os eventuais, que concluiriam mais cedo o seu período de trabalho e de remuneração, mas, mesmo assim, valeria a pena.

Pelo menos, evitar-se-ia o contra-senso de ver entrar em férias em 8 de Junho um rapaz de 16-17 anos que tenha feito o sexto ano, enquanto uma criança de 9-10 anos estende as suas provas até Agosto.

● A extensão das férias

b) Este ano o período de férias grandes, para todos os alunos dos 1.º, 3.º, 4.º e 6.º anos dos liceus e para os do 1.º ano do ciclo preparatório estende-se de 8 de Junho a 1 de Outubro, precisamente 114 dias. Já se pensou no que representam, principalmente para os adolescentes, esses 114 dias de ociosidade?! Com mais 8, seria um terço do ano durante o qual, em regra, nada se faz. Para mais, se as condições económicas não forem muito desfavoráveis, e até quando o são, os adolescentes furtam-se, entre nós, mais do que em outros lados, a qualquer tarefa produtiva, até porque... parece mal. Eis uma ociosidade que não será de todo estranha ao baixo rendimento escolar do ensino.

Consideradas imprescindíveis as férias grandes, tanto para professores como para alunos, porque hão-de ser tão extensas, neste caso para os alunos?

Há muitos, imensos exames a fazer; e, como a estrutura do ensino na realidade está submetida aos exames, há que subordinar-se ás suas exigências. Com prejuízos? Sem dúvida.

c) Como já apontámos, por mais de uma vez, os exames, em vez de serem um mero processo de averiguação de conhecimentos, passaram a dirigir, de facto, no aspecto pedagógico, o ensino. Naturalmente, este facto observa-se mais no ensino particular do que no oficial, mas mesmo este furta-se menos á sua influência do que deveria. Em vez de os exames se amoldarem ao ensino, o ensino amolda-se aos exames.

Sem caricatura, podemos afirmar que os pontos de exame, em norma, é que ditam as directrizes, ou a falta de directrizes do ensino. Eis um factor que agrava as naturais dificuldades de elaboração dos pontos. Quem faz ou escolhe os pontos não se limita a procurar meios de prova do saber ou das faculdades dos alunos: automáticamente determina, também, dos processos de ensino, mesmo que não tenha essa pretensão. Como os pontos, embora bem elaborados dentro do condicionalismo presente, não podem preencher a finalidade directora que não lhes compete e se lhes atribui, acabam por prejudicar, de certo modo, uma orientação mais esclarecida do ensino. Quando mal elaborados, constituem um verdadeiro desastre e serão, para aproveitar um só exemplo., um elemento responsável do fraco nível de rendimento do ciclo preparatório. Alunos que foram justamente reprovados, não sendo admitidos a exame, protestam, com aparente razão, porque, se fossem a exame, passariam sem dificuldade. Independentemente das poucas esclarecidas pressões de alguns directores, no sentido de se facilitarem aprovações indevidas, em vista de mirificas percentagens, os próprios professores são solicitados a reverem atitudes, ao verificarem que ficaram para trás alunos que passariam, no exame, sem dificuldade de maior.

O ensino superior não se furta ás críticas feitas ao ensino secundário; aí, a submissão ao exame ainda será maior e não poucas vezes menos criteriosos os respectivos pontos. Basta lembrar um ponto de exame final do segundo ano de Latim publicado no «Diário de Lisboa», que faria as nossas delícias quando concluímos o segundo ciclo.

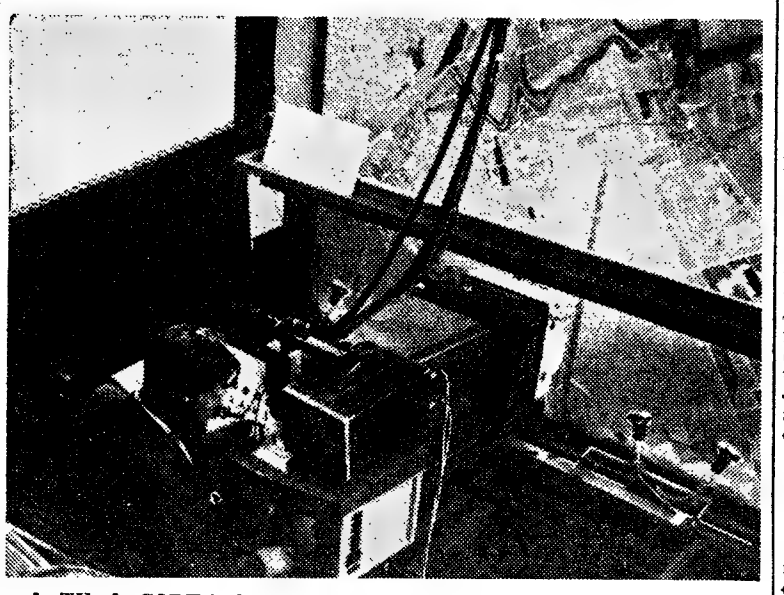
JOSÉ SERRA

A SEGUIR: Por uma maior uniformidade das classificações.

Escola Superior de Medicina Veterinária

Para o desempenho das funções de segundo-assistente além do quadro dos 1.º, 5.º, 6.º e 7.º grupos de disciplinas da Escola Superior de Medicina Veterinária, aceitam-se candidaturas até ás 16 horas do dia 30 de Setembro próximo, na secretaria daquele estabelecimento de ensino.

Os candidatos devem indicar, no respectivo requerimento, dirigido ao director da escola, a data da conclusão do curso e respectiva classificação, e bem assim juntar quaisquer documentos que possam abonar a sua competência.



A TV A CORES APLICADA AO PROJECTO «CONCORDE» — A aparelhagem de TV a cores, que a gravura nos mostra, vai ser utilizada nas pesquisas para a construção do avião comercial supersónico «Concorde» — uma realização anglo-francesa. Uma câmara especial, ligada a um circuito fechado de televisão, permitirá estudos sobre a posição de um piloto da gigantesca aeronave em relação ao terreno que sobrevoa; O VFA, assim é designado o moderno sistema, vai ser instalado na cidade francesa de Toulouse ainda este mês e foi fabricado na Grã-Bretanha. Nele serão experimentadas todas as características de voo do futuro avião, antes deste estar concluído.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

A exportação e a integração

(Continuação da página central)

um centro de exportação industrial; organizar um serviço de prospecção de mercados, através de feiras- exposições racionalizadas em Portugal, de auxílio e promoção da presença portuguesa nas Feiras Internacionais racionalizadas e do desenvolvimento do filme publicitário e sua exibição no estrangeiro; procurar com o Governo e a Corporação do Crédito e Seguros acelerar a regulamentação do crédito à exportação e do seguro de crédito; e promover benefícios e apoios à exportação».

Desenvolvendo este pensamento, o presidente afirmou, então:

«Para a prossecução do primeiro ponto, haveria que pôr em movimento — nos sectores industriais que assim o desejassem — um como que «entreposto de exportações» que funcionando como centro de exportação industrial promovesse, por um lado o fomento da exportação e por outro racionalizasse no nosso mercado de produção a satisfação das encomendas ao estrangeiro.

Desta forma se obviaria aos inconvenientes, tantas vezes suscitados pelos nossos industriais, quer de não abandonarem os mercados internos, quer de poderem corresponder com *regularidade* ás exigências externas. Esta organização seria sectorial, embora funcionasse dentro do ambito da Corporação.

A colaboração da Associação Industrial Portuguesa

O serviço de «contrôle» de qualidade deverá ser também puramente do sector privado, até porque, para além das razões de ordem política externa, que impõem uma gradual maior presença dos sectores privados nos contactos com o exterior, também esse «contrôle» deve ser defendido pelas organizações privadas que são sempre as mais afectadas pelas alterações de qualidade nos mercados de consumo.

Pressupõe este serviço — para sua boa efectivação — que fosse acompanhado de um poder coercivo para os transgressores, o qual poderia ser exercido através da Junta Disciplinar que teria de agir, evidentemente, com certa rudeza para os que deliberadamente promovessem situações desprestigiantes para a indústria nacional.

O serviço de prospecção de mercados, através de feiras-exposições racionalizadas em Portugal e auxílio e promoção da presença portuguesa nas Feiras Internacionais racionalizadas, pode decorrer através dos serviços públicos já preparados e organizados para tal, e pelas entidades privadas que desejem colaborar com a Corporação da Indústria, a fim de se não dispersarem esforços e capitais inúteis. Estamos a pensar, por exemplo, na A. I. P., que já publicamente manifestou disposição de colaborar com a Corporação da Indústria».

Finalmente, examinando a regulamentação do crédito à exportação e o seguro de crédito, o presidente manifestou a esperança, baseada em recentes declarações de elementos responsáveis do Governo, de ver em breve a promulgação de diplomas sobre o assunto, e quanto aos benefícios e apoios à exportação, declarou estar a Corporação na disposição de promover o apoio directo, através de subsídios da própria Corporação, atribuídos através de um fundo especial criado para esse efeito, aos industriais exportadores que tiverem solicitado os serviços do entreposto da exportação, ao mesmo tempo que esperava do Governo uma política firme de isenção de direitos sobre a maquinaria adquirida no estrangeiro para fins de equipamento ou reconversão industrial, desde que melhor em qualidade, produção e preço do que a adquirida em mercados nacionais de produção.

A integração de todos os mercados portugueses

Ainda referindo apoios indirectos à exportação a promover, o sr dr. Sá Viana Rebelo declarou que se torna indispensável a política dos preços das matérias-primas aos níveis internacionais e não através de preços fictícios, determinados por situações proteccionistas ou resultantes de operações não decorrentes da livre concorrência internacional, e, também, a prática de custos especiais, em termos de cotação internacional, designadamente no que se refere a «fuel» e com energia eléctrica, desenvolvendo considerações sobre este último ponto e sobre a forma de se processar esse apoio indirecto.

Versando o segundo ponto da comunicação, depois de pôr em relevo o espírito que informou os diplomas que versaram a articulação do mercado português, disse:

«Também para a indústria metropolitana, para além de ser indispensável o abastecimento às províncias — como mercado interno que são — igualmente se lhe impõe conquistar definitivamente esse mercado, que tão ávido se mostra de produtos industriais a todos os níveis, se lamenta de não ver a indústria metropolitana a ocupar os vazios do consumo, se socorre dos mercados de produção estrangeiros na falta do da metrópole, e chega a ignorar o nível de quantidade e qualidade da produção industrial metropolitana».

Após pôr em evidência o que considerava os dados fundamentais do problema, prosseguiu:

«Torna-se indispensável que o Governo consiga pôr em movimento o sistema do automatismo cambial ou que na impossibilidade de o fazer, apoie medidas tendentes à substituição desse automatismo. Recordamos para o efeito que não existem para o ajustamento eventual de medidas dessa natureza as inibições que perturbam as ligações com o mercado externo da E. F. T. A., por imperativos da própria organização.

Isto é, quando para prosseguir ao nível E. F. T. A. uma política de benefício à exportação não pode a indústria socorrer-se de medidas governamentais que a apoiem em termos proteccionistas, por estar o Governo para tal impedido pelos termos do Convenção de Estocolmo, o mesmo não sucede para uma política proteccionista que eventualmente houvesse que estabelecer para os fornecimentos ao Ultramar, enquanto se não põe em movimento o diploma que gere o automatismo cambial entre a Metrópole e as províncias do Ultramar».

Prospecção dos mercados das províncias ultramarinas

No que respeita á prospecção dos mercados ultramarinos, o presidente da Corporação manifestou o propósito da industria metropolitana promover exibições sectoriais nas províncias de além-mar, que permitam um conhecimento da produção metropolitana.

A terminar a sua comunicação, o sr. dr. Viana Rebelo, reportando-se ao problemas dos transportes para o Ultramar, á concorrência de produtos e ás produções comuns ás províncias e á Metrópole, concluiu:

«Crê-se sinceramente que será possível acordar com a Corporação dos Transportes e Turismo e as principais empresas armadoras — algumas delas tão bem representadas na Corporação da Industria — um «statu quo» que, servindo perfeitamente os dois grupos intervenientes — industriais e armadores —, resolva definitivamente esta questão, que tem constituído um elemento de dificuldade ás relações comerciais entre a Metrópole e o Ultramar.

Finalmente, não há possibilidade de prosseguir numa política industrial de aglutinação, se se não der ás diversas fontes de produção uma base igual de preços de matérias-primas, a fim de não colocar industrias numa parte do território vulneráveis a uma política de concorrência desigual, sob risco de regressarmos, inadvertida e insensívelmente a uma discriminação de mercados de produção, contrária — inteiramente — á fórmula aglutinante preconizada e seguida.

Há ainda um ponto que não pode deixar de ser examinado quando se foca o problema de articulação dos mercados portugueses. Referimo-nos aos produtos que, sendo comuns aos dois campos de produção — Metrópole e Ultramar — geram aos dois campos de mercados de consumo situações especiais decorrentes de posições legais conquistadas. Importa que, nestes casos, se processe um entendimento — que deverá ser tanto quanto possível directo —, que conduza ao reconhecimento de que a afirmação e o desejo de um mercado verdadeiramente português não pode ser entendido com princípios discriminatórios, nem pode constituir, na execução, uma frustração».

O conselho da direcção e os vice-presidentes discutiram largamente a comunicação, tendo aprovado, por unanimidade, o seu teor, como linha de acção a desenvolver.

NOS E. U. A.

A estrada mata mais do que a guerra do Vietnam

NOVA YORK, 16 — (F. P.) — Nos Estados Unidos, o «deus automóvel» tem feito mais vítimas que o deus Marte: 605 000 mortos no «campo de honra» desde que o seu país existe, 1 510 000 mortos na estrada de 1900 a 1965.

Asim, no ano passado, a guerra no Vietnam foi muito menos mortífera para os americanos do que a estrada. 1724 contra 49 000. Os técnicos calcularam que os acidentes rodoviários eram o risco principal a que um americano se expõe na primeira metade da sua vida.

É NITIDA A PROGRESSÃO DOS ACIDENTES

A progressão dos acidentes é, por outro lado, muito nítida: em 1964, um automobilista, em cinco, sofreu um acidente, nos Estados Unidos; 47 700 morreram e ficaram feridos 1 700 000.

Em 1965, o numero de mortos ascendia a 49 000 e o de feridos a 3 500 000.

Dez anos mais cedo, os acidentes da estrada fizeram menos 50 por cento de vítimas e os responsáveis calcularam que, em 1975, se a progressão continuar neste ritmo, o numero de mortos na estrada será de 100 000.

Quais são as causas principais dos acidentes? Num relatório publicado recentemente, a Associação dos Advogados nota que mais de 70 por cento dos acidentes se registam em condições de estrada ideais: estrada seca, direita, boa visibilidade, tráfego moderado.

O álcool é considerado como uma das causas de 55 por cento dos acidentes. O mau estado dos pneus é responsável por mais dez por cento. Vêm em seguida os excessos de velocidade, a condução á esquerda e, por fim, as diferenças de sinalização e de regulamentação da circulação de um Estado para outro.

Perante esta situação, as autoridades não ficaram inactivas: a circulação está extremamente regulamentada. Em parte alguma a velocidade máxima excede os 120 quilómetros-horários. E nas estradas, numerosos carros da Polícia, que muitas vezes são «carros-armadilha», velam pela aplicação do regulamento.

A construção de uma rede inter-Estados de auto-estradas contribui igualmente para reduzir o numero dos acidentes e, por cada oito quilómetros de auto-estrada, as «pontes e calçadas» salvam — por ano — uma vida humana.

A «SEGURANÇA NÃO COMPENSA...»

Cerca de vinte Estados possuem leis que permitem tirar a carta de condução a todos os automobilistas acidentados que se recusem a ser submetidos a um teste de «contrôle» do grau de álcool no sangue. Afirma-se que um milhão de americanos fica, todos os anos, sem carta, temporária ou definitivamente.

Contudo, em muitos casos os automobilistas com a carta apreendida, dirigem-se ao Estado vizinho onde as autoridades procuram remediar a situação.

Muitos Estados resolveram, também, elevar de 15 para 18 anos a idade mínima para a concessão da carta e, alguns ainda, entre os quais a Califórnia, instituiram programas de reeducação para motoristas. Há ainda dezassete Estados que obrigam os automobilistas a levarem periódicamente os carros á inspecção, e outros exigem a instalação de cintos de segurança nos carros vendidos no seu território.

Paralelamente a este esforço, foi aberta uma campanha, no princípio do ano, a favor da construção de carros mais sólidos. Os construtores de Detroit foram mesmo acusados de não fazerem muitos esforços neste sentido, sob o pretexto de que a «segurança não compensa...».

Mais de 100 pessoas perderam a vida nas estradas francesas durante o fim de semana

PARIS, 16 — (R.) — Mais de cem pessoas perderam a vida e cerca de mais mil ficaram feridas nas estradas francesas, durante os últimos três dias, a despeito das disposições mais enérgicas já empregadas contra a condução perigosa.

As estatísticas provisórias de vítimas durante o longo fim-de-semana — que incluiu o feriado de ontem, da festa da Assunção —, são: 102 mortos e 998 feridos, dos quais 360 se encontram em estado grave.

Espera-se que o número final de mortes seja muito mais elevado.

Cerca de 43 000 polícias, muitos á paisana e utilizando automóveis sem distintivos, foram mobilizados em todo o país para surpreender condutores perigosos, enquanto que em muitos departamentos se reuniram tribunais especiais nas bermas das estradas, com poderes para cassarem no local a carta de condução de um automobilista e para confiscarem o seu carro.

Morte de três crianças dentro de um frigorífico

WEISSPORT (Pennsylvania), 16 — (R.) — Duas irmãs, de 2 e 4 anos, e um garoto, de 3, que com elas brincava, morreram ontem, sufocadas, dentro de um frigorífico, cuja porta se fechou acidentalmente. O frigorífico, do tipo que abre de cima, fora deixado com a porta aberta a fim de descongelar.

DIA A DIA

Um programa de salvação

EDWARD KENNEDY

O programa apresentado em Jackson pelo senador Edward Kennedy, o irmão mais novo do presidente assassinado em Dallas, a fim de evitar que os conflitos raciais nos Estados Unidos atinjam proporções de irremediável violência e intransigência desesperada, pode considerar-se como um programa de salvação publica. O que avulta nos incidentes dos ultimos dias é o perigo de os negros daquele país, que até agora acataram as ordens de dirigentes moderados, se lançarem, por inspiração de extremistas, na senda da violência transformada em método corrente de acção. O «slogan» do poder negro só pode conduzir a uma situação perigosa na qual os interessados nada têm a ganhar e muito estão arriscados a perder. A população de cor nos Estados Unidos representa apenas a décima parte da população total e está privada de meios financeiros para intentar uma cruzada de antemão condenada a malogro, com a desvantagem de favorecer as conhecidas teses dos segregacionistas. Um destes, o democrático Jim Johnson, acaba de ser escolhido para candidato do seu partido á eleição de governador do Arcansas, vencendo o moderado Frank Holt, por uma margem de 15 mil votos.

A lei de direitos cívicos, votada pelo Congresso e que constitui para a Administração Johnson um título de honra, só produzirá efeitos benéficos no dia em que á igualdade reconhecida pela lei corresponder um minimo de direitos políticos dos negros pelo seu registo nos cadernos eleitorais, e de regalias económicas e sociais por um mais equitativo acesso nas profissões e cargos publicos. A promoção social dos negros americanos é a unica maneira de poupar o país a uma explosão de desordens que afectará a vida da sociedade americana, sem dar aos que a promoverem a esperança da vitória final. O senador Edward Kennedy calcula que a execução do seu programa custará um bilião de dólares por mês. Ora, segundo disse, a guerra do Vietnam custa o dobro e a sua pergunta para saber se vale mais salvar vinte milhões de americanos negros do que catorze milhões de vietnameses, é não só pertinente mas de inegável actualidade.

A greve de Imprensa em Nova York dura há 115 dias

O desaparecimento do «New York Herald Tribune» poderá provocar o seu prolongamento por tempo indefinido

NOVA YORK, 16. — (R.). — A greve que afecta os jornais desta cidade — agora no seu 115.º dia e quase atingindo um «record» — pode continuar indefinidamente, a seguir ao desaparecimento, ontem, do «New York Herald Tribune».

Funcinários do sindicato dos jornais em greve têm afirmado que o desaparecimento do «New York Herald Tribune», um dos mais famosos e antigos jornais da América, poderia exigir novas negociações de todos os contratos.

No próximo fim de semana, a greve — que principiou por causa de contratos em Abril, quando uma fusão de três jornais, incluindo o «New York Herald Tribune», entrou em vigor — tornar-se-á a mais longa da história da cidade.

Na altura da comunicação de que o «Tribune» não se voltaria a publicar, sómente o dos compositores tipográficos, entre os nove sindicatos envolvidos na disputa, não conseguira chegar a acordo, com a administração da corporação da fusão, sobre um novo contrato.

Matt Meyer, presidente da corporação, disse ontem que 800 pessoas perderiam os seus empregos como resultado do encerramento do diário, mas que os restantes talentos e recursos seriam empregados para criar um jornal da tarde, mais vigoroso — o «World Journal Tribune».

O «Tribune» viu-se assoberbado, durante anos, por problemas financeiros, e a sua tiragem baixara recentemente para menos de 300 000 exemplares.

«A MORTE DE UM JORNAL DEIXA-NOS A TODOS MAIS POBRES» — DECLAROU NELSON ROCKEFELLER

NOVA YORK, 16. — (A. N. I.). — O país deve pôr luto pelo «falecimento» do «New York Herald Tribune», porque «a morte de um jornal deixa-nos a todos mais pobres» — declarou, ontem, o governador do Estado de Nova York, Nelson A. Rockefeller.

«O intercambio de informações e opiniões entre jornais são sangue e vida para uma nação» — afirmou o governador, prosseguindo:

«O desaparecimento do «New York Herald Tribune», com uma longa carreira ao serviço da cidade, do Estado e da nação, é uma perda trágica. O seu nome é sinónimo das mais altas tradições do jornalismo dos Estados Unidos».

CERCA DE 300 NEGROS APEDREJARAM EM WASHINGTON UMA ESQUADRA

WASHINGTON, 16 — (A. N. I.) — Voltaram a registar-se, ontem, actos de violência em Washington, tendo cerca de 300 negros apedrejado uma esquadra da Polícia, do que resultou um agente ter ficado ferido, devido a ter sido atingido por um tijolo.

O motim da noite passada parece ter sido provocado pelo facto de a Polícia ter prendido, no sábado, á noite, um jovem negro suspeito de ter praticado um roubo.

No domingo, á tarde, cerca de 100 adolescentes apedrejaram alguns carros, mas a intervenção da Polícia pôs fim ao motim.

POLÍTICO GUATEMALTECO MORTO A TIRO NUMA EMBOSCADA

CIDADE DA GUATEMALA, 16 — (A. N. I. e F. P.) — Manuel Orellana Portillo, que foi presidente do Congresso da Guatemala durante o regime do presidente Miguel Ydigoras Fuentes, foi assassinado, no domingo, por um grupo de desconhecidos na estrada de Zacapa á Cidade da Guatemala, por onde passava, de automóvel, acompanhado pela esposa.

Orellana conduzia o seu automóvel quando foi forçado a parar, devido a grandes pedregulhos que haviam sido colocados na estrada.

A sr.ª Orellana contou que oito ou nove indivíduos, armados de pistolas-metralhadoras, fizeram fogo sobre seu marido, ferindo-o nos braços.

Seguidamente, os assaltantes obrigaram-no a sair do carro e levaram-no.

Momentos depois, a sr.ª Arellana ouviu cinco tiros — e compreendeu o que sucedera.

Fugiu, então, no automóvel, para a base militar de Zacapa, onde contou o que sucedera. Mais tarde, os soldados da base encontraram o cadáver de Manuel Orellana, com diversas balas na cabeça.

Orellana tomou parte na expedição armada conduzida a partir das Honduras, pelo coronel Carlos Castillo Armas, em 1954. Foi, depois disso, dirigente da Federação Nacional Anticomunista. A partir da queda do presidente Ydigoras Fuentes, derrubado pelos militares, em Março de 1963, Orellana Portillo, depois dum tempo de exílio no Salvador, vivia alheio a toda a actividade política, na sua propriedade agrícola de Zacapa. Tinha 54 anos.

DIVERSOS FORA-DA-LEI ABATIDOS NO BRASIL

GOIÂNIA (Brasil), 16 — (F. P.) — Após encarniçada perseguição, forças militares abateram a tiro diversos bandoleiros que, recentemente, tinham morto seis camponeses e assaltado e saqueado diversos casais agrícolas, nas povoações rurais de Formosa e Paragatu.

O TRIPLO CRIME EM LONDRES

Após a prisão de um suspeito continua a «caçada» aos restantes implicados no assassínio dos polícias

LONDRES, 16 — (R.) — Um homem, de 36 anos, comparece hoje perante um tribunal desta cidade para enfrentar acusações de assassínio de três detectives, enquanto a Polícia continua a sua grande «caçada» aos outros indivíduos envolvidos no triplo crime.

O homem, o desempregado John Edward Witney, do subúrbio central de Paddington, foi acusado a noite passada de cometer «com outros» os assassínios.

As autoridades disseram que Witney se encontrava preso desde sexta-feira, dia em que os polícias foram mortos a tiro quando se aproximaram de um automóvel para interrogar os seus três ocupantes.

Hoje, a grande caçada aos criminosos entra no quinto dia. Cientistas estão ainda a examinar o que se julga ser o automóvel da fuga, mas a arma com que foram cometidos os crimes não foi ainda encontrada.

Homens-rãs procederam ontem a buscas em esgotos debaixo da capital e mulheres-polícias, apresentando-se como freguesas, percorreram bares e clubes, esperando detectar pistas em conversas de ocasião.

O povo britânico, com o seu respeito tradicional pelo «bobby» (polícia) londrino, tem estado a contribuir espontâneamente com donativos para as famílias dos homens assassinados. O total desses donativos atingia a noite passada 1100 libras, estando a chegar ainda muito dinheiro.

O Governo vai, também, criar um fundo para os dependentes de todos os polícias mortos no cumprimento do dever e espera atingir um alvo de 250 mil libras (20 mil contos). Um anónimo começou no fim da semana da melhor maneira o fundo, contribuindo para ele com 100 mil libras (oito mil contos).

A noite passada, tentando ver alguma coisa, centenas de pessoas concentraram-se á volta do posto da Polícia de Shepherd Bush, quartel-general das investigações, que se encontrava intensamente iluminado. Os estores foram corridos quando Witney foi trazido de uma cela na cave, para ouvir as acusações.

Aspectos do ensino da física

A Associação Americana dos Professores de Física distribui anualmente um prémio — a Medalha Oersted — para distinguir um professor cuja contribuição e devoção ao ensino se hajam revelado notáveis. Coube o prémio, para o ano de 1966, ao Prof. Leonard I Schiff, da Universidade de Stanford, Califórnia, autor de um livro de mecânica quântica, já traduzido nas línguas russa, italiana e japonesa, e que ainda hoje, decorridos mais de dez anos sobre a sua publicação, continua a ser uma obra fundamental no estudo da mecânica quântica.

Na cerimónia de atribuição do prémio, L. I. Schiff proferiu um discurso de agradecimento, sob o título «Algumas considerações sobre o ensino de classes» de que extraímos, pelo seu notável interesse, as seguintes passagens.

O ensino é actualmente ministrado de muitas maneiras e a muitos níveis. Em física estende-se desde a instrução secundária ao nível de post-doutoramento, alargando-se até ao autodidactismo com a orientação de colegas. Muitos de nós, aqui reunidos esta tarde, estamos mais ligados ao ensino de classes da instrução secundária e primeiros anos da instrução universitária, e é principalmente acerca deste aspecto que eu falarei.

A mudança que me parece mais notável nos anos posteriores á Segunda Guerra Mundial é o aumento do numero de estudantes. As classes de licenciados em Stanford são cinco a dez vezes maiores do que as dos anos 40 e a inscrição de caloiros e outros licenciandos tem crescido várias vezes, embora não tão dramàticamente. Não penso que a maior dimensão das classes seja necessàriamente má, como é muitas vezes considerado. Pode mesmo ajudar no caso dos cursos elementares, onde tende a possibilitar um maior investimento em material e equipamento auxiliar para as experiências de demonstração.

Parece-me que o facto mais importante é a manutenção de contacto recíproco entre professor e aluno. Então o professor pode esforçar-se em adaptar a sua explicação por forma a que o aluno possa melhorar a sua compreensão. Mas ambos, professor e aluno, devem recordar que o aluno deve preparar a sua própria Compreensão — pode ela ser estimulada pela explicação do professor, mas nunca fornecida por ele. A estimulação é mais efectiva quando o aluno tem a oportunidade de responder, de alguma maneira, a quem ensina — com a afirmação de que compreendeu, ou com perguntas que indiquem que não compreendeu. Alguns alunos nunca responderão, mesmo numa classe de dez. E um professor consegue frequentemente obter resposta de alguns alunos mesmo numa classe de centenas. Há, evidentemente, uma dimensão de classe máxima, acima da qual a comunicação mútua falece — talvez cinquenta para alguns professores e quinhentos para outros. É a perda desta realimentação de aluno ao professor que constitui a mais séria contingência do ensino pela televisão. A televisão tem sido afortunadamente utilizada para ampliar a visibilidade de demonstrações de dimensão reduzida. Mas se tem por efeito isolar o professor da sua classe, deve ser usada apenas após a mais cuidadosa procura de alternativas.

Nada há de novo nas grandes classes. Oersted ministrou, com êxito, lições a grupos de duzentos alunos, e houve, desde então, muitos exemplos notáveis. O prof. Uhlenbeck, ao proferir, há dez anos, o discurso de agradecimento pela atribuição da Medalha Oersted, descreveu a relação de um para um, entre aluno e professor, como a que melhor caracterizava Paul Ehrenfest. Mas, como Uhlenbeck disse em seguida, Ehrenfest era também um mentor de classes largamente conhecido e admirado. Arnold Sommerfeld, em situação análoga sete anos antes, mencionou a cabana de montanha em que trabalhava com os seus candidatos a doutoramento. Porém, disse seguidamente: «Além dos meus estudantes especiais, tinha também de dar assistência ao resto dos nossos alunos. Fi-lo num curso de seis semestres, começando com a mecânica e terminando com as equações ás derivadas parciais da física». A reputação de Sommerfeld de eminente professor reside tanto no seu curso como nos muitos físicos famosos que formaram seus alunos de doutoramento.

O que faz então um bom professor de classes? Uma interessante indicação é dada pelo prof. Nielsen, que nos conta como Oersted, jovem estudante em Paris «assistia a aulas e tirava notas detalhadas, não só do seu conteúdo, mas até da sua forma». Ele cita Oersted como tendo escrito: «Aprendo aqui, diàriamente, muito acerca da arte de ensinar: de Charles, o modo como as lições devem ser proferidas, de Vauquelin, como o não devem ser... Constato quanto careço desta arte, ou talvez que a desconhecia inteiramente; mas quando tiver completado o treino, espero tornar-me mais sabedor».

Tal como com Oersted, parece verosímil que a maioria de nós descubra a sua vocação para o ensino através de cuidadosa atenção para com as forças e fraquezas das lições de outros: os nossos professores em período anterior, e os nossos colegas actualmente. Mas há algumas características sem as quais me parece impossível ensinar bem. As três que julgo mais essenciais são bem ilustradas no perfil traçado pelo prof. Kirkpatrick ao apresentar Sommerfeld na atribuição da medalha Oersted. Ele extraíu-as de numerosas cartas de antigos alunos de Sommerfeld, que recebeu ao tempo em que estava a preparar as suas notas. O prof. Eckart escreveu: «Nunca o ouvi ser sarcástico: o uso deste expediente de professor de pouco mérito, com que a ignorancia do aluno realça a suposta erudição do «professor», é tão estranho á maneira de ser de Sommerfeld que provàvelmente ficaria surpreendido ao ver comentada essa sua qualidade». A anulação do sarcasmo, em qualquer circunstância, é absolutamente essencial. É uma vil táctica destrutiva da comunicabilidade entre professor e aluno, e portanto a antítese do bom ensino.

A minha segunda citação é do prof. Morse: «Uma característica de Sommerfeld que sempre provocou a minha admiração é a sua prontidão para confessar ignorância». É evidente que ninguém sabe tudo. Em quase todas as classes, um aluno brilhante pode fazer uma pergunta a que mesmo um professor bem preparado não saiba responder satisfatòriamente — e os alunos devem ser encorajados a fazer peruntas, mesmo as irrespondíveis. É muito melhor confessar ignorancia do que pretextar conhecimento — e muito mais fácil para esquivar-se. Há sempre a lição seguinte, a tempo de poder ser preparado algum tipo de resposta.

(...) A minha terceira e ultima citação descritiva do ensino de Sommerfeld provém do prof. Debye, que escreveu: «Ele avalia cuidadosamente as necessidades e aptidões do seu auditório, e adapta correspondentemente a apresentação da matéria». Isto, conjuntamente com a modéstia na afirmação de conhecimentos e a ausência de sarcasmo, parece-me compreender as características essenciais do bom ensino.

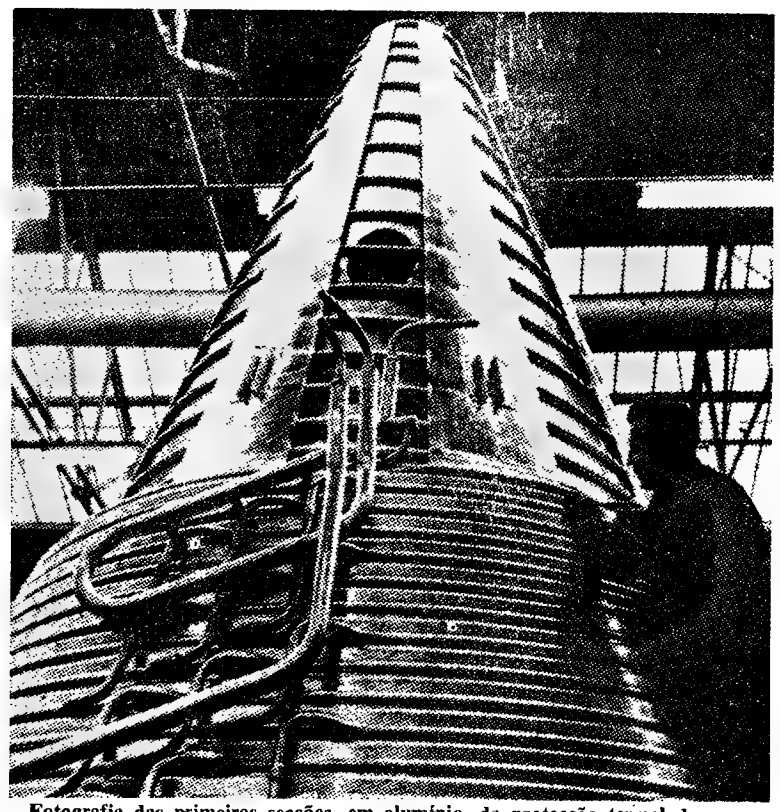
A falência de adaptação da exposição á audiência é uma falha que por vezes se afirma provir de excessivo envolvimento do professor na investigação. Tem sido dito algumas vezes que o professor que está igualmente empenhado na investigação, tende a falar «acima das mentes» dos seus alunos, por que sabe demasiado. Ou que não dispõe de tempo para preparar adequadamente as suas lições por estar tão absorvido pela investigação. Ou que ele não tem interesse no ensino, e apenas o ministra com o objectivo de conservar prerrogativas académicas. Não duvido que se possam encontrar exemplos que apoiem uma ou mais destas acusações. Mas há também muitas pessoas, e creio que muitas mais do que as do tipo descrito, que estão porfunda e harmoniosamente empenhadas quer no ensino quer na investigação. Certamente que não se pode afirmar que a perpetração de investigação seja incompatível com o bom ensino, nem se pode dizer que a ausência de interesses de investigação impeça que o ensino seja bem ministrado. No que respeita á repartição do tempo entre ensino e investigação, a minha própria experiência diz-me que isto não é um problema sério. Ao mesmo tempo devo reconhecer que as funções administrativas têm, com demasiada frequência, interferido com ambas.

Não vou ao ponto de afirmar que o empenhamento na investigação seja essencial ao bom ensino, mas em geral creio que ajuda. A melhoria provém de uma maior profundidade de compreensão, através de uma valorizada aptidão para explorar o tema, com o aluno, de diferentes pontos de vista, e através de uma familiaridade com exemplos da fronteira do conhecimento. Não é, evidentemente, necessário estar-se empenhado na investigação para se trazer este tipo de incitamento aos alunos. Qualquer bom professor estará a par do que se passa em alguns domínios de investigação, mesmo que já não seja um participante activo, e usará no seu ensino alguns dos tópicos menos profundos (...) Não vejo que a inclusão de tópicos adicionais deste tipo contribua senão para despertar o entusiasmo do aluno quando sente que está a ser levado á «ultima coisa».

Não se pode, evidentemente, construir um conjunto coerente de lições inteiramente, ou mesmo em grande parte, com tais exemplos. Que pode então fazer, dia a dia, o professor para manter o interesse dos alunos quando ele está, por necessidade, trabalhando longe das fronteiras do conhecimento físico? Aqui deve reconhecer-se que a ciência não é apenas criação recente — é igualmente recriação. No processo de compreensão o aluno deve, em certa escala, repetir o processo do descobrimento. O expoente extremo desta orientação foi Fermi, que diz-se ter, numa ou noutra ocasião, deduzido por si próprio toda a física. Só um físico surpreendente se pode sequer aproximar deste método de trabalho. Mas a cada aluno há que ensinar a física como se as ideias que lhe são apresentadas fossem novas—, como, na verdade, o são para ele. Deve dar-se-lhe a oportunidade de participar na excitação da descoberta, através da redescoberta dos conceitos e da reconstrução das suas aplicações. Parece-me ser essencial para a compreensão da física a resolução de problemas cuidadosamente escolhidos, não só devido á prática de aplicação dos princípios que eles proporcionam, mas mais ainda porque ajudam a levar ao aluno alguma emoção de descoberta.

(...) Quer o professor ensine o progresso contemporaneo da física quer recrie com os alunos as descobertas das gerações precedentes, é evidentemente essencial que ele adapte a apresentação ás necessidades e aptidões dos auditores. Deve o professor cultivar uma mentalidade estratificada, e assegurar-se de que o estrato com que está a transmitir está, nesse momento, ao nível da mentalidade dos alunos. A presença de estratos mais elevados na mente do professor, com multiplas interconexões, por si própria nenhum dano e muito proveito pode causar. O dano resulta do professor esquecer ou ignorar o nível dos alunos, e isso pode acontecer mesmo com um professor que tenha um conhecimento mínimo da sua especialidade.

(in American Jornal of Physics, 31,6, Junho 66)



Fotografia das primeiras secções, em alumínio, da protecção termal do novo simulador das condições do espaço, construido para a Organização Europeia de Pesquisas Espaciais. Este aparelho reproduzirá as condições de pressão, temperatura e radiação existentes no espaço

O CARBONO 14 E O CLIMA

Um dos métodos de datação pelo carbono 14 baseia-se na suposição de que a quantidade de C 14 na atmosfera se manteria constante ao longo dos séculos. Uma das críticas a este método reside no carácter gratuito desta suposição. Têm-se efectuado pesquisas para a determinação da quantidade de C 14 constante na atmosfera e nas variações com uma precisão tão grande quanto possível.

Actualmente pode-se considerar como certo que essa quantidade variou efectivamente sendo as suas variações já conhecidas.

Este «contrôle» foi possível com o contributo da Botânica, em particular por meio do estudo dos aneis de crescimento da *Sequoia gigantea*, da Califórnia. Algumas destas árvores ultrapassam 2000 anos de idade. Pode-se datar cada um dos seus aneis anuais, e a actividade de C 14 que contém é tão fraca que práticamente não contamina os aneis vizinhos. É, pois, possível registar as variações anuais em relação á normal.

Além das medições das sequoias fizeram-se medições a partir de amostras cuja idade era já conhecida com certeza.

O conjunto destas 193 medições cobre o período desde cerca 1200 anos antes de J. C. até 1860. Os resultados são claros. Mostram que a actividade do C 14 era muito grande de cerca de 1200, em seguida diminuiu atingindo a média nas proximidades da era cristã, e depois diminuiu ainda mais, atingindo um mínimo entre 850 e 1200. A partir de esta época a actividade tornou-se mais forte e nos séculos XVI e XVII atingiu um máximo, para, em seguida, tornar a diminuir.

Segundo o doutor J. R. Bray, estas oscilações correspondem estrictamente ás oscilações dos climas. Todas as investigações realizadas actualmente, para se reconstituir os climas dos séculos passados, tendem, com efeito, a situar um óptimo climático entre a época de Carlos Magno e a de Filipe Augusto e logo a seguir um resfriamento sensível: os séculos XVI e XVII têm sido descritos, algumas vezes, como uma «pequena era glaciária».

Por outro lado, estas variações podem estar em ligação com a actividade solar. Em todo o caso parece assente que os séculos «frescos» correspondem a uma maior quantidade de C 14 produzida por radiações cósmicas, e os séculos «doces» a uma menor actividade destes raios.

As algas e suas aplicações

O desenvolvimento das técnicas químicas permitiu, cerca de 1830, extrair das algas marinhas (sobretudo da *Laminaria flexicolis*) vários produtos, em especial iodo. Com o aparecimento no mercado, após a guerra de 1870, de iodo extraído de minerais chilenos, a industria das algas marinhas sofreu uma grande quebra.

Esta quebra foi suplantada devido a pesquisas, por cientistas, de novas possibilidades de utilização das algas.

Um cientista francês, o professor Paul Gloess, que consagrou a sua vida ao estudo das algas, salientou entre outras as propriedades alimentares de numerosas espécies:

«Os organismos vivos, tendo necessidade de uma quantidade mínima equilibrada de oligoelementos (ferro, manganésio, iodo, bromo, etc.) não os encontram na alimentação actual. Os solos, lixiviados desde milénios pelas chuvas, perderam pouco a pouco os seus sais minerais, dissolvidos ou arrastados pela erosão, e que os oceanos tinham deixado, ao retirarem, no decurso das eras geológicas. Os adubos químicos, que tentam suprir estas carências, não o fazem se não incompletamente, e sobretudo de um modo desequilibrado. Para onde foram, então, todos estes elementos indispensáveis? Para o mar, origem de toda a vida e para onde tudo finalmente volta».

A água do mar cuja composição, fora o cloreto de sódio, é muito sensivelmente a do plasma sanguíneo, contém todos os oligoelementos em proporções notàvelmente equilibradas. As algas possuem a espantosa propriedade de fixar e concentrar todos os sais minerais do mar, eliminando justamente o cloreto de sódio.

Daí provêem as propriedades nutritivas e terapêuticas dos plasmas de algas marinhas, postos em destaque pelo professor Gloess.

Os estudos realizados depois do fim da ultima guerra evidenciaram as espantosas possibilidades das algas marinhas como matéria-prima nas industrias têxteis (produtos de colagem), nas matérias plásticas (celulose, algina e alginatos), na industria química (manitol e derivados deste álcool), nos produtos farmacêuticos (vitaminas, antibióticos), etc.

A lista das aplicações industriais das algas é muito longa; as possibilidades de utilização das algas marinhas saíram já do domínio do laboratório para passarem ao das utilizações práticas correntes.

J. BRONSEC e R. GAUTIER

(Extraido de «As algas e a exploração submarina»)

PEQUENO MAGAZINE

ANEDOTAS

■ — **Ouvi dizer que emprestaste dinheiro ao Silva. Sabes que ele é um caloteiro?**

— **Sei.**

— **Pior ainda: tenciona fugir com a tua mulher para a América do Sul.**

— **E porque julgas tu que eu lhe emprestei aquele dinheiro?**

■ Um carro lançado a grande velocidade colheu mortalmente uma velha. O público verbera o procedimento do automobilista:

— Malandro! Canalha! Bandido! Nem sequer apitou!

— Apitar? — diz o automobilista num fio de voz. — Assim ainda a assustava mais!

■ — **Então, meu caro dás-te bem com o casamento?**

— **Perfeitamente. A minha mulher é estupenda. Ontem queria ir ao cinema e eu disse-lhe que estava muito cansado.**

— **Sim senhor, compreensiva...**

— **Compreensiva? O filme é que era formidável!**

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 16 de Agosto de 1936 publicava:

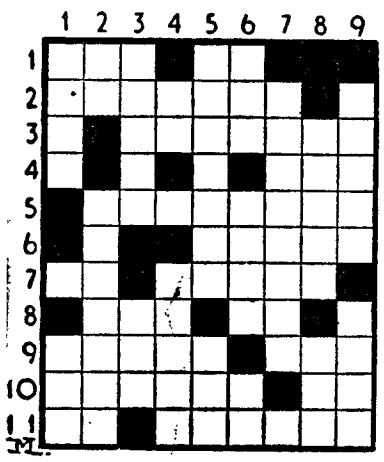
«RABAT, 16 — O território de Ifni, ao sul de Marrocos, conservara-se até agora fiel ao Governo de Madrid. Em 6 de Agosto, o governador da região, Pedemonte, fugira e viera refugiar-se na zona francesa, ao passo que o segundo comandante, Montero, tomava o comando das forças do Ifni. A certa altura pediu a Madrid o envio da importancia de um milhão de pesetas para assegurar o abastecimento da zona, dinheiro que Madrid enviou. De noite, porém, as tropas revoltaram-se e prenderam Montero, sobre cuja sorte não há notícias, e juntaram-se aos elementos afectos ao general Franco. Na zona e em Ifni reina sossêgo».

— **Não, Gertrudes, ao proprietário, NÃO!**

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4195



HORIZONTAIS: 1 — Preposição. Artigo (pl.). 2 — Dividi por cinco. 3 — Enfermidades. 4 — As primeiras noções de qualquer ciência ou arte. 5 — Alargamento de um rio próximo á sua foz. 6 — Pequena asa. 7 — No caso de. Distingue-se. 8 — Acredita. Preposição e artigo. 9 — Geram. Ruído. 10 — Adquirem por herança Nota de musica. 11 — Suspiro. Albergar.

VERTICAIS: 1 — Cá. Infusão. 2 — Pronome pessoal. Abominei. 3 — Quintais. Zombar. 4 — Enlace. Impedida. 5 — Minarar. Dificuldade. 6 — Seno (abrev.). Junta Nota musical. 7 — Ergueremos. 8 — Pequena aba. Olé! 9 — Escorre Querer bem.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4194

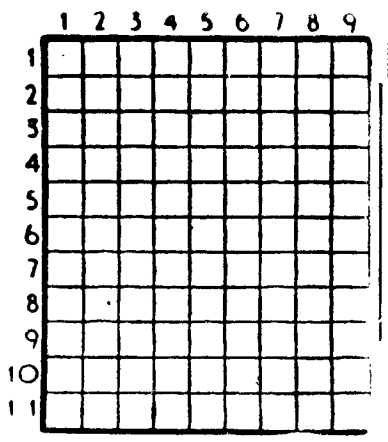
HORIZONTAIS: 1 — DEUS. Peta. 2 — És. Oro. OS. 3 — Apa. Alar. 4 — Oeaso. Cá 5 — Fraco. Aar. 6 — Ea. Aj. 7 — Tratura 8 — Deão. 9 — Aer. Notai. 10 — Ruleda. 11 — Asas. Suas.

VERTICAIS: 1 — Deã FEZ. Ara. 2 — Espora DEUS. 3 — Aca. Ter. 4 — Só Acera OS. 5 — Raso. Ion. 6 — Polo. Ai Ois 7 — AJUNTOU. 8 — Torça. Ada. 9 — As Armarias.

Provérbio: DEUS OS FEZ DEUS OS AJUNTOU

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8040



Solução do problema n.º 8039

HORIZONTAIS: 1 — SS. Cós. Tg. 2 — Rifa. Alei. 3 — Sair. Moam. 4 — Malabar. 5 — Rotas. 6 — Oc. Ter. Lá. 7 — Lapa. Ácer 8 — Are. Lot. 9 — Ro. Aca. Aí. 10 — Alvor. 11 — Suga. Soba.

VERTICAIS: 1 — Srs. Colares. 2 — Siam. Caro. 3 — Fiar. Pé. Ag. 4 — Carlota. Ala 5 — Até. MCV. 6 — Sambara. Aos. 7 — Loas. Cl Ro. 8 — Tear. Leoa. 9 — Gim. Partida

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Espanha. 2 — Rio da Polónia. Impulso. 3 — Engatilhar (o cão da espingarda). 4 — Procedi. Chefe etíope. 5 — Verniz da China negro ou vermelho. Sova. 6 — Já. 7 — Grande. Sufixo que designa abundancia. 8 — Em partes iguais. Samário (s. q.). 9 — Ribomba. Folha de ferro estanhado. 10 — Descerrei. Berro 11 — Ratos Comareiras.

VERTICAIS: 1 — Língua africana falada nas margens do Niger. Para barlavento. Prender. 2 — Arma curta um pouco maior do que o punhal. Elegancia. 3 — Repenicar. Agora. 4 — Greda branca. Nome de uma letra. Suspiros. 5 — Estrépito de desmoronamento. 6 — Pátria. Vantagem. Nome de um planeta. 7 — Fábricas de louça de barro. Apelido. 8 — Aparelhos para tirar água dos poços e cisternas. Género de moluscos acéfalos. 9 — Viração. Chiste. Extremidades dos braços.

Fazer tudo de novo

A famosa cidade universitária de Uppsala, no Norte de Estocolmo, será o local de reunião ecuménica do Conselho Mundial das Igrejas Protestantes em 1968.

Ali se reunirão dois mil delegados de vários países que vão debater o tema: Vede, farei tudo novo!»

EFEMÉRIDES

Agosto

● 1869 — Dia 16 — *Terminam os trabalhos de abertura do Canal de Suez.*

● 1900 — *Morre, em Paris, o grande escritor Eça de Queiroz.*

CURIOSIDADES

● Medicina e técnica

Na Escola Técnica de Engenharia de Aachen foi criada uma Faculdade de Medicina, para atender á correlação actual técnica-medicina. Já foram contratados oito catedráticos, e assim no próximo Outono abrirão as aulas para cinquenta estudantes.

A preparação pré-hospitalar deve iniciar-se mais tarde, depois de montados os laboratórios necessários. O programa de ensino de Aachen, que combina a parte médica com a técnica, visa á formação de engenheiros com conhecimentos de biologia e medicina.

● Sentença de morte para uma surda-muda

Por ter morto o namorado á machadada, uma surda-muda foi condenada á morte por enforcamento.

O julgamento foi em Cartum (Sudão); e, ao proferir a sentença capital, para que ela a entendesse, o magistrado apontou para uma fotografia da criminosa e fez um sinal esboçando o enforcamento.

● A mulher, o lar e a profissão

Respondendo a um inquérito feito pela Sociedade Alemã para Assistência Pública e Privada, 69 por cento das donas de casa manifestaram-se contrárias ao desempenho de uma profissão a par do trabalho doméstico.

Sessenta e dois por cento das mulheres que exercem uma profissão e foram inquiridas consideraram as actividades profissionais um adicional desnecessário.

FACTOS REAIS «Os manuscritos do mar Morto»

5 — *Era difícil que um antiquário da Palestina admitisse estar em presença de manuscritos da Bíblia mais antiga de que há memória. Sobretudo quando se conhece o costume judaico, que consiste em encerrar num esconderijo os manuscritos demasiado velhos ou de proveniência duvidosa, destinados a ser queimados, mais tarde, no decorrer de uma cerimónia de grande solenidade. Os jovens beduínos resolveram, entretanto, avistar-se com um mercador sírio, que hesitou em adquirir os rolos, mas falou no assunto a um colega de Jerusalém, o qual, por sua vez, deu parte da descoberta ao metropolita do convento sírio de São Marcos. Este, interessado, declarou-se pronto a comprar o lote inteiro.*

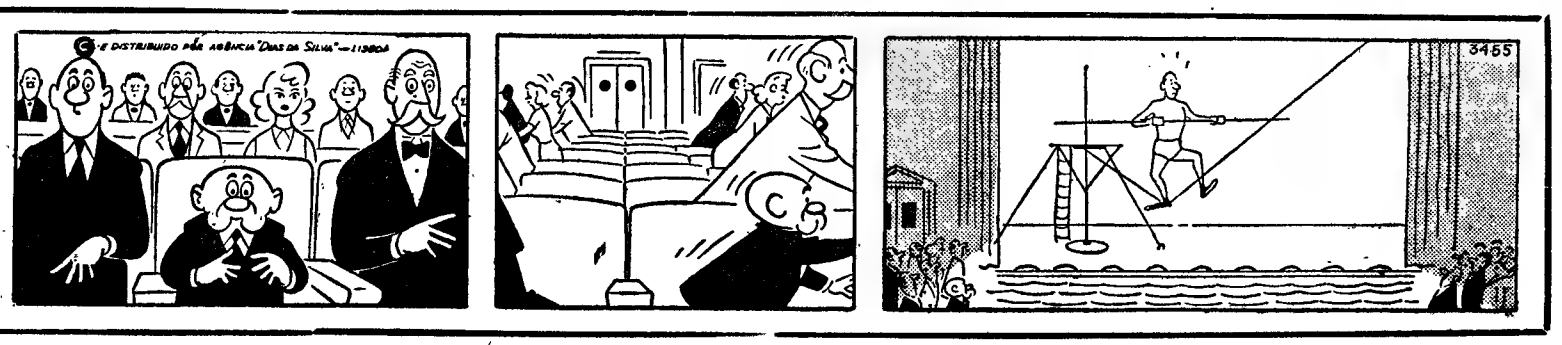
6 — *Mas quando os mercadores voltaram mais tarde com os beduínos e os documentos, os porteiros de São Marcos, que ignoravam o negócio, recusaram-se a deixá-los entrar, não vendo o mínimo interesse naqueles «rolos extraordinàriamente sujos, envolvidos por farrapos de linho, cobertos de uma substância negra». E, além do mais, os manuscritos nem sequer estavam escritos em sírio... O pequeno grupo dirigiu-se, então, ao mercado da porta de Jaffa e ali encontrou um mercador judeu, que ofereceu um bom preço pelos rolos. O mercador sírio, no entanto, ao ver esfumar-se a sua comissão, resolveu impedir o negócio.*

7 — *Desanimados, os beduínos voltaram a Belém, onde um deles resolveu ceder a sua parte dos rolos ao «sheik» muçulmano; foram esses manuscritos que a Universidade Hebráica adquiriu, por intermédio do professor Sukenik. Os outros nómadas confiaram os seus rolos ao mercador de Belém, o qual conseguiu, finalmente, uma entrevista com o metropolita do convento de São Marcos. Este não hesitou em comprar os documentos restantes, ou seja, o manuscrito de Isaías, um comentário sobre o livro de Nabuco, um texto em dois fragmentos sucessivos que passou a ser designado por «Manual de Disciplina», e, por fim, um rolo em aramaico que só foi estudado muito mais tarde, provando-se ser um comentário ao Génese.*

8 — *A aventura dos Manuscritos do Mar Morto, porém, estava ainda muito longe do fim. No dia em que o professor E. L. Sukenik adquiriu os rolos restantes, sem suspeitar que existissem outros, as Nações Unidas desistiam da partilha da Palestina. As hostilidades entre judeus e árabes iam começar, impedindo qualquer comunicação pacífica, mesmo no interior de Jerusalém. Apesar de tudo, Sukenik conseguiu transportar a sua «mercadoria» de Belém até Jerusalém, onde ficou guardada. Em Janeiro de 1948, quando soube que o convento de São Marcos tinha outros manuscritos da mesma origem, conseguiu vê-los e quis adquiri-los. O metropolita, no entanto, achou preferível oferecê-los aos americanos, que, sem dúvida alguma, pagariam muito melhor.*

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



A comemoração
ao «Dia do Bombeiro»

As seis associações de bombeiros voluntários de Lisboa promovem no próximo domingo diversos actos, em comemoração do «Dia do Bombeiro».

À 9 e 30, haverá concentração de pessoal e material á porta do Cemitério dos Prazeres, para, em formatura geral, prestarem homenagem, junto do mausoléu, aos falecidos bombeiros do Batalhão de Sapadores Bombeiros, terminando com a colocação de flores em cada uma das campas respectivas.

Seguidamente, e também em cortejo de viaturas, dirigir-se-ão para o Cemitério do Alto de S. João, a fim de, em moldes semelhantes, prestarem igualmente homenagem a quantos seus camaradas repousam no talhão do Bombeiro Voluntário de Lisboa.

Finalmente, todas as representações se deslocarão ao Largo do Regedor para assistirem á missa que se celebrará na igreja de S. Domingos, por alma de todos os bombeiros falecidos.

«Regresso á terra natal»
por CHRISTOPHE BONHEUR

RESUMO — Jean Pradieu pintor de arte residente em Paris, regressa á terra natal para assistir ao funeral do pai, falecido num acidente de automóvel. Émile, o motorista do sr. Pradieu, tinha bebido o seu bocado e não deu pela aproximação da camioneta do leiteiro. Foi a Irmã Marie-Laurence que assistiu aos ultimos momentos do ferido.

5 — Foi no dia do funeral que Jean voltou a ver Antoinette, a filha do padeiro, de quem fora amigo de infancia. Quando Jean partiu para Paris ainda Antoinette estava com quinze anos Era então uma rapariguinha desengonçada, alta, com o cabelo excessivamente cuidado (a primeira permanente...) e o rosto marcado pela acne juvenil. Agora, porém, na altura das condolências, Antoinette aparecia-lhe totalmente diferente. Tornara-se muito bela, a sua expressão era suave e delicadamente feminina, coisa rara nas beldades da região. Trazia um vestido simples de seda castanha. «Pobre Jean», disse a rapariga, «foi uma grande infelicidade ..». E encostou o rosto ao do pintor, que por momentos a manteve assim junto de si. Seguiram-se mais pêsames, mais gente a apertar a mão ou a beijá-lo como a uma criança A cerimónia foi bastante monótona. Jean viu de longe a Irmã Marie-Laurence, que dai a pouco se afastava rezando. Depois tentou localizar de novo Antoinette: ia pelo braço de um jovem alto. Fez um gesto de contrariedade e esmagou o cigarro com o tacão do sapato.

6 — Á tardinha o unico local de Villeferney onde a vida continuava era o café do Chevalier, que tinha uma esplanada coberta por um toldo vermelho. Quando o calor estival apertava, toda a gente (ou quase) se reunia no estaminé, gozando o fresco escasso do crepusculo em frente de uma «imperial» A paisagem provençal enriquecia-se de tons fulvos. Chabot, o farmacêutico, o velho medico, o regedor e o professor juntavam-se a uma mesa para a bisca do costume. Também discutiam o seu pedaço de politica. Chabot era um tipo solene e sentencioso. O dr. Vernoux chamava-lhe «Carlos Magno», o que provocava certo gozo no professor primário, lisonjeado com estes apelos á sua cultura. Falava-se depois de Flaubert (a «Madame Bovary»). O regedor bocejava: as suas leituras não iam além dos jornais desportivos. Nessa tarde viram passar Jean e chamaram-no. O rapaz hesitou, lembrando-se do luto recente. Mas de subito descobriu Antoinette a uma mesa do café, acompanhada pelo seu inseparável cavaleiro andante...

7 — Os quatro amigos sentaram Jean á mesa. «Então, Jean», perguntou o professor, «que tencionas fazer?». «Regressar a Paris», respondeu o filho de Pradieu com tristeza. «Tenho o meu trabalho á espera». «A pintura dá?», quis saber o farmacêutico. «Estou no princípio», explicou Jean. «É difícil, exige um esforço tremendo... Muita paciência...». Enquanto falava ia olhando disfarçadamente para Antoinette. A filha do padeiro estava toda encostada ao companheiro. Observou o médico: «Aquela pequena do Mennessier é um escandalo. Cada cena... E o tipo nem sequer a namora». «Ora, senhor doutor», interrompeu Chabot, «já se esqueceu de quando era novo?». «Está bem, mas o Roland Fabre não é nada de especial», comentou o professor. «Jean, não conheces o Roland?». «Não Quem é ele?». «Um tipo de Paris. Vive aqui há cerca de um ano Foi secretário do teu falecido pai durante alguns meses. Não sabias?». «Secretário do meu pai?». espantou-se Jean. Nunca supusera que o pai tivesse tido necessidade de um secretário. «Bem, secretário é um modo de dizer», continuou o professor. «Tratava-lhe dos papéis, era uma espécie de guarda-livros. Para mim não é boa rolha». «Também não gosto daquela cara», concluiu Jean.

8 — Joseph Roulin, o carteiro, apreciava bastante a sua profissão. Logo de manhã embalava na bicicleta, com o saco do correio ás costas, e ia compondo versos pelo caminho. Nada de versos modernistas, como fazem agora os poetas malucos, mas coisas sérias, muito bem rimadas: «O melro no pinheiral / bateu as asas e cantou. / Anda doido com o comboio / que na estação apitou». Certas rimas eram mais custosas, mas bastava pedalar com força e tudo se arranjava. O carteiro sentia-se feliz. Costumava atalhar pela mata e passar junto ao pantano. Foi o que fez uma vez mais. As árvores abobadadas enchiam-no de mistério. Roulin saltou da bicicleta e acendeu um cigarro. De repente parou, encostou a bicicleta a um carvalho e lançou-se em corrida pela mata fora. O que seria aquela mancha escura ao pé das amoras? Quando finalmente chegou ao local, fechou os olhos como tonto e persignou-se. A Irmã Marie-Laurence jazia no chão, imóvel, a mão direita crispada num pedaço de terra. *(Continua)*

HORÁRIO DOS COMBOIOS
ZONA CENTRO

Comunica-nos a C. P. que além do serviço regular, no período de 9 de Agosto a 30 de Setembro, e apenas ás 3.as e 6.as-feiras, é estabelecido entre LISBOA, PORTO e PARIS, para transporte de passageiros de serviço internacional, um comboio com o seguinte horário:

	Cheg.	Part.
Lisboa (Santa Apolónia)		7-00
Pampilhosa	10-07	
Porto (São Bento)		7-12
Pampilhosa	9-38	—
Guarda	13-30	
		10-35
Castelo Branco		10-00
Guarda	13-29	
		13-53
Vilar Formoso	14-40	15-22
Paris (Austerlitz)	16-05	—

SÍLVIA RITA DIAS ALVES MARTINS GALVÃO
FALECEU
PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Joaquim Vicente, mulher e filhos, feitores da Casa Agrícola S. & J. Galvão, participam o falecimento da sua co-proprietária e sua muito querida amiga, no passado dia 10 do corrente em Lagarinhos e que será rezada missa por seu eterno descanso no próximo dia 17, pelas 9,30, em Lisboa, na Igreja dos Anjos; em Lagarinhos na Igreja Paroquial, e em Folgosa do Salvador na Capela local.

SÍLVIA RITA DIAS ALVES MARTINS GALVÃO
FALECEU
PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Os Colaboradores e mais pessoal da firma VASCO DIAS M. GALVÃO, Suc. Joaquim Dias M. Galvão, participam o falecimento da irmã do seu chefe no passado dia 10 do corrente em Lagarinhos e que será rezada missa pelo seu eterno descanso no próximo dia 17, pelas 9,30, na Igreja dos Anjos.

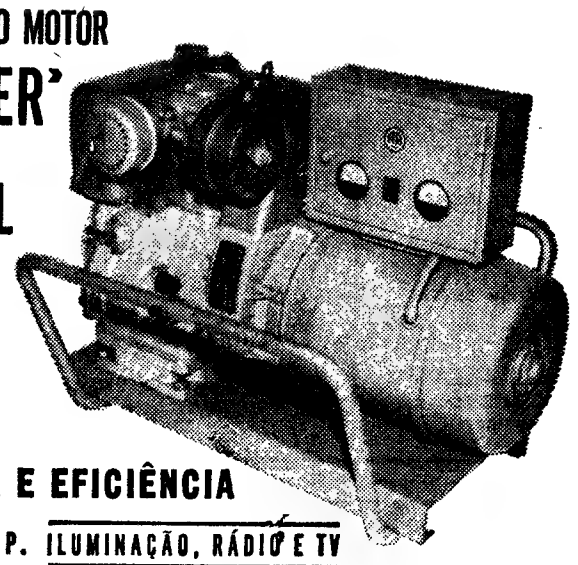
Sílvia Rita Dias Alves Martins Galvão
FALECEU
PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Joaquim Dias Martins Galvão, Beatriz Veiga Santos Lima Galvão, Vasco Santos Lima Martins Galvão, Maria das Dores Dias Martins Galvão, Armando Pereira Martins Galvão, mulher e filhos; Maria Leonor Pereira Martins Galvão da Veiha e marido; Maria José da Cruz Martins Galvão Garcia, marido, filho e nora; Manuel da Cruz Martins Galvão, Vasco da Cruz Martins Galvão, mulher e filhos; Cícero Vicente Martins Galvão, mulher e filhos; Bélgica Vicente Martins Galvão, marido e filhos; Clemente Neto Martins Galvão, mulher e filho; Gustavo Neto Martins Galvão, mulher e filhos; Maria Antonieta Godinho Santos Lima, e mais família, participam o seu falecimento no passado dia 10 do corrente em Lagarinhos, de sua irmã, cunhada, tia, sobrinha, prima e amiga e que será rezada missa pelo seu eterno descanso no próximo dia 17, pelas 9,30 em Lisboa na Igreja dos Anjos. Em Lagarinhos na Igreja Paroquial. Em Folgosa do Salvador na Capela Local.

Sílvia Rita Dias Alves Martins Galvão
FALECEU
PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Vasco Dias M. Galvão, Suc. Joaquim Dias M. Galvão, participa o falecimento em Lagarinhos, no passado dia 10, de sua dedicada irmã e que será rezada missa pelo seu eterno descanso, no próximo dia 17, pelas 9,30 na Igreja dos Anjos.

ELECTROGÉNEOS
COM O FAMOSO MOTOR
'PETTER'
TIPO-AA1
DIESEL
3 cv-3000 rpm



ECONOMIA E EFICIÊNCIA
1,5 KVA-220 V.-50 P. ILUMINAÇÃO, RÁDIO E TV
COMETNA COMPANHIA METALÚRGICA NACIONAL S. A. R. L.
SUCESSORA DE ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
EXPOSIÇÃO E VENDA — Boqueirão do Duro, 38 — TELEFONE 664788 — LISBOA

PROPRIEDADES

— VENDAS —

410 c. SAPADORES, óptimos acabamentos, muito central, c/ 4 assoalh., coz., 2 c. banho e despensa.

VENDE:

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45 - 3.º Telefs.: 367444 e 323172

670 c. FONTE LUMINOSA, acabamentos de 1.ª, prontos a habitar, c/ 5 assoalh., coz., 2 c. banho e despensa.

700 c. LUMIAR, prontos a habitar, acabamentos de luxo, c/ 6 assoalh., coz., 3 c. banho, 2 despensas e roupeiro.

VENDE:

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45 - 3.º Telefs.: 367444 e 323172

MORADIAS

550 c. CARCAVELOS, isento, construção esmerada, composta de 3 pisos, c/ 8 assoalh., coz., 2 c. banho, despensa e marquise. Tem quintal e abrigo para carro.

1.400 c. BAIRRO DA ENCARNAÇÃO, construída em 1964, mobilada, c/ 11 assoalh., coz., 3 c. banho, hall e despensa.

VENDE:

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45 - 3.º Telefs.: 367444 e 323172

ANDARES, modernos, em bons locais de Lisboa: Benfica, 3 e 4 assoalh., 315 a 385 c.; C. Ourique, 4 e 5 assoalh., 450 e 550 c.; C. Pequeno, 5 assoalh., 650 c.; Lumiar, 5 assoalh., 480 a 500 c.; Boa Hora, 2 e 3 assoalh., 200 a 250 c.; Belém, 4 e 5 assoalh., 525 e 575 c. Trata: J. Lourenço, P. Restauradores, 13, 2.º, Dt.º Tel. 320040 e 328143 (Dias uteis).

PRÉDIO em Sapadores (1250 contos), isento, com 5 inq., c/ 3 assoalh., coz., c. banho, marquise e roupeiro. Revestido a marmorite e evinel. Esmerados acabamentos. Rende 66 contos. «Orcosi», R. 1.º Dez.º, 45, 3.º. Telefs. 367444-323172.

CASAS para alugar

— 2 lojas, alugam-se em conjunto ou separadas, s/ trespasse. Rua Heróis Quionga, n.º 6 (próx. do Chile). Chaves no 1.º Esq. Trata C. do Carmo, 6, 2.º, Esq. Sala B. Tel. 367878.

CAPITAIS

OFERECEM-SE:

EMPRÉSTIMO SOBRE AUTOMÓVEIS

Máximo sigilo
No prazo de 1 hora
TELEFONE 32.84.91

TEM CARRO? TEM PRÉDIO? ENTÃO TEM DINHEIRO

CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telefs. 367444/323172
R. 1.º DE DEZEMBRO, 45

TELEVISORES

A PRONTO:
GRANDES DESCONTOS
A PRASO:
GRANDES FACILIDADES
NA

Artel

RUA CONDE REDONDO, 119-A
TELEF.: 43709 — LISBOA

DINHEIRO

SOBRE PREDIOS

OPERAÇÕES RAPIDAS EM CONDIÇÕES SEM PARALELO

Consulte o nosso Departamento de Empréstimos Hipotecários

NORTENHA

Lisboa—Praça da Alegria, n.º 58, 2
Telefs 362228 - 366731 - 366812

ABAT-JOURS

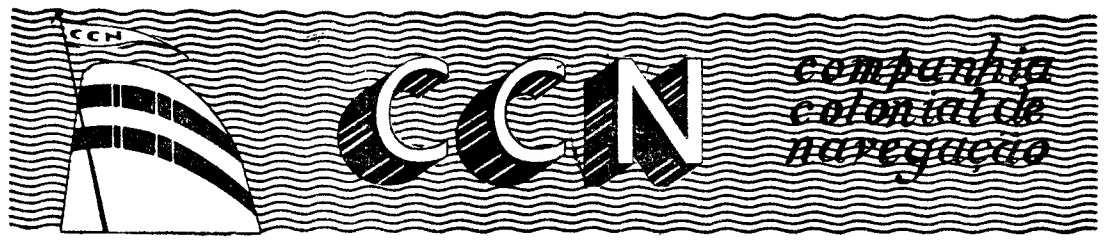
FABRICANTES

Av. António Serpa, 9-A 9-B
(ao Campo Pequeno)

Contacto ANÚNCIOS

AUTOMOTORAS DE FIM-DE-SEMANA PARA O ALGARVE

Comunica-nos a C. P. que até aviso em contrário, efectuar-se-á aos sábados a automotora para serviço publico, entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, servindo o ramal de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) ás 13.40 h. e chegada ás 18.55 h.; a Vila Real de Santo António-Guadiana, ás 19.55 h.; a Portimão, ás 19.06 h. e a Lagos, ás 19.32, regressando aos domingos, com partida do apeadeiro de Vila Real de Santo António-Guadiana, ás 19.35 h.; ás Faro, ás 20.31 h.; de Lagos, ás 19.48 h. e de Portimão, ás 20.13 h. com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço), á 1.30 h.



PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«BENGUELA»
a sair em 20 de Agosto

Com escala por **LEIXÕES**, para: **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.** Carrega de 14 a 18 do corrente

«IMPERIO»
a sair em 24 de Agosto ás 12 horas

Com escala prévia por **LEIXÕES**, para: **FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.**

«INFANTE D. HENRIQUE»
a sair em 26 de Agosto ás 12 horas

Com escala por **FUNCHAL**, para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.** Carrega de 19 a 23 de Agosto

«GANDA»
a sair em 31 de Agosto

Com escala por **LEIXÕES**, para: **PRINCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE** (se necessário). Carrega de 24 a 29 de Agosto.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 16 de Setembro ás 18 horas

Com escala por **VIGO e FUNCHAL**, para: **TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORTO EVERGLADES (MIAMI).**

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 369621/8 — PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342

SEJA INDEPENDENTE

AO MENOS NAS **SUAS** FÉRIAS!

VIAJE

QUANDO QUISER
COM QUEM QUISER
POR ONDE QUISER

UTILIZANDO O **SEU** CARRO!

Faça-se acompanhar de um técnico e visite a exposição de carros usados no Stand da

★

ATOMICAUTO

RUA TOMAS RIBEIRO, 6-C — LISBOA-1

AUTOMÓVEIS

VENDAS:

AUTOMÓVEIS

Se pretende comprar de qualquer marca ou modelo, no seu próprio interesse não o faça sem ver no LISBOA-STAND. Faç. troca e pag. Rua Passos Manuel, 17-D-E

AUTOMÓVEIS americanos e europeus como novos e em conta. Rua Actor Taborda, 13-A.

AUTOMÓVEIS ALUGUER S/ CONDUTOR
Novos: escritório L. Sta Bárbara, 5 - B Telefone 734657

Alfa-Romeo I. I. Giulietta ult.º mod.; Austin 850, 1964 Luxe; Opel Rekord, 1963-1958--1955; M. G. Midet descapotável 1963; Isard Glas S. 1004 coupé 1963; Simca Elysée 1960; Fiat 500, 1959; Austin 10 H. P. 1948. Fac. Troca e Pgt.º

MARCELO
Av. João Crisóstomo, 47-C

UTILITÁRIAS

Isabela 1961; Fiat 600 múltipla 1958; Comer 1951. Fac. Troca e Pgt.º

MARCELO
Av. João Crisóstomo 47-C

CORTINA GT, 65 e 64; Taunus 20-M, 65; Opel Rekord, 65, 64, 61 e 58; Taunus 17-M, 65, 62, 61 e 58; Mercedes 190, 63; Taunus 12, 66, 64, 63 e 60; Vauxhall VX 4/90, 64; NSU-Prinz 4, 64; BMW-700 LS, 64; Consul Cortina, 63; Austin 1100, 63; Opel Kadett, 63; Fiat 600 D, 63; Anglia (mista), 63; Zephyr 4, 62; Renault Floride, 60; Karmann Ghia, 60. Fac. pag. e trocas

CRISAUTO
Gar.: Av João Crisóstomo, 13-A

AUTOMÓVEIS e FURGONETAS de diversas marcas e modelos.
STAND CHILE
R. Actor António Cardoso, 11-C-D

COMPRAS

DE TODAS AS MARCAS a ot pag. M ABRANTES Av. Dr Ant José Almeida, 34-A

Automóveis s/condutor
Veja os n/ preços e carros a estrear ou impecáveis. Av João Crisóstomo, 89 Tels. 50060-51047

SEJA DO SEU TEMPO!

motor

O jornal que não havia em Portugal

SAI AS 5.as FEIRAS

ALUGUER:

NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA SERVIÇOS DE AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50.060 — Automóveis Amoreiras Av. João Crisóstomo, 89.
- 53.4657 — L. St. Bárbara, 5-B
- 58.0330 — Jomil-Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 76.9848 — Zé Carlos — Av. Barbosa du Bocage, 1.
- 42.890 — Taxis Universo, Lda Av. República, 26.
- 55.3843 — Auto-Argos P. Olegário Mariano, 62.
- 53.7476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56-1.º.
- 53.1919 — SILVA E TIAGO — R. St.ª Bárbara, 81-B.
- 72.7654 — Auto-Monumental do Areeiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.
- 83.5730 — INTERAUTO — R. Carvalho Araújo, 102-A.

JOMIL-AUTO

Automóveis de aluguer sem condutor

Preços inferiores aos das tarifas oficiais em vigor

CARROS NOVOS

Telefs. 580330 - 49612
Rua Ponta Delgada 40-A-B

AUTOMÓVEIS

FIAT 600 D de 63 c/ novo, 1.º dono; SIMCA ARONDE ópt. est. geral; MORRIS e AUSTIN 850 de 62, b/ estado; Utilitária Volkswagen, 9 lugares e carga, isenta, ópt. estado; Moto 2,5 H. P. e Lambreta e outros prov. trocas. Fac. Pag.

STAND MONTECARLO
RUA ARROIOS, 19-A

ACESSÓRIOS

PORTA-BAGAGENS em diversos tamanhos
ALFREDO & DIOGO, LDA
R. Carvalho Araújo, 49 A
LISBOA-1 — Telef. 836231

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica Av. 5 de Outubro, 203, r/c, Esq. Tel. 771639. (Ao Campo Pequeno)

Encerrado para férias de pessoal de 14 a 28 de Agosto.

LUSTRES

FABRICANTES

Av António Serpa, 9-A, 9-B
(ao Campo Pequeno)

◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

A Volta a Portugal em Bicicleta

COMENTÁRIO DA 13.ª TIRADA

O AMARELO DAS CAMISOLAS QUEIMA COMO O FOGO...

- **Outro «grupo de magníficos» riscou a classificação, fomentando nova corrida.**
- **O F. C. Porto empenhado em transgredir o anonimato.**
- **Os «leões» transformaram-se em «cordeiros».**
- **Começou a desenhar-se a «hecatombe dos favoritos».**

Por FERNANDO SOROMENHO
(nosso enviado especial)

Perdido o respeito aos «grandes», a «Volta» conheceu ontem outro momento inédito, com a arrancada, de tipo alucinante, de «dez magníficos», a caminho de Lisboa.

A previsão, aqui esboçada, confirmou-se amplamente. Por isso a «Volta» redobrou de interesse e de entusiasmo ao mesmo tempo que fez adensar as duvidas sobre o vencedor final.

Esses «dez magníficos», com saliência para Sérgio Páscoa, Alberto Carvalho e Manuel Ferreira, que bem merecem o «super» á frente do «magnífico», cortaram a meta, instalada á entrada do estádio «José Alvalade» com 12 minutos e 53 segundos de vantagem sobre o pelotão. Um «oh» de espanto reboou na caravana e no publico presente no recinto «leonino».

O «record» podia, no entanto, ter sido mais expressivo se, acaso, entre nós, a estratégia velocipédica acusasse actualização. Com «fuga» concretizada e em face da ostensiva renuncia dos «consagrados», são peregrinas todas as ideias que visam defender interesses alheios quando em causa estão os específicos interesses de uma equipa. A alusão cabe inteirinha no Benfica que, com quatro homens na vanguarda, nada tinha a perder se, porventura, os mesmos procurassem robustecer o avanço, colaborando.

A acontecer isso, que é válido numa prova por étapas, a «Volta» teria provocado solidez nos vaticínios, embora na esteira de Francisco Valada — o novo «leader» — ficassem, como ameaças de considerar, o algarvio Sérgio Páscoa — em grande forma — e o portuense Alberto Carvalho. Mas as presenças de Fernando Mendes e Peixoto Alves, nos seis primeiros lugares, será garantia para qualquer contra-ataque susceptível de contrariar projectos de terceiros.

Não serão de alinhar censuras aos planos tácticos perfilhados pelo director-técnico do Benfica. Com a «Volta» em ebulição, portanto sujeita a reviravoltas tão imprevisiveis como sensacionais, a palavra de ordem será a de vigiar situações para das mesmas se extrair o proveito que for viável. O processo fundamenta-se no apreciável numero de unidades de que a equipa dispõe. Consoante é a musica, assim «entram» os instrumentos. E não faltam para todos os tons. Todavia, diante do que ontem se esboçou, seria válido que se conferissem a António Pedro Moreira, Francisco Valada, Américo Silva e Manuel Luis plenos poderes para conquistarem os melhores lugares na classificação geral. A decisão em nada afectaria o clube porque seria, fundamentalmente, o reforço de êxitos anteriores. A cúpula refulgente

Como quer que seja, o Benfica não saiu prejudicado, a despeito de persistirem inquietações sobre as jornadas futuras. A «sorte» de Peixoto Alves e a «sorte» de Fernando Mendes animam a supor-se que a «sorte» de Francisco Valada está traçada. A questão depende de dois factores verificados anteontem e ontem. Isto é, esboço de «fugas», á capucha; indiferença do pelotão, entretido a jogar aos «polícias e ladrões» ou a fazer cálculos dignos do inspector Maigret; robustecimento da ideia ofensiva; aumento do numero de «escapados»; e pedalada rija e entusiástica por parte daqueles que visam subir uns postos na tabela classificativa.

Na ligação do Cartaxo para Lisboa — 158 quilómetros percorridos á média (óptima) de 39,781 — o veterano Carlos Carvalho e o benfiquista Manuel Luis formularam um convite a Cosme Oliveira (nada cansado da véspera, pelos modos...), Florival Martins e Pedro Moreira. Foi o rastilho, porquanto, com 66 quilómetros andados, juntou-se-lhes Sérgio Páscoa, Manuel Ferreira, Américo Silva, Francisco Valada e Alberto Carvalho.

A «Volta» começou a fumegar outra vez, subindo a média a olhos vistos, em progressão alucinante. Nunca mais parou. Porque o tavirense, o portuense e o bairradino não queriam. Nem que suassem sangue e\atrás deles irritasse a «pedalada na roda» dos benfiquistas (que defendiam Fernando Mendes) e de Carlos Carvalho (a defender José Azevedo).

Dentre as várias ideias que a excelente tirada forneceu, destacam-se as seguintes: o esforço durante a manhã, enquanto o Sol não incomoda, é benéfico aos andamentos; os «favoritos» ainda se não recompuseram do extraordinário esforço desenvolvido no passado dia 13, a data em que julgavam reafirmar as suas pretensões; dos «não falados» impressionam as condições atléticas de Sérgio Páscoa e Cosme Oliveira; o F. C. Porto quer romper o eclipse; os sportinguistas acusam desmoralização, descrença nas suas possibilidades, porque a desistência de Manuel Correia constituiu golpe profundo em esperanças algo já esboroadas; a camisola amarela queima como fogo, mas continuará a ser o prémio por que muitos ainda lutarão; e o Benfica prossegue olimpicamente a sua corrida, fiado na sua força numérica e na potencialidade dos seus «segundos planos», porque sem eles adeus planos.

Hoje, a tirada oferece perspectivas medonhas. São 183 quilómetros através de zonas escaldantes, com a partida depois do almoço, o que é um crime contra o desporto. Pacifismo ou guerra

FRANCISCO VALADA
o novo camisola amarela

aberta? Hesito em dar um palpite com receio de falhar. Como os «favoritos»...

Alic

- **Os jornalistas belgas continuam encantados com a sua presença em Portugal. As paisagens nortenhas deslumbrara-os. «Para nós, tanta beleza era desconhecida. Uma surpresa agradabilíssima». E logo a seguir deixaram em suspenso a pergunta: «Porque não se organizam excursões, por via aérea, do estrangeiro para o Norte de Portugal, a preços convidativos?». Não respondemos. O problema pertence a outras esferas ..**

- **Alberto Carvalho, após ter cortado a meta, em Alvalade, sustentava a opinião de que lutara na «fuga» por uma questão de brio desportivo. E acrescentou que aprendeu alguma coisa durante a sua estadia na Bélgica. «Lá quando se foge, é para se tirar proveito. Doutra maneira, fica-se no pelotão.» Tem carradas de razão...**

- **O problema das informações aos jornalistas continua a reflectir deficiências. Daí, a necessidade de se seguir de perto a acção dos corredores. O facto, por vezes, não é compreendido por quem de direito, mas lá se consegue realizar o serviço. Por outro lado, nota-se a ausência de estafetas em numero suficiente para divulgarem os pormenores da corrida. A ardósia que anda na volta é uma catástrofe neste aspecto. Será que anda lá para significar que é, apenas, uma ardósia sem nada escrito ou com indicações que confundem?**

- **O comissário Moura, que comanda a brigada da P. V. T., continua a ser amabilíssimo para os representantes dos órgãos de informação. Os bons exemplos devem vir de cima não é?**

- **Sergio Pascoa está decidido a prosseguir nas suas ofensivas a despeito de se queixar da falta de colaboração dos colegas de «fuga». Uma frase sua é significativa: «Para que é que se faz uma corrida?»**

- **Leonel Miranda lamenta-se que a sua forma não seja a melhor. Mas as exigências da vida militar afectaram a sua preparação. Mas prometeu dar ainda um ar da sua graça. Para o Graça isto seria muito engraçado**

COMENTÁRIO DA 14.ª TIRADA

«Mancha» do clima de Alvalade perante a maior fuga da «Volta»

A passagem por Lisboa, em cumprimento da 13.ª tirada e realização da 14.ª, ficou assinalada por nova mudança de «camisola amarela».

Foi na caminhada iniciada no Cartaxo que Fernando Mendes perdeu a camisola amarela conquistada na véspera, em favor de Francisco Valada, o melhor classificado do grupo de dez fugitivos, que foram quantos os que praticaram a fuga mais rendosa até agora verificada.

Após a tirada, e ainda durante a que se disputou á noite, a pista de Alvalade foi «sala de discussões», comentários, apreciações, etc., dos acontecimentos do dia

Nos nossos apontamentos fixámos uma mancha de ambiente, surpreendemos curiosas situações.

A vitória da manhã pertenceu ao benfiquista PEDRO MOREIRA. Ainda ofegante, dizia para os que lhe solicitavam opinião: «Volto a oferecer a vitória aos meus amigos de Benavente. Têm sido incansáveis de incitamentos». Houve quem lhe perguntasse por que não «puxava». Resposta: «Não tinha ordem para o fazer. Limitei-me a ganhar a tirada e estou em condições para ganhar mais. E' que este ano não fui ao Brasil e tudo vai correr melhor».

FLORIVAL MARTINS entrou na pista com a bicicleta avariada, terminando a prova na máquina de Américo Silva. Explicava: «Partiram-se-me as mudanças na Calçada de Carriche e, já perto de Alvalade, um pedal. Vinha tão bem e logo tive tanto azar».

O referido AMÉRICO SILVA, sabedor que a cedência da bicicleta a um adversário é motivo para castigo, manifestava a um camarada: «Num caso destes não há que olhar a regulamentos. São coisas que acontecem, e se fosse comigo também gostaria que me ajudassem». Houve alguém que lhe lembrou a multa, mas o corredor entendeu que o Tavira deveria pagar-lha, porque ele ajudou um ciclista do clube, em dificuldade.

SÉRGIO PÁSCOA lutou muito. Como há alguns dias vem fazendo. No discreto «mundo dos tavirenses» recordava: «Tem que ser, tenho de recuperar, mas está a ser difícil encontrar a oportunidade. Eu bem procuro, mas não há meio...». Quanto ao prémio da montanha dizia: «Agora não há contagens tão cedo. Posso preocupar-me com a minha classificação individual, pois as duas coisas ao mesmo tempo é um pouco complicado».

Passámos perto do carro da Emissora Nacional, e ouvimos o nosso camarada NUNO BRÁS afirmar para os que o rodeavam: «Bem, a Volta parece que vai aquecer, ou talvez recomeçar agora...».

O futebolista ALFREDO, do Sporting, estava, também, na pista do seu clube. Não escondia a sua admiração pelas corridas de bicicleta: «Gosto muito de ciclismo, e sempre que posso não falto. Estou um bocadinho desiludido por não vir nenhum do Sporting na fuga, mas mesmo assim acho a prova emocionante». Perguntaram-lhe se tinha um favorito. Retorquiu: «Pelo que tenho lido e ouvido, parece-me que entre Peixoto Alves, João Roque, Mário Silva e Leonel Miranda sairá o vencedor, a não ser que surja qualquer grande surpresa».

O pai de Francisco Valada estava radiante, como se calcula. Rodeavam-no muitas pessoas. Recebia felicitações de todos os lados. Fumava cigarros atrás uns dos outros. A certa altura vieram dizer-lhe que o filho já tinha a «camisola». Apenas disse: «Ainda bem». Não foi capaz de dizer mais. Só um pormenor o entristecia: terem-lhe recusado a venda de mais de um café no «bar» de Alvalade, ao reconhecerem-no, e porque ele queria sòmente o açucar para deitar num bidão com água e dá-lo ao filho. Com isso é que ele «embirrou»...

ANÍBAL PATRÍCIO trazia um boião ás costas, como antigamente usavam os ciclistas. Perguntaram-lhe se aquilo era com receio de algum furo. Explicou: «Não. Ofereceram-mo e trouxe-o comigo».

IVO NEVES, o incansável dirigente do Sangalhos, dizia para os seus corredores que chegaram no pelotão: «Da Malveira para aqui perderam mais de três minutos. Não andaram mesmo nada. Não se pode ter a menor distração, viram?».

EMÍDIO PINTO estava numa roda de ouvintes. Ouvimos um passo do seu comentário: «Dá Deus nozes a quem não tem dentes. Já é a segunda vez que o Benfica tem vários homens e não puxa. Tantas oportunidades, e a perdê-las assim... talvez lhe venham a fazer falta, quem sabe».

Era esta a «mancha» de Alvalade, um dia agitado da «Volta»...

LACUNA QUE PODE SER REMEDIADA

O trabalho dos juizes e cronometristas tem sido levado a cabo de modo satisfatorio.

Américo Lopes dos Santos (juiz de partida), Albertino Duarte Calado (juiz de chegada), Cândido Alonso Pinto (ajudante do juiz de chegada), Helder Ramos Gouveia (cronometrista) e Arnaldo Oscar Rainho (ajudante do cronometrista) têm sido esforçadíssimos e, acrescente-se, diligentes. Além do mais, procuram corresponder á ansiedade dos jornalistas, fornecendo as classificações o mais rápido que lhes é possível. Pela nossa parte, aqui deixamos os nossos agradecimentos

Todavia, as demoras justificam-se por motivos alheios. A barulheira, que se faz ouvir junto das metas, prejudica bastante a audição da fita magnatofónica onde estão registados os numeros dos corredores que ultrapassam o risco da chegada. Daí a necessidade de se repetir a gravação para se conseguir apurar aquilo que se apresenta confuso

Também é de apontar a ausência de um telefone, quando os tempos são tomados á entrada das pistas, para permitir o contacto rápido com os membros que se encontram diante da meta.

A «Volta» só seria beneficiada se dispusesse do indispensável apetrechamento técnico. E a montagem de um telefone não levaria á bancarrota as finanças da entidade organizadora. Mas talvez, neste aspecto, a Comissão Central de Juizes e Cronometristas pudesse fazer algo de util

Tirada de amanhã
(Estremoz-Beja)

A 29.ª Volta tem amanhã a sua 16.ª tirada, que levará os corredores de Estremoz a Beja, tendo, portanto, de cobrir a distancia de 151 quilómetros.

A média horária estabelecida é de 38 quilómetros, havendo uma

meta-volante em Redondo, a 38 quilómetros da partida.

Os corredores sairão de Estremoz ás 15 e 30, tomando o caminho de Borba (15 e 50), Vila Viçosa (16), Redondo (16 e 30), Évora (17 e 30), Portel (18 e 45) e Vidigueira (19), para cortarem a meta em Beja, ás 19 e 35.

A Volta a Portugal em Bicicleta

Moral da etapa de Alvalade: uns trabalham mais e outros ganham os louros

Os projectores de Alvalade (com várias lâmpadas inactivas) acenderam-se para que na pista se realizasse a 14.ª etapa da «Volta».

A corrida, que se efectuou por séries, como todas as do género, excepto a primeira, atraiu bastante publico ao recinto dos «leões», constituindo espectáculo agradável de seguir.

Inclusivamente os tempos obtidos pelas séries, que foram seis, mantiveram «suspense» na noite, pois pela primeira vez se registou um tempo que só a ultima série bateu.

Num breve comentário diremos que a primeira conclusão a extrair se refere ao já clássico exemplo de vencerem os que menos trabalham para isso.

Veja-se: na 1.ª série, Peixoto Alves lutou constantemente, volta a volta, de princípio a fim, com a ajuda única de Pedro Moreira, e foi Emiliano Dionísio quem triunfou sem nada ter feito para o merecer.

Na 2.ª série houve um bocadinho de mais equilíbrio de esforço e o triunfo de Joaquim Coelho não escandalizou porque ajudou bastante o mais esforçado, que era o seu companheiro Joaquim Coelho.

Na 3.ª série o trabalho maior foi dos quatro benfiquistas Manuel da Costa, Américo Silva, Manuel Luís e António Acúrsio. No final José Pinto «fintou-os».

Na 4.ª série os homens do Porto, Manuel Castro, Mário Silva e Alberto Carvalho, fizeram tudo para um bom tempo e o «leão» Carlos Santos adiantou-se-lhes no risco.

Na 5.ª série, Sérgio Páscoa, José Madeira e, principalmente, João Roque bateram-se generosamente, vindo lá de trás José Pinto para ser primeiro.

Por fim, na 6.ª série, João da Palma, Georges Smissaert e Leonel Miranda, que procuraram o deslocamento do «camisola amarelas», foram surpreendidos no «sprint» final por Vanden Nest.

Moralidade da etapa: uns trabalham, outros ganham os louros. Acontece assim muitas vezes na vida.

Acrescente-se, para terminar, que o avanço de 1 m e 8 s de Valada (1.º) sobre Páscoa (2.º) passou para 33 segundo apenas; que Peixoto Alves passou José Azevedo, Pedro Moreira ultrapassou Aníbal Patrício e que Laurentino Mendes trocou com Manuel Luís.

De resto, nada de especial.

O momento em que se decidia, ao «sprint», a classificação dos dez fugitivos que animaram extraordinàriamente a ligação entre o Cartaxo e Lisboa

PUBLICAÇÕES

«SOBRE FORMAÇAO E INFORMAÇÃO»

A distinta escritora Ester de Lemos, deputada á Assembleia Nacional, editou agora, em separata, sob o título «Sobre formação e informação», o discurso na mesma pronunciado em 22 de Março passado.

«AGROS»

Temos presente mais um número da revista «Agros», da Associação dos Estudantes de Agronomia, que, entre outros trabalhos, inclui os seguintes: «Região e Nação: uma perspectiva integradora», pelo eng.º agr. Armando Trigo de Abreu; «Valorização da estrada e da paisagem», pelo arq. paisagista Artur Dinis Raposo; «Influência dos períodos de referência na precisão dos resultados em inquéritos ás condições de vida e dieta a famílias rurais», por Carlos Santos Reis e Agostinho de Carvalho; «Acerca do segundo Colóquio Internacional sobre a Química dos Cafés Verdes, Torrados e seus derivados», por A. Corte do Santos; e «O melhoramento florestal e a produção de semente», pelo eng.º silv. Fernando Pessoa.

«REVISTA MILITAR»

O número da «Revista Militar», correspondente ao terceiro trimestre do ano corrente, publica os artigos: «Influência das Forças Armadas no desenvolvimento económico do Ultramar Português», pelo tenente-coronel Hélio Augusto Esteves Felgas; «Problemas humanos emergentes da luta na Guiné», pelo major dr. Joaquim Mendes Borges Ribeiro Simões; e «O «Gabinete Anatómico» do Hospital Militar da Corte», pelo coronel-médico dr. Manuel Fernandes Gião.

OUTRAS PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- Boletim mensal do Banco de Fomento Nacional.
- Cadernos de estatística e informação editados pelo Instituto do Vinho do Porto.
- Relatório e contas do Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis.
- Boletim do Grupo Desportivo do Pessoal da Companhia dos Telefones.
- Relatório e contas da Sociedade Filarmónica Incrível Almadense.
- «Ao serviço da Lavoura», da Companhia União Fabril.
- «Alguns conselhos sobre a cultura do milho», «Como deve tratar o seu bovino produtor de carne», «Prados de trevo» e «Como deve alimentar os porcos», textos editados pelo Serviço de Informação Agrícola da Secretaria de Estado da Agricultura.
- «Em frente», jornal dos graduados da Mocidade Portuguesa de Luanda.
- «BIT Panomara», publicado pela Repartição Internacional do Trabalho, de Genebra.
- «Documentos da Comunidade Europeia: Como funcionam as instituições da Comunidade Económica Europeia».
- «Efta Bulletin», publicado pela Associação Europeia de Comércio Livre.

A MARCHA DA PROVA

o que foi percorrido...

	km
1.ª Pista das Antas	9
2.ª Circuito de V. do Conde	36
3.ª Vila do Conde-Fafe	213
4.ª Fafe-Viseu	218
5.ª Viseu-Porto	146
6.ª Pista das Antas	9
7.ª V. N. de Gaia-Águeda	128
8.ª Pista de Sangalhos	5
9.ª Curia-Guarda	155
10.ª Guarda-Penhas da Saude	57
11.ª Fundão-Cast. Branco (*)	46
12.ª Castelo Branco-Cartaxo	197
13.ª Cartaxo-Lisboa	160
14.ª Pista de Alvalade	9
	1388

...e o que falta percorrer

	km
15.ª Lisboa-Estremoz	195
16.ª Estremoz Beja	155
17.ª Beja-Tavira	151
18.ª Pista de Tavira	8
19.ª Tavira-Loulé (*)	60
20.ª Loulé-Santiago do Cacém	202
21.ª Santiago do Cacém-Lisboa	183
	954

(*) Contra-relógio

MÉDIAS HORÁRIAS

Tiradas	Prevista	Realizada
1.ª	(a)	46,753
2.ª	(a)	45.649
3.ª	36,000	33,163
4.ª	35,000	33,927
5.ª	38,000	35,959
6.ª	(a)	42,857
7.ª	39,000	39,150
8.ª	(a)	43,689
9.ª	36,000	32,631
10.ª	35,000	34,479
11.ª	(b)	44,776
12.ª	37,000	35,275
13.ª	37.000	39,761
14.ª	(a)	42,800

(a) Realizada em pista, ou circuito.
(b) Contra-relógio.

CLASSIFICAÇÕES GERAIS

(À PARTIDA PARA A TIRADA DE HOJE)

INDIVIDUAL

	H	M	S
1.º, Franc. Valada (Bf.)	38	43	39
2.º, Sérgio Páscoa (Tav.)	38	44	22
3.º, A. Carvalho (Porto)	38	45	53
4.º, Fern. Mendes (Bf.)	38	46	30
5.º, Peixoto Alves (Bf.)	38	47	39
6.º, José Azevedo (Ced.)	38	47	43
7.º, Smissaert (Fland.)	38	49	12
8.º, João Roque (Sp.)	38	50	12
9.º, Mário Silva (Porto)	38	50	28
10.º, Ant. Acúrsio (Bf.)	38	51	00
11.º, Pedro Moreira (Bf.)	38	52	53
12.º, Aníbal Patrício (Sp.)	38	53	12
13.º, Leon. Miranda (Sp.)	38	53	29
14.º, S. Cardoso (Porto)	38	55	23
15.º, Henr. Neto (Tav.)	38	55	42
16.º, Manuel Costa (Bf.)	38	55	50
17.º, V. Tenazinha (Bf.)	38	57	40
18.º, Cosme Oliv. (Porto)	38	57	43
19.º, Laur. Mendes (Bf.)	38	58	03
20.º, Manuel Luís (Bf.)	38	58	22
21.º, M. Castro (Porto)	38	58	56
22.º, Américo Siliva (Bf.)	38	59	10
23.º, Joaq. Coelho (Ced.)	38	59	44
24.º, M. Ferreira (Sang.)	39	07	38
25.º, J. da Palma (Tav.)	39	12	56
26.º, Robert Eleir (Fl.)	39	13	03
27.º, León Gevaert (Fl.)	39	14	30
28.º, Carlos Carv. (Porto)	39	15	51
29.º, H. Oliveira (Sang.)	39	20	33
30.º, J. Santiago (Sang.)	39	24	07
31.º, Norb. Timóteo (Sp.)	39	26	29
32.º, José Madeira (Tav.)	39	29	48
33.º, Carlos Santos (Sp.)	39	38	31
34.º, F. Martins (Tav.)	39	38	35
35.º, Ant. Graça (Tav.)	39	39	32
36.º, Emiliano Dion. (Sp.)	39	44	42
37.º, Vanden Nest (Fl.)	39	47	51
38.º, Mina Santos (Sang.)	39	54	30
39.º, Venceslau F. (Ced.)	39	55	40
40.º, José Pinto (Porto)	40	18	17
41.º, B. Duarte (S. Paulo)	40	38	18

EQUIPAS

	H	M	S
1.º, BENFICA	115	21	54
2.º, F. C. PORTO	116	01	10
3.º, TAVIRA	116	21	07
4.º, SPORTING	116	26	54
5.º, CEDEMI	116	55	11
6.º, SANGALHOS	116	56	37
7.º, FLANDRIA	117	11	04

PRÉMIO CASAL

PONTOS — Corredores nacionais

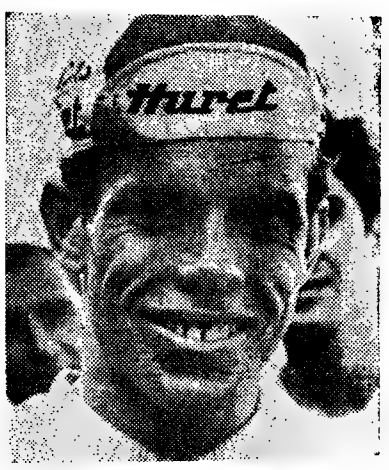
	Pts.
1.º, Pedro Moreira (Bf.)	71
2.º, Peixoto Alves (Bf.)	68
3.º, Leonel Miranda (Sp.)	43
4.º, António Acúrsio (Bf.)	32
5.º, Henrique Neto (Tav.)	30

PRÉMIO CAMIÕES «FORD» (MONTANHA

	Pts.
1.º, Sérgio Páscoa (Tav.)	54
2.º, Francisco Valada (Bf.)	48
3.º, Leonel Miranda (Sp.)	28
4.º, Peixoto Alves (Bf.)	24
5.º, Laurentino Mendes (Bf.)	24

Números e nomes

À PARTIDA PARA A TIRADA DE HOJE



SÉRGIO PASCOA
comandante da classificação do Prémio da Montanha (Camions Ford)

Quadro de honra

Vencedores das tiradas

1.ª Peixoto Alves (Benfica)
2.ª Vanden Nest (Flandria)
3.ª Manuel Correia (Sporting)
4.ª António Moreira (Benfica)
5.ª Alberto Carvalho (F. C. P.)
6.ª António Moreira (Benfica)
7.ª Henrique Neto (Tavira)
8.ª Vanden Nest (Flandria)
9.ª Leonel Miranda (Sporting)
10.ª Peixoto Alves (Benfica)
11.ª Mário Silva (F. C. P.)
12.ª Fernando Mendes (Bfc.)
13.ª António Pedro Moreira (Bfc.)
14.ª Vanden Nest (Fl.)

Portadores da camisola amarela

1.ª —
2.ª Peixoto Alves (Benfica)
3.ª Peixoto Alves (Benfica)
4.ª Mário Silva (F. C. P.)
5.ª Mário Silva (F. C. P.)
6.ª Mário Silva (F. C. P.)
7.ª Mário Silva (F. C. P.)
8.ª Mário Silva (F. C. P.)
9.ª Mário Silva (F. C. P.)
10.ª Mário Silva (F. C. P.)
11.ª Peixoto Alves (Benfica)
12.ª Peixoto Alves (Bfc.)
13.ª Fernande Mendes (Bfc.)
14.ª Francisco Valada (Bfc.)

Equipas vencedoras das tiradas

1.ª S. L. e Benfica
2.ª Flandria
3.ª Sporting C. P.
4.ª S. L. Benfica
5.ª S. L. Benfica
6.ª Ginásio de Tavira
7.ª Ginásio de Tavira
8.ª F. C. Porto
9.ª Benfica
10.ª Benfica
11.ª Sporting
12.ª Benfica
13.ª Benfica
14.ª Benfica

Vencedores das contagens para o «Prémio da Montanha»

1.ª António Acursio (Benfica)
2.ª Sérgio Páscoa (Tavira)
3.ª Laurentino Mendes (Benfica)
4.ª Laurentino Mendes (Benfica)
5.ª António Ferreira (Sangalhos)
6.ª Sérgio Páscoa (Tavira)
7.ª Leonel Miranda (Sporting)
8.ª Peixoto Alves (Benfica)
9.ª António Acursio (Benfica)
10.ª V. Tenazinha (Benfica)

Vencedores das metas volantes

1.º Francisco Valada (Benfica)
2.º Laurentino Mendes (Benfica)
3.º António Ferreira (Sangalhos)
4.º Mário Silva (F. C. P.)
5.º Carlos Santos (Sporting)
6.º Indalécio de Jesus (Tavira)
7.º V. Tenazinha (Benfica)
8.º Cosme Oliveira (F. C. P.)

Os melhores de cada equipa

1.º Francisco Valada (Benfica)
2.º Sérgio Páscoa (Tavira)
3.º Alberto Carvalho (F. C. P.)
6.º José Azevedo (Cedemi)
7.º Swissaert (Flandria)
8.º João Roque (Sporting)
21.º Manuel Ferreira (Sangalhos)

AS BAIXAS DA PROVA

Os que não alinharam à partida (1)

35 — Joaquim Andrade (Sangalhos)

Eliminados (8)

Na 3.ª tirada — n.º 50, José Vale (ind.); n.º 73, Roberto Barbosa (S. Paulo).

Na 4.ª tirada — 13, Roger Dewilde; 15, Marin Creelle; 16, N. Meens e 17, A. Planckaert, todos da Flandria; 47, J. Precioso (Cedemi).

Na 5.ª tirada — 32, Henriques da Silva (Sangalhos).

Desistentes (17)

Na 4.ª tirada — 11, H. Decan e 20, L. Willenes, ambos da Flandria; 46, António Pereira, da Cedemi; 57, Joaquim Freitas e 59, Manuel Jorge, ambos do F. C. Porto; 61, Albano Ferrer e 62, António Francisco, ambos do Sporting; 72, Pedro de Sousa, de S. Paulo.

Na 5.ª tirada — 27, Jorge Corvo (Tavira); 54, Joaquim Leão (F. C. Porto).

Na 7.ª tirada — 31, António Ferreira (Sangalhos).

Na 9.ª tirada — 26, João Antunes (Tavira); 43, Mário Silva (Cedemi).

Na 12.ª tirada — 3, Indalécio de Jesus (Tav.); 34, Augusto Cardoso (Sangalhos); 63, Af. Alexandre (Sp.).

Na 13.ª tirada — Manuel Correia (Sp.).

Os efectivos das equipas

Benfica	10	(10)
Flandria	4	(10)
Tavira	6	(9)
Sangalhos	4	(7)
Cedemi	4	(7)
F. C. Porto	6	(9)
Sporting	6	(10)
S. Paulo	1	(3)
Individuais	—	(1)
	41	66

(Entre parêntesis o numero dos que alinharam á partida).

SEJA DO SEU TEMPO! LEIA motor SAI AS QUINTAS-FEIRAS

VILAR TUDO PARA A BICICLETA

DESPORTOS

FUTEBOL EM MÁLAGA

O BENFICA PERDEU COM O TOTTENHAM

• Coluna, o melhor
• O azar de Costa Pereira
• Eusébio muito marcado...

(ESPECIAL PARA O «DIARIO DE LISBOA»)

MÁLAGA, 16 — O Tottenham conquistou, pela segunda vez consecutiva, o «Troféu da Costa do Sol». Acreditava-se no favoritismo do Benfica, que havia ganho, com todo o mérito, por 2-0, ao Atlético de Madrid, campeão da Liga espanhola, mas os ingleses actuaram com a determinação suficiente para contrariar esse favoritismo concedido ao conjunto português. Além do mais, o Atlético, positivamente longe da boa forma, e a atravessar um momento de crise, não foi além do ultimo lugar no torneio, pois ontem também perdeu com o Málaga, por 3-2, naturalmente.

Quer dizer: os ingleses do Tottenham representaram para o Benfica adversários mais difíceis que os espanhóis do Atlético. Denotaram sobretudo maior capacidade física, recorreram a sistema táctico mais eficiente, fizeram gala, na ordenação dos contra-ataques, de método e apreciável velocidade. Assim, os portugueses, embora sem nunca se deixarem inferiorizar no que respeita ao desenrolar do jogo, tiveram, no entanto, de cuidar mais da defesa, quase que entregando apenas a Eusébio a responsabilidade da concretização dos lances ofensivos. Ora, Eusébio esteve superiormente marcado pelo interior direito adversário, Beal, e, para mais, no que se relaciona com vários elementos muito influentes, como, por exemplo, Torres, que teve, em dado momento, de ceder o seu lugar a Nelson, a fadiga veio bem ao de cima na equipa «encarnada». E' natural: tinha na véspera despendido generosas energias diante do Atlético madrileno, ao qual se atribuía mais poder que a própria selecção de Espanha apresentada recentemente na Inglaterra, e os efeitos desgastantes do ultimo «Mundial» ainda se devem fazer sentir, sem margem para grandes surpresas.

A avolumar as contrariedades experimentadas pelo Benfica em Málaga, neste embate decisivo, há a referir que a sorte igualmente lhe fez negaças: o primeiro golo dos londrinos foi precedido de flagrante deslocação, que surpreendentemente passou despercebida á arbitragem, e que o outro golo, o da derrota, também surpreendente, resultou de um imperdoável lapso do guarda-redes Costa Pereira.

Ao passo que o Tottenham teve no seu «keeper», Jennings, uma das suas principais figuras, que consentiu apenas uma vez na violação das suas redes, e mesmo assim em lance de grande penalidade, apontada, como não podia deixar de ser, por Eusébio, o guarda das balizas benfiquistas, Costa Pereira, inda em busca da forma que tanto o notabilizou, constituiu uma constante fonte de preocupações para o sector defensivo dos portugueses.

Resumindo: o Benfica foi ontem uma equipa desafortunada, em todos os aspectos, a começar pelo da boa disposição dos adversários, certíssimos e seguros nos movimentos defensivos e decididamente rápidos, empreendedores e perigosos na ordenação dos contra-ataques. Uma equipa de solidez, sobretudo e determinação notáveis, em suma.

Na defesa benfiquista, também Cruz actuou muito abaixo de suas possibilidades. Apenas Jacinto, na verdade, esteve á altura das circunstancias.

Jaime Graça, que, em dado momento, substituiu Santana, fazendo a sua estreia na equipa, creditou-se de exibição positiva. Como Coluna também realizou trabalho altamente meritório, realçando magnifica forma, os benfiquistas passaram a impor-se mais a meio do campo, e ainda mais quando José Augusto nele igualmente se integrou. Diga-se mesmo que aquele avançado teve precisamente no meio do terreno mais ensejos de demonstrar a sua classe. Contra médios e avançados tão poderosos (precisamente os mesmos que constituíram a selecção nacional na Inglaterra!) os ingleses do Tottenham agiram com inteligência e perfeita imperturbabilidade.

Torres acusou desgaste físico. Simões foi o mais diligente, embora por vezes acusasse também ausência de força. Eusébio representou sempre uma ameaça, mas foi sujeito, por parte de Beal, como se disse, a uma cerrada vigilancia, com os mais frutuosos resultados para o «team» londrino. De novo transpareceu esse fenómeno na equipa lusitana, quando Eusébio se vê impedido de desferir remates em condições de êxito.

Não esteve feliz o árbitro espanhol Zariquiegui. O primeiro golo dos ingleses resultou, por exemplo, de um nítido fora de jogo.

A. C.

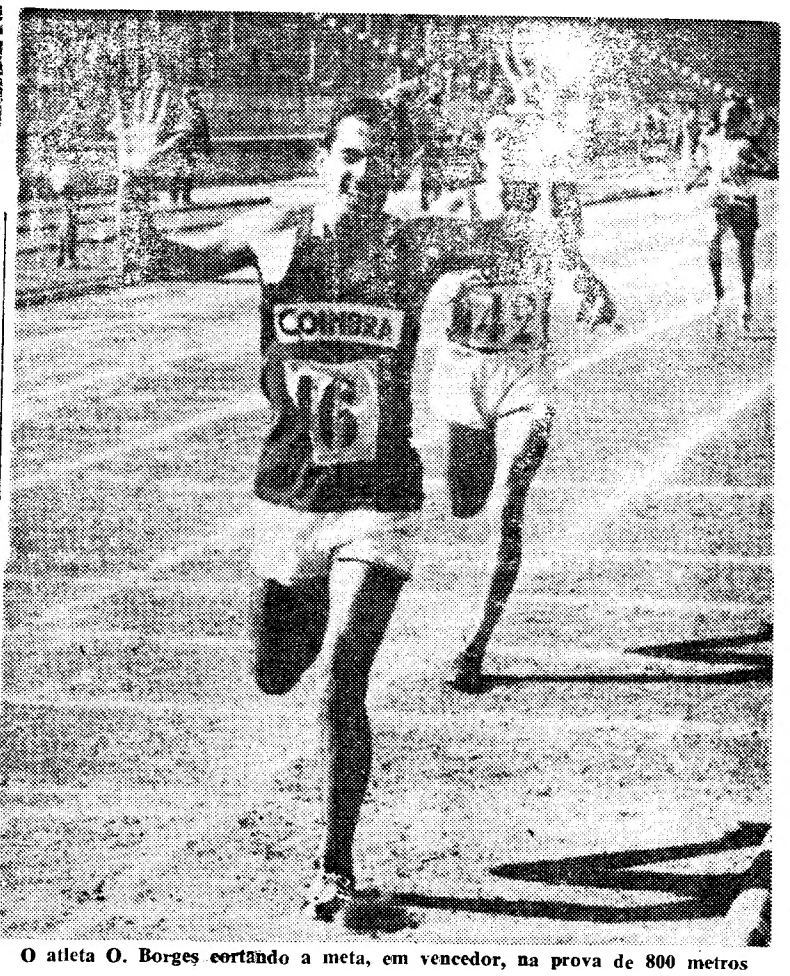
★

As equipas:

BENFICA — Costa Pereira; Cavém, Raul, Jacinto e Cruz; Santana (Jaime Graça) e Coluna; José Augusto, Eusébio, Torres (Nelson) e Simões.

TOTTENHAM — Jeennings; Rineear, Haenrw e Knowles; Muller e Mickay; Robertson (Frank), Beal, Gilzean, Vanables e Greaves.

Marcha do resultado: Greaves, aos 14 minutos, marcou o 1.º golo. Eusébio, de «penalty», motivado por carga irregular de Rineear, sobre Simões, empatou, aos 28 minutos. Aos 21 minutos da segunda parte, Robertson apontou o 2.º golo do Tottenham.



O atleta O. Borges cortando a meta, em vencedor, na prova de 800 metros

FUTEBOL EM ELCHE

F. C. PORTO: FALTA DE PODER OFENSIVO

(ESPECIAL PARA O «DIARIO DE LISBOA»)

ELCHE, 16 — O F. C. Porto não foi feliz no encontro que ontem disputou contra o clube local e o qual perdeu por 4-1. O sector atacante foi o que mais claudicou na equipa lusitana.

Ao invés, a equipa espanhola fez gala de conjunto sólido e de um equilíbrio notório entre os vários sectores, agindo com presteza e excelente rapidez. A força ofensiva do Elche originou que os adversários acautelassem ao máximo a defesa, nesta se englobando, com frequência, os dianteiros Nóbrega e Pinto, que, como é evidente, faziam falta na sua missão específica. Mas assim pretendiam os portuenses assegurar o domínio a meio campo, a fim de travar melhor o ataque dos espanhóis. Sem muito êxito, afinal.

No segundo tempo, o Elche intensificou o seu domínio, atacando em massa e com extraordinária velocidade, que em larga escala perturbou os visitantes. Estes, por vezes, contra-atacaram com perigo, porém, e, com um pouco de sorte, teriam aligeirado a derrota que sofreram.

Na equipa portuense estiveram em foco os defesas Festa e Almeida. Os outros claudicaram, frequentemente. Em globo, a falta de experiências de vários elementos fez-se sentir de maneira pronunciada. A boa forma ainda vem longe... Na frente não existiram poder e discernimento. A meio do campo houve ainda perturbação motivada geralmente pela força ofensiva e pelo ímpeto dos espanhóis.

Na verdade, tal como actuou ontem, o Elche mostrou-se irresistível. Teria decerto alcançado também bons resultados contra quaisquer outros adversários.

Os golos: aos 35 minutos, por Vavá; aos 4 minutos da segunda parte, também por Vavá; aos 30, por Romero; aos 34, por Djalma e aos 35, ainda por Vavá — A. A.

★

ELCHE — Pazos; Canos, Ivborra e Arribas; Lico e Llompar; Villa, Puntelzcano, Vavá, Romero e Molina.

F. C. PORTO — Rui; Festa, Almeida e Valdemar; Pavão e Sucena; Jaime, Pinto, Djalma, Carlos Baptista e Nóbrega.

HANDEBOL DE SETE

Sporting, F. C. Porto e Boavista vão decidir os títulos de campeões nacionais

Terminada a 2.ª fase dos «Nacionais» de handebol de sete, conhecem-se os finalistas que, aliás, já na penultima jornada desta segunda parte da competição tinham as suas posições asseguradas.

Sporting-F. C. Porto, em seniores, e Sporting-Boavista, em juniores, vão, assim disputar em duas mãos a primazia do nosso handebol de sete e torna-se difícil indicar o favorito, tudo indicando que os títulos só serão decididos em terceiros jogos, em campos neutros, como preceitua o regulamento, porquanto a vantagem de golos, após os dois jogos, não influem.

As classificações finais da 2.ª fase foram as seguintes:

SENIORES — *Zona Norte* — 1.º, F. C. Porto (101-66), 12 pontos; 2.º, Paramos (91-88), 6, e 3.º, Sr.ª Hora (68-106), 6. *Zona Sul* — 1.º, Sporting (100-50), 12; 2.º, Benfica (91-62), 8, e 3.º, Abraveses (37-116), 4.

JUNIORES — *Zona Norte* — 1.º, Boavista (56-42), 11; 2.º, F. C. Porto (48-48), 7, e 3.º, Beira-Mar (48-62), 6. *Zona Sul* — 1.º, Sporting (53-33), 10; 2.º, Belenenses (30-31), 10, e 3.º, Sp. Espinho (20-39), 4.

Nas competições anteriores, em seniores, o F. C. Porto obteve 8 títulos, o Sporting 3 e Salgueiros e Benfica, 1 cada. Em juniores, o F. C. Porto, 4; Benfica, 3; Sporting e Campo de Ourique, 1 cada.

Os jogos decisivos disputam-se nos próximos sábados.

HIPISMO NAS PEDRAS SALGADAS

CLASSIFICAÇÕES DAS PROVAS DAS 2.ª E 3.ª JORNADAS

No segundo dia, o programa iniciou-se com a disputa da «Prova Comissão Regional de Turismo», com percurso á americana. Registaram-se 32 inscrições, e o percurso comportava 11 obstáculos (11 esforços).

Os resultados foram os seguintes:

1.º, Francisco Caldeira, no «Capricho», 34 p. — 1 m. 34 s. 5/5; 2.º, alferes Veloso, no «Uniforme», 34 p. — 3 m.; 3.º, major Leopoldo Severo, no «Lutina», 33 p. — 1 m. 26 s. 3/5; 4.º, Soares da Costa, no «X. R.», 32 p. — 1 m. 32 s. 2/5; 5.º, António Caldeira, no «Can-Can», 32 p. — 1 m. 33 s. 2/5.

Na prova «Tâmega», reservada a cavaleiros juniores, estiveram em luta 20 cavaleiros.

O percurso tinha 12 obstáculos e 12 saltos, tendo o juri apurado os seguintes:

1.º, Armando Canelhas, no «Ufano», 0 p. — 56 s. 3/5; 2.º, J. Coelho da Silva, no «Safari», 0 p. — 56 s. 3/5; 3.º, Chaves Ramos, no «Selecto», 0 p. — 57 s. 7/5; 4.º, Eduardo Neto de Almeida, no «Pegazu», 0 p. — 57 s. 7/5; 5.º, Eduardo Neto de Almeida, no «Toucador», 0 p. — 1 m. 3 s. 4/5.

Para encerramento do programa do segundo dia, disputou-se a «Taça Governador Civil de Vila Real», em duas mãos.

Na primeira, contavam-se apenas os obtidos no segundo so seu da eram considerados os pontos e os tempos.

A classificação foi obtida através da totalidade dos pontos das duas mãos. Apuraram-se os seguintes resultados:

1.º, alf. Mendes Sentieiro, no «River», com 8 p. nas duas mãos, 1 m. 11 s. 3/5; 2.º, alf. José Tamagnini, no «Namul-Dupavre», 8 p., nas duas mãos, 1 m. 25 s. 2/5; 3.º, major Leopoldo Severo, no «Conhaque», 12 p. — 1 m. 9 s. 7/5; 4.º, major António Romeiras, no «Liffey-Bank», 12 p. — 1 m. 16 s. 8/5.

★

As provas da terceira jornada iniciaram-se com a disputa da prova «Capitão Hermínio Carneiro», fazendo-se a classificação por soma de pontos e tempos.

Inscreveram-se 19 parelhas, ou sejam, 38 cavaleiros.

Os resultados foram os seguintes:

1.os, major Leopoldo Severo, no «Lutina», e Nuno Carneiro, no «Xelim», 44 pontos — 1 m. 44 s. 8/5; 2.os, Padrão de Oliveira, no «Holdino», e alferes José Tamagnini, no «Grego», 43 p. — 1 m. 44 s. 8/5; 3.os, major António Romeira, no «Liffey-Bank», e tenente Oliveira, no «Sultão», 43 p. — 1 m. 49 s. 6/5; 4.os, capitão Fernandes Tomás, no «Klodo», e major Leopoldo Severo, no «Conhaque», 42 p. — 1 m. 51 s. 2/5.

Para a prova «Corvo», destinada a cavaleiros juniores, que obedeceu á Tabela A com cronómetro (velocidade 350 p. m.), inscreveram-se 16 concorrentes. O percurso constava de 10 obstáculos e 11 saltos.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

1.º, Jorge Coelho da Silva, no «Safari», 0 p. — 45 s. 6/5; 2.º, António Chaves Ramos, no «Selecto», 0 p. — 50 s.; 3.º, José Neto de Almeida, no «Pardal», 0 p. — 50 s. 7/5; 4.º, António Chaves Ramos, no «Atómico», 0 p. — 51 s. 2/5; 5.º, Eduardo Neto de Almeida, no «Pegazu», 0 p. — 51 s. 5/5.

Dado que a «Taça D. Fernando de Artalejo» não se disputou, por ausência dos cavaleiros espanhóis, foi disputada em sua substituição a prova «Conde de Lavradio», reservada a cavaleiros nacionais, trajando casaca e montando cavalos que não pertençam ao Estado.

Eis os resultados:

1.º, Rui de Andrade, no «Silver Cloud», 0 p. — 53 s. 2/5; 2.º, Francisco Caldeira, no «Capricho», 0 p. — 54 s. 6/5; 3.º, Soares da Costa.

A prova registou 9 inscrições, e teve 11 obstáculos, com 14 saltos. no «X. R.», 0 p. — 1 m. 5/3.

HOMENAGEM

a dois «internacionais» do Belenenses

A direcção do Belenenses presta hoje homenagem, durante um jantar que lhes oferece, aos jogadores do seu clube José Pereira e Vicente, os quais fizeram parte da selecção nacional de futebol que muito se distinguiu no último «Mundial» celebrado na Inglaterra.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

A «EUROPABUS», REDE TURISTICA RODOVIARIA DOS CAMINHOS DE FERRO EUROPEUS, PROPORCIONA NOVAS POSSIBILIDADES A TODOS QUE PROJECTAM VIAGENS TURISTICAS

Se deseja realizar uma digressão turística pelo País ou pelo estrangeiro, não deixe de se esclarecer acerca do que a rede «Europabus» lhe pode proporcionar, consultando as Secções de Informações das estações da C. P. de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia), Coimbra e Porto (S. Bento), bem como as Agências de Viagens autorizadas.

Inúmeros serviços turísticos são agora possíveis utilizar com recurso aos bilhetes «Europabus», que facultam transporte em auto carro, visitas a localidades e a monumentos, refeições e alojamento em estabelecimentos hoteleiros.

Viaje com a «Europabus» e não se arrependerá.

Em CANEÇAS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se nas agências dos srs. JOAQUIM JACINTO FRANCISCO e JOSÉ AUGUSTO DE MELO BROCHADO.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º **programa** — 451 m — 665 kc/s — Às 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 18 e 50: Defesa Nacional: «A César o que É de César...»; 19: Noticiário regional; 19 e 10: Atenção, Luanda!; 19 e 15: XXIX Volta a Portugal em Bicicleta — Orquestras e conjuntos; 19 e 30: Alegria no trabalho; 20: O Centro de Preparação de Artistas da Rádio; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 21: Vamos ouvir... Alice Amaro; 21 e 20: 1.º episódio do folhetim «A Vida de Um Rapaz Pobre»; 21 e 40: Que quer ouvir?; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 40: Teatro das comédias: «O Roupão do Conselheiro», de Tchekov; 0: Noticiário; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

2.º programa — 397 m — 755 kc/s — Às 18: Musica portuguesa; 19: O canto e os seus intérpretes; 20: Noticiário — Boletim meteorológico; 20 e 15: Concertos célebres; 21: Canções de Hugo Wolf; 21 e 15: Concerto de camara; 22: Escritores perante a musica; 22 e 30: Trechos de ópera; 23: A Voz do Ocidente; e 15: Fecho.

3.º programa — 94,3 m — Modulação de frequência 2 — Às 23: Musica sinfónica; 0 e 7: O célebre «Adágio»; 0 e 17: VIII Outono Musical Napolitano; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE PORTUGUES — 290, m — 1034 kc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 2: Vozes e orquestras; 17 e 30: Vedetas iê-iê; 17 e 45: Ela e o seu mundo — SEQUÊNCIA 18: 18: Histórias da tia Joaninha; 18 e 15: Clube das donas de casa; 19: Noticiário; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio Jornal; 20: Noticiário; 20 e 15: Ribalta — QUADRANTE 2-9-0: 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Carta de Berlim; 21: Noticiário; 21 e 3: Trompete mágica; 21 e 15: Hora alemã; 21 e 45: A estrela da noite; 22: Noticiário; 22 e 2: 45 Rotações; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 2: Meia-noite; 3 e 2: Sintonia-63; 6 e 2: Desculpe, mas já são horas.

Modulação de frequência — 90,7 mc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 55: O nosso programa; 19: Noticiário; 19 e 14: Em órbita; 20: Noticiário; 20 e 52: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 22: Noticiário; 22 e 2: Programa á Go-Go; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 2: A noite é Varig; 1 e 3: Fecho

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 18: Selecções; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Vozes de Paris; 19 e 45: Acordeões portugueses; 20: Sinfonia da vida; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 30; Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Orquestras e canções; 21 e 30: Suíça, centro da Europa; 21 e 45: Fados de Coimbra; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Musica de sempre; 22 e 45: Noite e ritmo; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

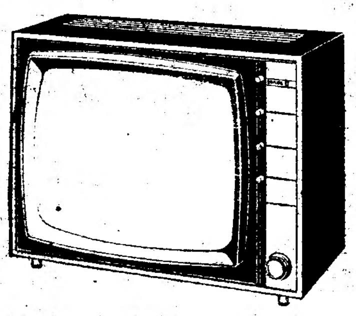
Estação do Porto — 256 m — 1169 kc/s — Às 18: Quarto de hora infantil; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Programa de Lisboa; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Suíça, centro da Europa; 21 e 45: Programa eventual; 21 e 55: Gravação cedida pela Republica da Alemanha Federal; 22 e 30: Programa de Lisboa; 22 e 45: Noite e ritmo; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 397 m — 755 kc/s — Às 17: Abertura; 17 e 5: Aguarela de Coimbra; 17 e 20: Musica na tarde; 17 e 30: Grandes figuras; 17 e 45: Noticiário; 17 e 55: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS — 188 m — 1594 kc/s — (99,4 mc/s) — Das 17 ás 19 e 30: Rádio Voz de Lisboa; 19 e 30 ás 22: Rádio Peninsular; 22 ás 2: Rádio Voz de Lisboa.

Novos postos da G. N. R.

Foram convertidos em postos os subpostos da Guarda Nacional Republicana de Cascais, Escoural e Tangil.



TELE-RECEPTORES PHILIPS

• • •

MENORES PREÇOS MAIORES FACILIDADES

Dardo

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
RUA DE S. BENTO, 53 A 57
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 124-B

Programa da TV

HOJE — Às 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal — edição da tarde; 19 e 45: «No País das Feras»; 20 e 10: «Vida Sã em Corpo São»; 20 e 25: Culinária; 21: Telejornal — edição da noite; 21 e 25: Boletim meteorológico; 21 e 30: Agenda da praça; 21 e 35: 7.ª Arte — «A Sombra do Homem Sombra», com William Powell e Myrna Loy e realização de W. S. Van Ryke (comentários de Fernando Garcia); 23 e 25, XXIX Volta a Portugal em Bicicleta (reportagem dos enviados especiais da R. T. P.); 23 e 40: Telejornal — ultimas notícias; 23 e 45: Meditação; 23 e 50: Fecho.

AMANHÃ — Às 19 e 30, Abertura; 19 e 31, Telejornal — edição da tarde; 19 e 45, Lanterna Mágica (Desenhos animados da série Zé Colmeia); 20 e 5, Junta da Acção Social; 20 e 20, TV Motor (Automobilismo, motonáutica e aviação. Programa apresentado por Joaquim Filipe Nogueira); 21, Telejornal — edição da noite; 21 e 20, Boletim meteorológico; 21 e 25, Agenda da Praça; 21 e 30, Noite de Teatro («Vamos Contar Mentiras» de Alfonso Paso, com Raul Solnado, Florbela Queirós, Armando Cortez e Manuel Santos Carvalho. Realização de Fernando Frazão); 23 e 30, XXIX Volta a Portugal em Bicicleta — reportagem dos enviados especiais da R. T. P.; 23 e 45, Telejornal — ultimas notícias; 23 e 50, Meditação; e 23 e 55, Fecho.

Serviços urgentes

Telefones

BOMBEIROS — Sapadores. 322222 ● Voluntários 538524

AGUA GAS E ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ● Companhias Reunidas 537021 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla (dom. e feriados) 382069

POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Pública 366141 ● Judiciária. 735380 ● Marítima 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G. N. R. (área rural), 86865

SAUDE — Cruz Vermelha 665343 ● Enfermagem permanente. 766161 ● Enfermagem de urgência, 43758 ● Hospital de Santa Marta, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soro, 771161 ● Transfusões, soros e oxigénio. 538524

TRANSPORTES — Aeroporto. 721101 ● Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos de ferro (Estoril). 361121 ● Estação Fluvial (T. Paço) 325345 ● Estação Mar. de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima de Rocha, 672445 ● Estação Fluvial (Belém) 638531

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno M

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parênteses.)

ALCANTARA — **Probidade**, R. de Alcântara, 15-A-B (638589)

AJUDA — **Lidia Almeida**. Calçada da Ajuda, 170 (637318)

ALMIRANTE REIS — **Laboratório Brasil**, R. Alves Torgo, 29-31 (46845) ● **Guerra**, R. Andrade, 32-36 (845513).

ALTO DO PINA — **Eusil**, Rua Barão de Sabrosa 104 (841912)

ALVALADE — **Rainha Santa**, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) ● **Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (712682) ● **Brasília**, Av. do Rio de Janeiro, 66-66-A (722368)

AREEIRO — **Belmar**, Av. de Roma, 55-A (776314) ● **Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da America, lote 373 (725859) ● **Central do Areeiro**, Av. Paris, 2-2-A (720820)

AVENIDAS NOVAS — **Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 283-A (763015-765635) ● **Cardote, Ld.ª**, Av. Visconde de Valmor, 28-A-C (772291) ● **Palma**, Av. Duque de Avila, 25-31 (47088) ● **Arga, Ld.ª** Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938)

BAIRRO AZUL — **Sirius**, R. Filinto de Almeida, 36-B (44000)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso**, R. 21, n.º 4 (Bairro da Encarnação) (389216)

BAIXA — **Frazão**, R. das Portas de St. Antão, 12 (328180) **Durão**, R. Garrett, 90-92 (324166)

BENFICA — **Marques**, Est. de Benfica, 648 (700096) ● **Vitex** Est. de Benfica, 373-B (780548)

CAMPO DE OURIQUE — **Condestável**, R. Coelho da Rocha, 119 (666206)

CAMPOLIDE — **Impercial**, R. General Taborda, 28 (680931) ● **Almeida**, R. Silva Carvalho, 136 (681726) ● **Rualte**, R. do Arco do Carvalhão 5-A-5-B (651721)

CHARNECA — **São Bartolomeu**, Junto dos Balzares de Baixa, Vila Paulo Jorge, 1

CONDE DE REDONDO — **Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-63

CARNIDE — **Leal de Matos**, R. Neves Costa, 33-35 (780181)

ESTRELA E LAPA — **Gama**, Calç. da Estrela, 130 (660339)

GRAÇA — **Anunciada**, R. do Vigário, 14 (866360) ● **Progressiva**, R. de St.ª Marinha, 18 (863619)

LUMIAR — **Patuleia**, **Herdeiros**, R. do Lumiar, 122-124 (790332)

OLIVAIS — **Simão**, Rua D, 1-lote E, Av. Entre Aeroporto

PALHAVÃ — **Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (778439)

PAMPULHA — **Infante Santo**, R. do Olival, 290 (661003)

PATRIARCAL — **Cunha**, Rua da Escola Politécnica, 16 (325455)

PEDROUÇOS — **Restelo**, Rua Duarte Pacheco Pereira, 1-C (610741).

PENHA DE FRANÇA — **Dimar**, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (842533)

PICHELEIRA — **Mariuz**, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703-728395)

REGO — **Prates & Mota**, R. da Beneficência 91 (773729)

SANTO AMARO — **St. Amaro**, R. Filinto Elisio, 29-A-B (637070).

SÃO PAULO — **Ultramarina**, Rua de S. Paulo, 101 (21771)

DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — **Arijé**, R. do Grilo, 25 ● **Brito**, R. do Vale de Santo António, 7-9 (840125)

● Na Linha de Cascais

ALGÉS — **Nito** — Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)

CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** — Rua Costa Pinto, 86 (Tel. 2420034).

OEIRAS — **Godinho** — Rua Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).

PAREDE — **Macau** — R. J. Elias Garcia, 62-B (Tel. 2471785)

ESTORIL — **Costa** — Av. Sabola, 29-B — (Tel. 260085).

CASCAIS — **Misericórdia** — R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); **Cascais**—R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel. 282407)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — **Nunes** — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS — **Gusmão** — R. Candido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA — **Nuno Álvares** — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança** — Est. Nacional, 14

BARREIRO — **Pimenta** — R. Conselheiro Joaquim António Aguiar, 259 (Tel. 2273012)

COVA DA PIEDADE — **Atlantico** — Quinta do Pombal, (Tel. 274365)

MOITA — **Silva Rocha** — P. da Republica, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO — **Montepio** — R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA — **Leão** — Av. Salazar (Tel. 229028)

SETÚBAL — **Marques** — R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783); **Bonfim** — Av. Rodrigues Manitto, 12 (Tel. 24558).

SEIXAL — **Godinho** — L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

● Na Linha de Sintra

AMADORA — **S. Jorge** — R. Pedro del Negro, loja 5, Reboleira (Tel. 938703); **Campos** — R. Elias Garcia, 85 (Tel. 930072); **Clabel** — R. António Saraiva, lote 5, loja B (Tel. 931551); **Dias** — Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589)

QUELUZ — **Correia** — L. do Mercado, 5 (Tel. 950905); **Zeller** — R. da Republica, 83 (Tel. 950043)

CACÉM — **Central** — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS — **Quimia** — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel. 980456)

SINTRA — **Misericórdia** — L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)

VENDA NOVA — **Nova** — Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 933920)

COLARES — **Colares** — Abrelo — (Tel. 299088)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injecções — Tratamentos — Veias — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância

Telef. PPC 76 61 61

MÉDICO PERMANENTE

CLINICA GERAL

CHAMADAS TELEFÓNICAS [illegible] 48

EXCURSÃO DA C. P.

DOMINGO, 21 DE AGOSTO

FESTAS DA SENHORA DA AGONIA EM VIANA DO CASTELO

LISBOA — VIANA DO CASTELO, E VOLTA em comboio auto motor «Foguete» (ar condicionado).

Preço em 1.ª classe: 160$00

Partida da estação de Lisboa (Santa Apolónia), ás 5.40 horas do dia 21, com regresso á mesma estação ás 7.17 horas do dia 22.

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), na Agência de Viagens da E. G. T. (Rua do Arsenal, 124-1.º) e nos Despachos Centrais do Caminhos de Ferro em Lisboa

Yves Fernand Pierre Guint

MISSA DE 7.º DIA

Marguerite Ivonne Louise Ernestine Jean Guint, Yvette Pauline Marie Guint Barbosa, seu marido e filhos, Daniel Corentin Jeorg Emile Guint, René Sacha Fernand Guint, sua mulher e filhos, Paulette Leone Guint Santos Pereira, seu marido e filha, Roland Barrasin, sua mulher e filhos e mais família, participam que amanhã, pelas 12 horas, na Igreja de S. Luís Rei de França, será celebrada Missa pelo eterno descanso do seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente.

AGÊNCIA BARATA

BOLSA DE LISBOA

AS ULTIMAS COTAÇÕES DA SEMANA ANTERIOR

Fundos do Estado	ctec	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10	656$00	654$00	660$00
Cons. 3 % T. 10	725$50	725$00	726$00
Cons. 3 1/2 % T. 10	—	850$00	855$00
Centenários 4 % 1940	1.968$00	.966$00	.969$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.007$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.007$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	—	—
Externo 1.ª série	—	1.240$00	—
Externo 1.ª série car.	1.250$00	1.250$00	—
Externo 2.ª série	—	1.260$00	—
Externo 2.ª série car.	—	1.260$00	—
Externo 3.ª série	—	1.290$00	—
Externo 2.ª série car.	1.290$00	1.285$00	1.290$00
Caut. 3.ª série s/i.	—	300$00	301$00
Obrigações			
	—	465$00	—
Águas Lisboa 5 %	—	103$00	—
Norte de Portugal 5 %	—	—	—
Gás, Elect. 3 3/4 %	—	905$00	—
Gás, Elect. 4 %	—	—	950$00
Gás, Elect. 4 1/2 %	960$00	960$00	965$00
Gás, Elect. 5 %	—	—	90$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	86$00
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	93$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	90$00	—
U. E. P. 5 % 1951	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952	—	185$00	190$00
Sonefe	910$00	905$00	910$00
H. do Douro	—	—	—
H. E. S. Estrela	1.006$00	1.005$00	1.007$00
C. P. 4 1/2 %	990$00	990$00	995$00
Metropolitano	—	990$00	1.000$00
TAP			
Acções			
Bancos			
	1.380$00	375$00	1.385$00
Alentejo	—	450$00	1.500$00
Angola	—	1.000$00	—
Espírito Santo	—	4.100$00	4.200$00
Lisboa & Açores	—	2.460$00	—
Portugal	1.428$00	423$00	1.430$00
Ultramarino	1.340$00	330$00	1.345$00
Agricultura	—	1.590$00	—
Crédito Predial	—	—	—
P. Atlântico	—	—	—
Totta Aliança			
Seguros			
Fidelidade	—	340$00	345$00
Mundial	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Ag. [illegible]	556$00	555$00	560$00
Ag. das Neves	—	75$00	—
Agricultura Colonial	140$00	135$00	140$00
Açúcar de Angola	—	35$00	40$00
Boror	—	30$00	35$00
Cabinda	1.500$00	500$00	530$00
Cédá	—	70$00	73$00
Com. do Búzi	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Incomati	—	63$00	64$00
Moçambique	—	45$00	46$00
Zambézia	1.310$00	3[illegible]$00	3[illegible]5$00
Diamantes	—	540$00	550$00
Lobito			

Comp.as diversas	ctect	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	—	—
Cimentos Leiria	—	—	—
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	1.400$00	1.400$00	1.420$00
Nac. de Navegação	1.010$00	1.005$00	1.015$00
Col. de Navegação	—	570$00	—
Port. de Celulose	4.700$00	—	—
Port. de Pesca	—	—	—
Port. de Tabacos	369$00	366$00	369$00
Tabacos de Portugal	—	—	—
Petroquímica	3.900$00	3.870$00	3.950$00
Termoeléctrica	1.875$00	.875$00	1.880$00
Sacor	—	5.300$00	—
Socel	3.870$00	3.860$00	3.880$00
U. F. Azoto	1.135$00	1.130$00	1.140$00
Águas, Electricidade e Gás			
Águas Lisboa 1934	—	525$00	535$00
Águas Lisboa 1936	—	400$00	500$00
Eléct. das Beiras	1.840$00	840$00	850$00
Gás e Electricidade	427$00	426$50	427$00
H. Alto Alentejo	266$00	265$00	266$00
H. E. Cávado	—	—	1.420$00
H. E. Zêzere	1.620$00	1.615$00	1.620$00
Nac. de Electricidade	—	1.700$00	—
União Eléctrica Port.	252$00	251$00	253$00
H. Douro	1.450$00	1.450$00	1.455$00
H. E. S.	—	—	—
F. I. D. E. S.	—	116$70	120$20
F. Invest Atlântico	—	171$70	176$80

BANCO BORGES & IRMÃO

PAÍSES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul — Rand	35$50	37$50
Alemanha — Marco	7$05	7$25
América:		
Dólares de 1 a 2	28$40	28$70
Dólares de 5 a 1000	28$60	28$90
Argentina — Peso	$10	$15
Austria — Shilling	$10	1$15
Bélgica	$55,7	$57,7
Brasil — Cruzeiro	$01,1	$01,6
Canadá — Dólar	26$40	26$90
Dinamarca — Coroa	4$07	4$27
Espanha — Peseta	$47,5	$48,5
França	$06	$08
Holanda — Florim	5$77	5$92
Inglaterra — Libra	7$80	8$05
Itália — Lira	79$50	81$00
Marrocos — Dirham	$04,55	$04,7
Noruega — Coroa	4$60	5$10
Suécia	3$90	4$10
Suíça — Franco	5$40	5$70
Ouro:	6$60	6$75
Inglaterra (Libra Isabel)	285$00	295$00
Inglaterra (Libra)	285$00	295$00
Portugal — barra fino	32$80	33$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Telef. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE

O malandro encantador — Monumental
Céu aberto — Avis
Sem piedade — Mundial

TIVOLI
Telef. 5 05 95
M. 12 anos
3 da tarde (p. r.) e 9 da noite
8.ª MES
32.ª SEMANA
Um espectáculo maravilhoso em TODD-AO em 70 mm
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer
HOJE, ás 18.30: REBECCA (M. 17 anos)

SÃO JORGE
Telef. 5 41 53/54
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)
Integrado no «Festival 007»
AGENTE SECRETO 007
com Sean Connery — Ursula Andrews

MUNDIAL
Telef. 53 87 43
Às 21.30
ESTREIA
(Adultos)
Festival do Filme Italiano
SEM PIEDADE
de Alberto Lattuado
com Carla del Poggio, Giulietta Masina e John Kitzmiller
Argumento de F. Fellini

EDEN
Telef. 32 07 68
Às 15.15, 18.30 e 21.30
(Adultos)
A FÚRIA DO DESEJO
com Charlton Heston, Jennifer Jones, e Karl Malden

MONUMENTAL
Telef. 55 51 31
HOJE, ás 21.30
ESTREIA
(M. 17 anos)
O mais moderno, audacioso e completo filme de Sean Connery
O MALANDRO ENCANTADOR
c/ Joanne Woodward e Jean Seberg

POLITEAMA
Telef. 32 63 05
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
A comédia de fabuloso interesse de sedução
O VERÃO DOS MEUS SONHOS
com Hayley Mills e Burl Ives
Um admirável poema de ternura
Tecnicolor (M. 12 anos)

LIZ
Telef. 4 85 60
As 21 horas
(Adultos)
TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO
JESSICA

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

AVENIDA — Às 22: «Um príncipe do meu bairro» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «A cidade não é para mim» (12 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Quando é que tu casas com minha mulher» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «A revolta de um cobarde» (12 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 15: «Scaramouche» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «O terror das estepes» (12 anos).
IMPERIAL — Às 21: «Relíquia macabra» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Eu sou mau» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «O veneno do diabo» (17 anos).
OLÍMPIA — Às 19: «O Gavião dos Mares» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Amor de Perdição» (12 anos)
ROYAL — Às 21: «Uma rapariga nos teus braços» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «3 homens numa jangada» (12 anos).
CINE-ORIENTE — «O vampiro de Dusseldorf» (17 anos).
CINE-CASTANHEIRA — «002 operação bikini» (17 anos).

● Na Linha de Cascais

OEIRAS — Oeiras-Ciné — Às 21: «Todas eram encantadoras» (17 anos).
CARCAVELOS — Vitória-Cine — Às 21 e e 30: «A rapariga das violetas» (12 anos).
PAREDE — Royal-Cine — Às 21: «As mulheres é comigo» (17 anos).
ESTORIL — Cine-Esplanada — Às 21 e 30: «A patrulha perdida» (12 anos).
CASCAIS — S. José — Às 21 e 30: «Sombras brancas» (17 anos).

● Na Outra Banda

COSTA DA CAPARICA — Cine-Copacabana — Às 21: «Quando o mundo cegou» e «A mulher de palha» (17 anos).

● Na Linha de Sintra

AMADORA — Recreios-Desportivos — Às 21 e 15: «O renegado da selva» (12 anos)
MEM MARTINS — Cine-Chaby — Às 21 e 30: «O renegado» (12 anos).
ERICEIRA — Casino — Às 21 e 30: «Os sedutores» (17 anos).

IMPERIO
Telef. 55 51 34
Às 15.15, 18.30 e 21.30
(M. 12 anos)
com Anita Ekberg e Tony Randall
O ALFABETO DO CRIME

estúdio
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
13.ª SEMANA
O maior filme de sempre
AFRICA ADEUS

ROMA
Plateia 72 77 78
Balcão 72 91 92
Às 15, 18.30 e 21.45
(M. 12 anos)
2.ª semana de êxito!
Spencer Tracy á frente de um fabuloso elenco, na mais desconcertante e louca das comédias!
O MUNDO MALUCO
Tela de 70 mm. — Technicolor
— Preços normais —
AR CONDICIONADO

estudio 444
Telef. 75 00 95
Às 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
17.ª SEMANA DE SENSAÇÃO!
do mais extraordinário e vibrante documentário sobre o ilegal mercado de carne humana!
AS ESCRAVAS AINDA EXISTEM
Realização em Eastmancolor
AR CONDICIONADO

ALVALADE
Telef. 76 30 80
Às 15.15 (p. r.), e 21.45
(M. 17 anos)
Ciclo de aventuras no Oeste
UMA BALA PARA UM BANDIDO
com Audie Murphy e Ruta Lee

CONDES
Telef. 32 25 23
Às 15, 18.15 (p. r.) e 21.30
(M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Ninguém gostaria de viver em Peyton Place...
Mas todos gostariam de saber os seus escandalos!
AMAR NÃO É PECADO
com Lana Turner — Hope Lange

ODEON
Telef. 32 62 83
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30
GRANDE ÊXITO da notável e alegre comédia musical
com os dois famosos ídolos Lola Flores e António Aguilar
A BRUXA CIGANA
...quanto maior era o ciúme que os dominava mais os seus corações se aproximavam...
(M. 12 anos)

AVIS
Às 21.45
(M. 12 anos)
Kirk Douglas, Dewey Martin e Elizabeth Threatt na maior aventura de todos os tempos!
CÉU ABERTO
Portentosa realização de Howard Hawks
AR CONDICIONADO

EUROPA
Telef. 66 10 16
Às 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
(Adultos)
Um filme em que acontece á «italiana»
DOMINGO DE VERÃO... (À ITALIANA)
c/ Anna Maria Ferrero e Ugo Tognazzi

RESTELO
Telef. 61 03 75
Às 21.30
(M. 12 anos)
MISSÃO NA COREIA
com Robert Mitchum e Ann Blyth

ESPLANADA PORTUGALIA
Telef. 4 76 63
Às 21.30
(M. 17 anos)
A HISTÓRIA DE UM DETECTIVE OS CAMINHOS DA AMBIÇÃO

CINEMA IDEAL
Telef. 32 41 94
As 15.15 e 21 h.
(M. 17 anos)
BAR FURADO
A LOBA

LIVROS NOVOS

«VIDA DE MÉDICO»

por Augusto Cepeda

Relata-se neste livro de simpática expressão humana a experiência de doze anos de actividade clínica na província — missão que, em muitos casos, e é verdadeiro sacerdócio social. O dr. Augusto Cepeda anota, em prefácio justificativo, que «o direito á saúde tem de ser concedido a todos em igualdade de circunstancias. Para o conseguir, a medicina livre tem de ceder terreno á medicina colectiva. Mas, naquela, além do mais, encontramo-nos muitas vezes privados dos diversos e sempre crescentes recursos da nossa ciência, enquanto, na ultima, me parece haver uma lacuna grave: a convivência, a relação íntima médico-doente, sempre indispensável e cada vez mais necessária, quase se extingue. Por outras palavras: na primeira parece-me poder atender-se melhor á doença e, na segunda, ao caso clinico».

É sob essa inspiração de humanismo profissional e de compreensão dos problemas complexos da medicina que o dr. Augusto Cepeda desenrola os relatos muito expressivos da sua experiência, desde o primeiro doente, trazendo o seu contributo pessoal em interessante nível literário á bibliografia do género *Editorial Argus, Porto.*

O rosto por barbear de Robert Mitchum reflecte a apatia que advém da surpresa e da dor causada pelo choque do soco que lhe deu John Wayne, seu bom amigo e companheiro de trabalho no filme «Eldorado». É que um soco de Wayne deve doer mesmo...

«OS ETRUSCOS»

por Raymond Bloch

Como 4.º volume da colecção «História Mundi», prosseguindo assim uma série criteriosamente coordenada, publicou a *Editorial Verbo* o estudo histórico «Os Etruscos», do historiador Raymond Bloch. Os volumes anteriores tiveram por tema «Os Celtas», «Os Egípcios» e «Os Gregos até Alexandre» e os seguintes versarão os passos dispersos no tempo e na geografia da marcha das civilizações. O notável trabalho de Raymond Bloch, acompanhado de valiosa série de ilustrações, traz a informação mais actualizada sobre o povo misterioso e de insuspeitado papel histórico que precedeu a grande irradiação de Roma e do seu império.

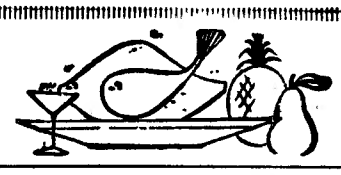
Os antecedentes da etruscologia, as origens dos etruscos, o enigma da língua, a história conhecida desse povo, a literatura, a religião e a arte, preenchem capítulos de sugestiva leitura e valiosa informação cultural nesta edição.

«ASPECTOS SOCIAIS DA COMUNIDADE ECONÓMICA EUROPEIA»

É um estudo muito oportuno, tendo presente a actual conjuntura económica europeia, no que diz respeito aos movimentos de integração económica, o estudo da dr.ª Maria Odete Vital, intitulado «Aspectos Sociais da Comunidade Económica Europeia», e agora publicado pelo Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra. A autora refere alguns pontos da actividade da comunidade com vista á execução das disposições especificamente relacionadas com o campo social inseridas no Tratado de Roma. Concretamente, considera os mercados de trabalho, a livre circulação de trabalhadores, a segurança social dos trabalhadores migrantes, a política comum de formação profissional, o fundo social europeu e harmonização dos sistemas sociais, com a preocupação de detectar perspectivas sociais ligadas a movimentos de integração económica, perspectivas essas que, futuramente, poderão vir a interessar ao País.

DEFENDA-SE DO PERIGO
LEMBRE-SE
O AMORTECEDOR KONI DARÁ
MELHOR ESTABILIDADE
MELHOR DIRECÇÃO
MELHOR COMODIDADE
CARREGAVEIS • REGULÁVEIS • REPARÁVEIS
UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO
Distribuidores para Portugal — Sociedade Geral de Importação, Lda.
Avenida António Augusto de Aguiar, 23-A — Telefone 731131

bom apetite



Restaurante
TATU
CAMPO GRANDE, 80 Telef. 765188
AMANHÃ
FEIJOADA À BRASILEIRA
5.ª-FEIRA
PATO NO FORNO
Servem-se casamentos e baptizados

Café CANAS
RESTAURANTE
CERVEJARIA — SNACK-BAR
PASTELARIA
R. SARAIVA DE CARVALHO, 145-A
Telefs. 672229 - 666532

restaurante arameiro
PRÉMIO DO S. N. I.
TRAV. S. ANTÃO 21 — LISBOA
(Restauradores) Telef. 36 71 85

RESTAURANTE
REFÚGIO DO TAVARES
Casa especializada em MARISCOS E FRANGO NO ESPETO
Serviço á lista
Av. Braga, N.º 3 — Telef. 62475
PÓVOA DE VARZIM

RESTAURANTE
CUBANA
Av. Miguel Bombarda, n.º 14
Telefone 77 32 80
COZINHA PORTUGUESA
Amanhã
Ensopado de Eiroses
Quinta-feira
Vitela á Jardineira

RESTAURANTE
BOLIDE
(Premiado nos concursos do S. N. I.)
AMANHÃ
Bacalhau à Brás
Dobrada à moda do Porto
c/ feijão branco
Diàriamente especialidades do mar
AV. DE ROMA, 7-A — Telef. 763522

RESTAURANTE FIL
UMA JANELA ABERTA SOBRE A PONTE
ALMOÇOS • LANCHES • JANTARES
PRAÇA DAS INDÚSTRIAS • A JUNQUEIRA
TEL. 63 90 48

PENSÃO
GRADE
DIÁRIA DE CASAL ..... 142$50
DIÁRIA INDIVIDUAL ..... 80$00
PORTIMÃO
Telef. 352

DIÁRIO DO PORTO
Diário de Lisboa

DELEGAÇÃO
RUA DO ALMADA, 30-2.º
Telefones 20954/5 • Telex 782

UM INCÊNDIO NA AFURADA

ATINGIU TRÊS PRÉDIOS

Pouco depois das sete horas, declarou-se incêndio num prédio da Rua 27 de Fevereiro, na Afurada. Impelidas por forte vento, as chamas propagaram-se a mais dois prédios. —

O fogo cujas origens ainda se desconhecem, começou no rés-do-chão e no primeiro andar daquele prédio, pertencente ao sr. António Gomes Organista, que vive no referido andar. Mora no rés-do-chão a sr.ª D. Margarida Ferreira Lapa. As labaredas minando o travejamento, atingiram o prédio contíguo, que pertence á sr.ª D. Julieta Custódia de Pinho, ali residente, com seu genro e que possui no rés-do-chão uma padaria.

Foi, depois, atingido outro prédio contíguo, mas que dá para a Rua Agostinho Albano, e é da sr.ª D. Ermelinda Ferreira Lapa.

Compareceram os Bombeiros Municipais de Gaia e Voluntários de Coimbrões e de Valadares, os quais após denodado esforço, conseguiram dominar o fogo.

Os prejuizos, embora limitados, na maior parte, á destruição dos travejamentos daqueles prédios, são, contudo, elevados.

Acidente de viação

Veio para o Hospital de São João, numa ambulancia dos Bombeiros Voluntários de Viana do Castelo, o sr. Manuel Lopes, de 52 anos, casado, residente em Ponte de Lima, que caiu de uma camioneta de carga em andamento e sofreu traumatismo craniano e ferimentos, aos quais recebera os primeiros socorros no hospital daquela cidade.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «A Bela de Roma» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Marie Chantal contra o Dr.ª Kah» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Paixões que escaldam» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «O grande massacre» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Uma vida por viver» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Máscaras para todos» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «A maldição do rubi negro» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21 e 15: «Os conquistadores» e «Esquadrilha heróica» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Capas Negras» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Rio bravo» (12 anos).

Amanhã, à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «A bela de Roma» (17 anos)
RIVOLI — Às 15 e 30: «Paixões que escaldam» (17 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «Uma vida por viver» (17 anos).
BATALHA — Às 15 e 30: «O grande massacre» (12 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «Máscaras para todos» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Território fora da lei» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15 e 15: «O Inferno na Terra» e «Cinco histórias premeditadas» (17 anos).

STAR VIAGENS

EM LUXUOSOS TRANSATLÂNTICOS

CRUZEIRO AO MEDITERRÂNEO:
No «ANNA C»
Partidas todos os sábados, até 6 de Outubro
Duração 8 dias
Preços desde 3.450$00

CRUZEIRO AO MEDITERRÂNEO E GRÉCIA:
No «OLYMPIA» e «QUEEN ANNA MARIA»
Partidas em diversas datas
Duração 16 dias
Preços desde 6.830$00

EM AVIÃO E AUTOPULLMANS

ESTADOS UNIDOS E CANADÁ:
Nova York, Washington, Chicago, Detroit, Cataratas do Niagára
Partidas ás 2.as, 4.as e 5.as-feiras
Duração 16 dias — 13.950$00

ÁFRICA DO SUL:
Johanesburgo, Parque de Kruger, Pretória, Durban, Cape Town
Partidas: 6.as-feiras
Duração 17 dias — 26.900$00

EM AVIÃO

BRASIL:
Rio de Janeiro, S. Paulo, Belo Horizonte, Brasília, S. Salvador, Recife
Partidas: 3.as, 4.as, 6.as e sábados
Duração 18 dias — 27.500$00

Antes de organizar as suas férias peça programas detalhados e o livro
VIAGENS STAR-66
Av.ª Sidónio Pais, 4-A
Telef. 53 89 71 — LISBOA
Pr. dos Restauradores, 14
Telef. 36 25 01 — LISBOA
Rua do Alecrim, 10
Telef. 36 95 03 — LISBOA
Av.ª dos Aliados, 210-220
Telef. 3 68 27 — PORTO
ou nas filiais do ESTORIL, FUNCHAL e LUANDA

Utilize o Credi-STAR
Viaje agora e pague depois

DESLUSTRAGEM A SECO
Garantia absoluta, igualmente em mpeza a seco com acabamentos por alfaiate. Bastará ligar a 323422. | R. da Prata, 156, s/l (único no género)

Um dos sinaleiros de Luanda em actividade (Telefoto)

Os sinaleiros de Luanda

houveram-se com perícia no pandemónio do trânsito

Tivemos, hoje, a novidade de sinaleiros de Luanda, regulando o transito nos cruzamentos das ruas Passos Manuel-Santa Catarina-Sá da Bandeira e na Praça da Batalha. A sua aparição causou surpresa e suscitou o interesse de condutores e peões.

Indiferentes, os gestos como o código determina, dinamicos, e expeditos, sempre delicados e solícitos, regulavam o movimento com decidida determinação. E pode dizer-se que são muito bons elementos, fazendo crer que muito contribuiriam para melhorar o transito da cidade, se cá estivessem sempre.

São seis esses simpáticos sinaleiros: o 540, João Viegas; o 325, José Gunza; o 902, Roque Sebastião da Silva; o 370, Mateus Pedro; o 669, João Francisco Pereira Gaina, e o 727, Matias Adão José, dirigidos pelo sr. subchefe Francisco Baltazar Pores. Este que não é de cor, á saída da Rua de Entre Paredes, também com bom sentido da norma do transito, ajudava, naquele difícil ponto, a sua regularização. E foi ele quem nos disse estar admirado com a dificuldade da circulação e a indisciplina dos peões no burgo portuense.

Na Praça da Batalha, local difícil para qualquer sinaleiro, esteve até ao meio-dia o sr. José Gunza. Quando foi substituído, declarou-nos que ali o transito era difícil, por virem carros de muitos lados, em grande numemro e por poderem voltar de uns para outros.

— E' muito complicado—disse—, este posto. Mas gostei de cá vir, como gostei de estar em Lisboa!

— Mas onde é mais difícil o transito?

— Julgo que aqui é pior!

— Gostava de cá ficar?

— Tenho a família em Luanda, e isso não deixa. Mas se a família viesse, gostava de cá viver

Falámos, também, com o sr. José Viegas, o qual afirmou que lhe agradaria vir para cá, se a família viesse; e que, em Lisboa, sendo maior o transito é mais fácil de dirigir, acrescentando:

— Mas um profissional tem que se arranjar, e resolver os problemas; e, com um bocado de prática, isto aqui também ia até á perfeição!

Estes trs êsinaleiros foram, depois, substituídos por outros três seus companheiros. E continuaram a suscitar o interesse dos automobilistas, os quais, surpreendidos, chegavam a dar uma ou mais voltas para apreciarem a novidade. Os peões, por sua vez, enchiam os cantos dos cruzamentos onde eles se encontravam.

Todo o grupo, antes de regressar a Angola, ficará uns dias mais nesta cidade, trabalhando seis horas por dia. Durante o tempo livre fazerão visitas e darão passeios proporcionados pela P. S. P. desta cidade.

Decorrem investigações

para esclarecimento do caso da morte de um recém-nascido e das suspeitas que recaem nos pais

VIEIRA DO MINHO, 16 — Na manhã de quarta-feira passada, apareceu morta, na freguesia de Ventosa, uma criança de um mês e onze dias, de nome Ana Paula, filha de Laura da Conceição Costa Macedo, de 27 anos, natural de Braga e residente em Matosinhos, e de Miguel de Jesus Fernandes. Estes tinham vindo para aqui vender refrigerantes, durante as Festas de São Bento da Porta Aberta.

A Laura, que é casada, não vive com o marido, mas sim em mancebia com o Miguel, que é o pai da Ana Paula.

Quando o pequeno corpo foi encontrado, logo se suspeitou de crime, por ser notório o pouco amor que a mãe lhe tinha e, ainda, entregar-se a mulher ao vício da embriaguez. E a hipótese mais se avolumou entre a população local pelo facto de, no dia anterior, a Laura, completamente embriagada, ter posto a filha deitada á torreira do sol, deixando-a, durante a noite, ao relento.

O comandante do posto da G. N. R., a quem o caso foi comunicado, e que logo seguiu para o local do drama, ali observando o corpo do inocente, ficou com a impressão de que a morte foi consequência de asfixia.

Tudo leva a crer que a criança sucumbiu a uma bronco-pneumonia (talvez consequência da exposição ao sol e, depois, ao frio nocturno). O pequeno corpo foi removido para a casa mortuária do hospital, a fim de ser autopsiado, aguardando-se o exame ás vísceras, que determinará as verdadeiras causas da morte do inditoso recém-nascido.

Entretanto, os pais continuam presos na cadeia comarcã, enquanto decorrem as diligências para esclarecimento do drama.

Segundo o Miguel Fernandes, ter-lhe-ia dito a Laura, depois de a criança aparecer morta, que o melhor era deitar o pequeno corpo ao rio, no intento de o fazer desaparecer na albufeira da Caniçada, ao que ele se teria oposto.

Seguiu viagem o «Amerigo Vespucci»

Ao princípio da tarde, largou do porto de Leixões, onde esteve atracado desde quinta-feira, o navio-escola italiano «Amerigo Vespucci», que anda em viagem de instrução de cadetes.

Durante a visita, os tripulantes foram obsequiados pelas autoridades portuguesas com recepções, retribuidas pelo comandante do navio, que foi agraciado com a Ordem do Infante D. Henrique, cujas insígnias o chefe do distrito lhe entregou.

O «Amerigo Vespucci» seguiu rumo á ilha da Madeira e fundeará no Funchal, na segunda-feira.

Farmácias de serviço esta noite (6.º turno)

ANTERO DO QUENTAL, R. de A. do Quental, 520 (T. 4-5048) ✻ AZEVEDO, R. do Meiral, 503 (T. 5-2344) ✻ CORREIA DE ARAUJO, R. Santa Catarina, 259 (T. 2-5644) ✻ CRUZ, R. Costa Cabral, 1084 (T. 4-0041) ✻ GUARANI, R. Pedro Hispano, 367 (T. 6-2250) ✻ HERCULANO, R. Alex. Herculano, 390 (T. 2-7943) ✻ ✻ LIGA A. S. MUTUOS, R. Bonjardim, 284 (T. 2-1711) ✻ MAGALHÃES, R. Serralves, 566 (T. 6-3561) ✻ NOVA DE MONSANTO, R. Monsanto, 148 (T. 49-0889) ✻ RIBEIRO JUNIOR, R. Firmeza, 99-A (T. 2-3849) ✻ SAMPAIO, R. Cedofeita, 636 (T. 2-1782) ✻ SANIL, R. Paraiso, 214 (T. 2-1782) ✻ VITÁLIA, Pr. Liberdade, 37 (T. 2-4133) ✻ GONDARÉM, R. Gondarém, 360 — Foz.

Central eléctrica para o aeroporto de Santa Maria

No dia 6 de Outubro, ás 15 horas, efectua-se o concurso público para a arrematação da empreitada de fornecimento e montagem de uma central eléctrica para o aeroporto de Santa Maria. O depósito provisório é de 400 contos.

Mercado Municipal de Barcelos

Vai ser construído o mercado municipal de Barcelos, estando a obra orçada em 3200 contos.

POSSUIMOS TUDO QUE É NECESSÁRIO PARA ENXOVAIS E PARA A SUA CONFECÇÃO
PREÇOS EXCEPCIONAIS

Lavores Femininos
Av. Guerra Junqueiro, 3-D
LISBOA
LAVORES
Rua Aurea, 179

BOSCH
PONTO AZUL
FRIGORÍFICOS
TELEVISORES
DE FAMA MUNDIAL
INDISCUTÍVEL
A PRONTO OU COM FACILIDADES É SEMPRE MAIS ECONÓMICO NA
Bardo
AV. DA LIBERDADE, 131
RUA DE S. BENTO, 53 57
AV. ALMIRANTE REIS, 124 B

CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES